



LIVRO
OFICIAL DO
FILME

O JARDIM SECRETO

A HISTÓRIA CONTADA NO FILME
LINDA CHAPMAN



O JARDIM SECRETO

A HISTÓRIA CONTADA NO FILME



LINDA CHAPMAN

Baseado no roteiro escrito por Jack Thorne, e baseado
no livro original escrito por Frances Hodgson Burnett

Tradução
Alda Lima



Rio de Janeiro, 2020

Copyright © 2020 by STUDIOCANAL S.A.S. All rights reserved.
Título original: The Secret Garden

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.
Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Rayssa Galvão*

Preparação de original: *Marcela Isensee*

Revisão: *André Sequeira*

Adaptação de capa: *Osmane Garcia Filho*

Diagramação: *Abreu's System*

Produção do eBook: *Ranna Studio*

CIP/Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C432j

Chapman, Linda

O jardim secreto: a história do filme / Linda Chapman; tradução Alda Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Haper Collins, 2020.
208 p.

Tradução de: The secret garden; the cinematic adaptation
ISBN 9788595086920

1. Ficção inglesa. I. Lima, Alda. II. Título.

20:62739

CDD: 823

CDU: 82:3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza : Bibliotecária CRB,7/6439

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br



Sumário

CAPÍTULO UM | Barulhos na noite

CAPÍTULO DOIS | Uma longa viagem

CAPÍTULO TRÊS | Misselthwaite Manor

CAPÍTULO QUATRO | A mansão à noite

CAPÍTULO CINCO | Explorando a mansão

CAPÍTULO SEIS | Fazendo amigos

CAPÍTULO SETE | Colin

CAPÍTULO OITO | O sr. Craven

CAPÍTULO NOVE | O jardim secreto

CAPÍTULO DEZ | Primos

CAPÍTULO ONZE | Sonhos e lembranças

CAPÍTULO DOZE | Dickon

CAPÍTULO TREZE | O quarto escondido

CAPÍTULO CATORZE | O segredo do pássaro

CAPÍTULO QUINZE | Correndo riscos

CAPÍTULO DEZESSEIS | Novos amigos

CAPÍTULO DEZESSETE | Descoberta

CAPÍTULO DEZOITO | Prisioneira

CAPÍTULO DEZENOVE | Libertando o passado

CAPÍTULO VINTE | Uma saída

CAPÍTULO VINTE E UM | O incêndio

CAPÍTULO VINTE E DOIS | Acreditar em magia

CAPÍTULO VINTE E TRÊS | Quatro meses depois...

Sobre a autora



CAPÍTULO UM

Barulhos na noite

Mary Lennox não conseguia dormir. Um grande ventilador de teto girava lentamente, mas o quarto estava quente demais. Lá fora, em meio à escura noite indiana, os insetos que chilreavam e sibilavam eram abafados por gritos. *Os criados estão fazendo muito barulho esta noite*, pensou Mary. *Por que papai não manda ficarem quietos?* Sentando-se na cama, Mary ajeitou as mechas do cabelo na altura do queixo atrás das orelhas e pegou sua boneca de pano.

— Está conseguindo dormir, Jemima? — sussurrou.

A boneca apenas a encarou.

Mary gostava de fingir que Jemima entendia tudo que ela dizia, porque conversar e contar histórias para a boneca era uma maneira de minimizar o tédio e a solidão. Não tinha irmãos nem irmãs, e os criados — exceto a aia, sua ama indiana — mantinham certa distância. E não podia ir muito lá fora, porque o sol era forte demais. O pai estava sempre ocupado com o trabalho, sem tempo para brincar tanto quanto ela gostaria, e a mãe... Mary mordeu o lábio. Sabia que sua mãe não gostava dela. Às vezes, achava até que a odiava.

Bom, eu também a odeio, pensou Mary, fechando a cara.

Ouviu um grito vindo de algum lugar da casa, seguido pelo som de uma pancada e uma porta batendo. Sentiu um frio na barriga. Espiou pela porta do quarto. O que estava acontecendo?

Escutara o pai conversando com amigos, comentando a respeito dos tumultos que aconteciam Índia afora. Não tinha entendido bem, mas parecia que o povo indiano não queria mais os ingleses em sua terra e estava pedindo aos estrangeiros que fossem embora. Papai e seus amigos tinham conversado sobre os conflitos nas ruas. Mas essas ruas com certeza eram bem longe dali, em cidades distantes. Os criados indianos que trabalhavam para a família Lennox continuavam cumprindo as ordens, então Mary não conseguia imaginá-los brigando. Não, estava segura. Nada de ruim lhe aconteceria.

Afagou os cabelos da boneca, tentando ignorar as pancadas, as batidas e os gritos abafados vindo de fora do quarto.

— Está com medo, Jemima? Bom, não precisa ficar. São só os adultos sendo adultos. Quer que eu conte uma história para você ficar mais calma?

Mary acendeu uma lamparina e saiu da cama, levando Jemima para uma cabana que construía com almofadas e cobertas bem no meio do quarto. Começou a recitar uma de suas histórias favoritas, com direito a um teatrinho de sombras para acompanhar as falas. Era uma história que ouvira da aia, sobre um menino chamado Rama e uma menina chamada Sita que se amavam muito, só que um dia um demônio sequestrou Sita e a levou embora. As histórias da aia eram cheias de deuses e demônios, mágica e aventura.

Quando Mary estava chegando ao fim da história, e os barulhos fora do quarto tinham se aquietado, suas pálpebras começaram a pesar.

— Rama já estava alcançando Sita e o demônio, mas o demônio disparou um fogo que o aprisionou entre as chamas — falou, bocejando. — Por sorte, Agni, o deus do fogo, estava assistindo a tudo; ele separou as chamas e subiu com Rama até as nuvens. Depois disso, os dois partiram, procurando, em uma busca eterna, o amor de Rama.

Mary apagou a lamparina e se afundou nas almofadas, Jemima ainda em seus braços. Piscou uma, duas vezes, até que, poucos segundos depois, adormeceu.



Um gramado verde e úmido... canteiros repletos de flores cor-de-rosa, lilás e azuis... árvores com galhos desabrochando... Mary seguiu correndo por uma trilha ladeada de estátuas... Um adulto segurava a sua mão. Ela estava rindo, tentando não cair, e se sentia feliz — uma felicidade completa, maravilhosa...

Mary foi acordando aos poucos. Tentou se agarrar àquele sonho familiar, mas, como sempre, ele já se esvaíra. O jardim dos sonhos era diferente de qualquer outro que já conhecera, mas parecia tão real quando estava lá que Mary sempre se enchia de uma felicidade genuína quando o visitava. Suspirando, esfregou os olhos. A primeira coisa que notou foi que as cortinas ainda estavam abertas e que estava bem claro lá fora. A luz do sol inundava o quarto. Mary sentiu a barriga roncar. Onde estava sua aia? Por que não trouxera o café da manhã?

Faminta e zangada, ela se sentou, ainda no seu canto.

— Aia! — chamou, alto.

Para a surpresa dela, a porta não se abriu de repente, revelando o rosto gentil da aia. Ainda mais zangada, Mary ergueu a voz:

— Aia! Estou chamando! Está tarde e ainda nem me vesti! — Então berrou: — AIA!

Mary aguardou. Ninguém veio. O que estava acontecendo? A casa estava completamente quieta. Aquilo era estranho. Em geral conseguia ouvir os empregados andando para lá e para cá. Ficou aflita, lembrando os sons estranhos da noite anterior.

— Será... será que devemos sair e dar uma olhada para tentar encontrar alguém? O que acha, Jemima? — Tentava soar corajosa, mas sua voz saiu meio trêmula. — É, eu também acho que é uma boa ideia... Não se preocupe. Vou cuidar de você. Vamos atrás do papai, e ele vai buscar a aia.

Ela abriu a porta do quarto e parou. Os quadros tinham sido arrancados das paredes e estavam largados no chão, sem as molduras de ouro. Sentido o coração acelerado, Mary saiu correndo pela casa. Todos os cômodos estavam iguais: cortinas arrancadas, enfeites quebrados no chão, os móveis quase todos desaparecidos, e, na cozinha, armários abertos e prateleiras vazias. Tudo de valor tinha sumido, e — pior ainda — não havia mais ninguém lá.

— Pai? Papai? Aia? — chamou, mais alto.

Mary abriu as portas para a varanda. O sol continuava brilhando forte, mas o jardim estava tão deserto quanto a casa. Ela segurou Jemima mais apertado, sussurrando:

— Para onde foi todo mundo?



CAPÍTULO DOIS

Uma longa viagem

Mary estava sentada no banco de madeira de um enorme navio, que cruzava um vasto oceano rumo à Inglaterra, deixando a Índia para trás. Estava com as costas retas e admirava o céu em silêncio, segurando Jemima nos braços. Perto dela, no convés, um grupo de crianças barulhentas brincava, mas Mary não se juntou a elas. Já fazia várias semanas desde que acordara e encontrara a casa saqueada, mas parecia ter se passado uma vida inteira.

Ninguém aparecera na casa durante dois dias, até chegarem dois guardas ingleses, que tinham ficado espantados ao encontrar Mary lá. A menina estava suja, com sede e fome, e foi levada para o hospital. Mary perguntara aos dois onde estavam seus pais, mas os guardas apenas pediram que ela fosse boazinha e não se preocupasse. No hospital, uma enfermeira lhe dera algo para comer e beber, e a ajudara a tomar banho e vestir roupas limpas. Em seguida, um médico a examinara. A enfermeira e o médico também não respondiam às suas perguntas sobre os pais.

Enquanto esperava em uma salinha, imaginando quando o pai apareceria para levá-la para casa e o que ele diria ao descobrir que todos os criados tinham desaparecido, Mary escutou os dois guardas conversando na sala ao lado.

— Essa história foi um horror! — comentou um deles, muito sério. — Coitadinha. Se tivéssemos conseguido evacuar a família antes dessa confusão toda... A epidemia de cólera não poderia ter vindo em uma hora pior...

Mary aguçou os ouvidos. Sabia que cólera era uma doença mortal, que levava muita gente, mas o que aquilo tinha a ver com sua família?

— O médico disse que a cólera levou a mãe da garota de repente. O pai a trouxe às pressas no meio da noite, mas já era tarde demais... — falou o guarda.

Mary congelou, um mau presságio descendo como um arrepio pela espinha. Tarde demais para quê?

— A mãe morreu naquela noite, e o pai se foi na manhã seguinte.

O coração de Mary começou a martelar tão rápido que ela achou que fosse pular do peito. *Papai e mamãe... mortos?* Arfou. Não, não podiam ter morrido! Não podiam! Mas, mesmo negando, sabia, com uma certeza horrível e devastadora, que só podia verdade. Os guardas não teriam se enganado a respeito de uma coisa daquelas. Foi tomada por um choro enorme, um misto de soluço e choramingo, um pranto engasgado.

Ouviu passos, e um dos guardas pôs a cabeça para dentro da porta.

— Ah, meu Deus! Ela está aqui.

O homem pigarreou, constrangido, claramente sem ter ideia de como consolar a menina de 10 anos.

Seu colega se juntou a eles.

— Ah, meu Deus, o que vamos fazer com ela? A menina não pode ficar aqui — comentou.

Em meio às lágrimas, Mary notou o primeiro guarda consultando as anotações.

— A menina tem um tio viúvo na Inglaterra. Será mandada de volta no navio, junto das outras crianças.



Mary foi passada de mão em mão, como uma encomenda indesejada. Ao deixar o hospital, ficou hospedada com um pastor, o sr. Crawford, que morava com a esposa e os cinco filhos. Mary ouvia os comentários dos adultos em volta, alegando que seria melhor para ela ficar com outras crianças, mas não entendia por quê. Ela não queria brincar com os filhos dos Crawford. Eram todos mais novos e ficavam perguntando tudo sobre seus pais, sobre como tinham morrido. Mary estava se

sentindo muito mal, não queria ter que explicar nada. Até que, por fim, perdeu o controle e rasgou um desenho que o mais novo fizera para ela, gritando para que as crianças a deixassem em paz. Depois daquilo, os cinco mantiveram distância, observando-a de longe, como se fosse um animal estranho e selvagem. Mary não ligou. Achava que nunca mais ligaria para nada.

Tinha ouvido o pastor conversando com a esposa robusta e cheia de boas intenções, cochichando sobre ela:

— Coitadinha... Já mandaram um aviso para Londres... O sujeito é tio porque foi casado com a irmã gêmea da mãe dela, que morreu há anos... Que tragédia, pobre homem. Mas é o único parente vivo, e vai ter que acolher a menina, querendo ou não...

Finalmente, um telegrama chegou.

— O navio para a Inglaterra parte amanhã — informou a sra. Crawford. — Seu tio, o sr. Craven, que foi casado com sua tia Grace, concordou em recebê-la na casa dele. A casa se chama Misselthwaite Manor, e fica em Yorkshire. Você é mesmo uma garota de sorte, Mary. Seu tio é um homem rico.

A menina engoliu em seco. Como a sra. Crawford tinha coragem de dizer que ela era uma garota de sorte? Seus pais estavam mortos e seria mandada para morar com um tio velho em uma casa horrível, em um país estranho! Seus olhos arderam com as lágrimas, mas se recusava a chorar na frente dos Crawford. Ela se recusava!

Apertando os lábios, Mary assentiu e subiu as escadas. Já no quarto, fechou a porta e se jogou na cama, soluçando sem parar contra o travesseiro, que abafava o choro amargo.



O navio que a levou da Índia para a Inglaterra estava cheio e barulhento. Havia famílias demais a bordo, todas voltando para a Inglaterra por causa dos tumultos no país. Mary passou a viagem fazendo as refeições junto das outras crianças e fazendo tudo que lhe mandavam. E odiou cada segundo. A comida era horrível, e as crianças eram brutas e barulhentas. No primeiro dia, empurrou o prato de comida para longe.

— Isso é nojento! — exclamou.

Um garoto todo desalinhado sentado ao seu lado tratou de pegar o prato e passar a comida para o próprio prato. Mary o encarou, estupefata.

— Eu não disse que você podia fazer isso!

— Também não disse que eu não podia! — respondeu ele. — Se não vai querer, eu como.

— Você não entende. Preciso de uma comida melhor que essa. Meus pais morreram.

Ele deu de ombros.

— Todos aqui perderam alguma coisa.

Mary ficou assistindo ao garoto engolir sua comida. Não gostou muito dele, mas era a única pessoa que tinha falado com ela.

— Você... quer ouvir uma história? — perguntou, hesitante.

O garoto a olhou com desdém.

— Não, eu não sou criança.

Ele se levantou e foi se sentar ao lado de outra pessoa, deixando-a sozinha. Desde então, Mary mal trocara uma palavra com alguém na embarcação.

Mary se levantou e foi até a lateral do navio. Um corrimão circundava todo o convés, e o oceano azul intenso se remexia, imenso, logo abaixo. Ergueu Jemima. Talvez pudesse contar alguma das histórias da aia para a boneca, fugir para dentro delas, esquecendo-se de toda aquela situação. Contar histórias sempre fora sua maneira de lidar com as coisas, quando a mãe não queria vê-la ou o pai estava ocupado demais para brincar.

— Vou contar uma história, Jemima. Como eu fazia quando estávamos em casa. Era uma vez o Senhor dos Mares. Seu nome era Varuna, e ele... ele...

As palavras pareciam escapar. Mary recomeçou:

— Varuna era muito poderoso. Ele...

Ela hesitou. Não adiantava. Só conseguia pensar na casa que deixara para trás.

— Eu não tenho mais onde morar, não é, Jemima? — sussurrou. — Não tenho mais um lugar para mim, não tenho mais ninguém.

Sentiu uma pontada de dor, encarando o rosto inexpressivo de Jemima. Ela era apenas uma boneca, não uma amiga. Só criancinhas brincavam com bonecas, criancinhas do tipo que comiam o que colocavam em seu prato e ficavam quietas quando mandavam. Criancinhas que eram passadas de um lugar para o outro, que precisavam fazer o que os adultos queriam. De repente, Mary tomou uma decisão.

— Não sou nenhuma criança — declarou, resoluta. — Não sou mais criança.

Soltou Jemima. A boneca caiu na água, e Mary ficou olhando, estarecida. O que tinha feito? Jemima boiou por um tempo, encarando Mary uma última vez, e as ondas a engoliram.

A menina sentiu um nó na garganta, mas logo o engoliu. *Pare de chorar*, disse a si mesma. Ergueu o queixo e seu olhar era desafiador. Não choraria mais — nem naquele momento, nem nunca.

Cruzou os braços e deu as costas para o corrimão, trancando o coração partido com um cadeado.



CAPÍTULO TRÊS

Misselthwaite Manor

○ navio chegou à Inglaterra, e Mary foi recepcionada por uma mulher muito séria de cabelos grisalhos. Ela usava um sobretudo de lã azul todo abotoado, deixando à mostra apenas um pedaço da echarpe enrolada no pescoço, e carregava uma bolsa de couro pendurada no braço. Ela examinou Mary de cima a baixo, e, a julgar pelo franzir da testa, não pareceu gostar do que viu.

— Eu sou a sra. Medlock — anunciou. — Sou a governanta do sr. Craven. Venha comigo.

Mary se lembrou de uma palavra que o pai uma vez usara para descrever a tia mais velha de um colega: *formidável*. E Mary achou que *formidável* era uma descrição exata da sra. Medlock. Mas lembrou também que a mulher era apenas a governanta — não passava de uma criada —, então tinha que seguir as ordens que a família dava.

Pensando na decisão de não se comportar mais como uma criancinha, Mary encarou a sra. Medlock antes de responder, com frieza:

— Pois bem.

E, de cabeça erguida, seguiu a governanta até o trem que as levaria a Yorkshire. Quando o apito soou, e o trem começou a correr pelos trilhos, com nuvens de vapor soprando alto pela chaminé, Mary percebeu que a sra. Medlock a examinava.

— Ora, ora, aposto que ninguém dá nada por você, não é mesmo? — comentou com seu sotaque de Yorkshire.

Mary analisou as palavras, tentando entender o que significavam. *Acho que ela está dizendo que não sou muito bonita*, concluiu. Não ligou muito para o comentário; também não se considerava particularmente bonita. Não tinha a longa cabeleira dourada das princesas dos livros de histórias, nem as madeixas pretas e os encantadores olhos castanhos das meninas indianas dos contos da sua aia. Mary era pequena e magricela, o cabelo cor de castanha-da-índia, pele pálida e olhos esverdeados e curiosos quase grandes demais para o rosto. *Ela tem razão*, pensou, *mas que coisa estranha para uma criada dizer*.

Então virou o rosto e ficou olhando pela janela.

A sra. Medlock, à sua frente, se acomodou melhor na poltrona e recomeçou, com tom de advertência:

— Olhe, mocinha, não sei o que foi que lhe disseram, mas não espere luxos em Misselthwaite. Aquela não é mais a mesma casa de antes.

A mulher ficou com o olhar distante, e Mary teve a sensação de que ela estava relembrando o passado.

— Quando a jovem senhora ainda era viva, tínhamos uma equipe inteira de funcionários, o estábulo estava cheio de cavalos e havia bailes elegantes... mas isso mudou. — Ela soltou um muxoxo de reprovação, indignada. — Aqueles selvagens do exército! Transformaram a casa em hospital durante a guerra. Trouxeram os feridos, os mortos e os moribundos. Montaram acampamento no jardim e mantiveram os doentes no salão de bailes! O silêncio tomou conta, e agora ninguém sabe o que fazer com a casa. Eles deixaram um rastro de destruição!

Mary não disse nada.

Mas a sra. Medlock claramente esperava uma reação.

— Então? Nem se importa?

— Faz diferença se me importo ou não? — retrucou Mary.

A sra. Medlock estreitou os olhos e a encarou por um bom tempo.

— Você é mesmo estranha, hein?

A antipatia inicial pela governanta só se intensificou, e Mary virou o rosto de volta para a janela, pondo fim à conversa. A sra. Medlock fungou e pegou um livro.

O trem avançava mais e mais para o norte, e Mary continuava observando a paisagem. A Inglaterra era tão cinza! A chuva batia com força no vidro da janela. Campos encharcados se estendiam para todos os lados, e vacas e ovelhas

mantinham a cabeça baixa sob o aguaceiro. Era tudo tão diferente da Índia ensolarada! Lá, a chuva era como um hóspede há muito aguardado, dando vida às flores e permitindo que os botões verdes abrissem caminho em meio ao solo seco.

O trem seguiu por um bom tempo, até que as duas desceram em uma estação e entraram em um carro dirigido por um homem sério e ríspido. Mary pegou no sono logo que o carro começou a andar. Quando acordou, percebeu um cinza interminável que se estendia de cada lado do veículo. Nunca tinha visto nada parecido.

— Aquilo é o mar? — perguntou, examinando as nuvens que rodopiavam no alto.

— O mar! Que tolice, menina — zombou a sra. Medlock. — São os pântanos. E tome o cuidado de ficar em casa quando tiver neblina, ou talvez não encontre o caminho de volta.

Pelo tom, a sra. Medlock não parecia ter certeza de que aquilo seria tão ruim. Mary apertou os lábios. Tinha a forte impressão de que a governanta não a queria em Misselthwaite, assim como ela própria não queria estar lá. *Bem, é só essa mulher ficar fora do meu caminho, que eu fico fora do caminho dela*, pensou, irritada. *Só quero que me deixem em paz.*

O carro avançou ainda mais pela estrada estreita que cruzava os pântanos, passando por urzes, ovelhas e pôneis selvagens. Algumas vezes, através do véu da neblina, Mary pensou ter visto o brilho tênue de chamas laranjas e vermelhas, e teve certeza de ter visto um grupo de pessoas com roupas esfarrapadas andando penosamente junto a um pônei e uma carroça. Mas, quando tentou examinar a cena com mais atenção, a névoa ficou espessa, e as silhuetas e sombras sumiram.

Parecia que aquela viagem não acabaria nunca, mas o carro finalmente virou, entrando em outra estrada comprida. Uma área verde se estendia de cada lado, até se fundir com os pântanos. No fim da estrada ficava uma enorme mansão de pedra, as torres angulosas delineadas contra a penumbra. Uma única luz fraca brilhava em uma janela no andar de cima.

— Chegamos a Misselthwaite — anunciou a sra. Medlock, com um toque de orgulho, quando vislumbrou a fortaleza escura e excessiva.

O carro atravessou os portões, e Mary notou um pisco empoleirado em um dos pilares. Por um instante, o pássaro pareceu encarar a menina, mas logo saiu voando.

O carro parou. Mary ergueu os olhos, admirando a casa enorme, e sentiu um arrepio na espinha. Parecia o tipo de lugar que à noite ficava cheio de espectros e

fantasmas.

— A partir de agora, este é o seu lar — falou a sra. Medlock. — Isso graças à bondade de seu tio. — Ela olhou fixamente para Mary. — Agora, quando encontrá-lo, trate de não encarar. Entendeu, mocinha?

Mary ficou intrigada. Por que a sra. Medlock achava que ela ficaria encarando o tio?

A governanta continuou:

— O pobre homem já sofreu o bastante. E, vendo você, com a aparência que tem... Não. — Ela balançou a cabeça, como se aquilo fosse demais. — Garota, aqui em Misselthwaite, você vai ter que virar uma sombra. Nada mais que isso: uma sombra.

Mary não entendia por que sua aparência poderia perturbar o tio, mas, antes que pudesse perguntar, a sra. Medlock se adiantou, subindo os degraus de pedra até a porta de carvalho e ferro. Mary a seguiu pelo enorme saguão de entrada, cheio de retratos de homens e mulheres que olhavam feio das paredes. Uma larga escadaria central subia até um patamar com uma janela enorme. O lugar não podia ser mais diferente do que a sua casa iluminada e arejada na Índia.

— Bem, vamos começar do início — disse, marchando até um interruptor de bronze na parede. — Aqui nesta casa temos eletricidade.

Ela virou o interruptor. O enorme lustre de vidro no centro do saguão se acendeu; mas, com um chiado, as luzes se apagaram outra vez. A sra. Medlock ergueu as sobrancelhas.

— Mas não significa que funcione sempre. Então, se precisar ir ao banheiro à noite, leve uma lamparina. Outra coisa: o patrão é viúvo e vive sozinho. Ele prometeu que alguém virá cuidar de você em breve, mas, por enquanto, não espere ter com quem conversar, porque não terá.

Mary, de pé no meio daquele saguão cavernoso, se recusava a se abalar. Ela ergueu a cabeça.

— Não preciso ser entretida. Não sou uma criancinha.

Sentiu uma pontada de satisfação quando a governanta piscou algumas vezes, surpresa. A sra. Medlock deu meia-volta e subiu a escadaria. No primeiro andar, a escada se dividia em direções opostas. Mary a seguiu por um corredor comprido e soturno.

— Esta casa tem seiscentos anos — revelou a governanta, virando o corredor, passando com Mary por intermináveis portas fechadas. — E são quase cem quartos. Você logo será informada a respeito de quais pode frequentar e de quais

manter distância. Até lá, deve ficar apenas no seu quarto, sem perambular por aí. Entendido?

Mary assentiu.

— Pode brincar lá fora, mas nada de ficar explorando pela casa. — A sra. Medlock lançou um olhar de advertência. — Nada de bisbilhotar.

Mary a encarou de volta.

— Sra. Medlock, eu asseguro a você de que não tenho o menor interesse em “bisbilhotar”.

— Hum. — A sra. Medlock fungou e parou ao lado de uma porta, que abriu, informando: — Você fica aqui.

Mary entrou, e a mulher mais velha fechou a porta depressa. Ouviu os passos da governanta se afastando, a sola das botas batendo no chão.

Mary sentiu-se muito pequena enquanto examinava o quarto enorme. Encontrou uma cama de ferro com um cobertor fino e um travesseiro magro; ao lado, uma mesinha de cabeceira com uma única lamparina. O chão era de madeira lisa, com alguns tapetes puídos, e as paredes estavam cobertas de um papel de parede desbotado com estampa de árvores e pássaros. A janela enorme era ladeada por cortinas compridas e pesadas, e o fogo estava aceso na lareira. Além disso, havia um cavalo de balanço antigo e um baú velho de brinquedos.

Então este é meu quarto. Mary examinou os objetos surrados e antiquados. *Não. Não vou chorar,* pensou, com frieza, assim que sentiu o aperto na garganta. O tio passou pela cabeça dela. Achava que seriam apresentados assim que ela chegasse, mas ele não queria vê-la. Pelo menos, era a impressão clara que as palavras da sra. Medlock passaram: o tio não a queria naquela casa.

Ninguém me quer, pensou, o coração se enchendo de uma solidão desesperada. *Ninguém gosta de mim. Acho que todo mundo preferia que eu tivesse morrido na Índia.*

Mary tirou as botas e o casaco e se enfiou debaixo da colcha bordada da cama, abraçando os joelhos junto ao peito. Lembrou-se da Índia — do sol, das orquídeas vermelhas e amarelas vibrantes que floresciam após a chuva, dos macacos nas árvores, das mangas maduras; do pai girando-a nos braços e chamando-a de minha macaquinha; da aia sorrindo carinhosamente, feliz em proporcionar tudo o que a jovem senhorita *sahib* quisesse.

Quero voltar, pensou Mary, cheia de saudade. *Para a minha casa, o sol, as flores. Quero acordar e ver o papai e a aia, quero que isso tudo seja um pesadelo.*

Então ouviu uma voz dentro de si: *Não é um pesadelo. É real, isso tudo aconteceu por causa do seu desejo...*

Não! Mary não queria pensar naquilo.

Ficou encarando as flores bordadas na colcha, forçando o cérebro a imaginar que eram de verdade, vibrantes e com aromas doces. Quando a imaginação começou a fazer sua mágica, as flores pareceram se acender e crescer diante dos seus olhos, movimentando-se, dobrando-se, levando-a para longe, bem longe...

Mary se viu de volta ao jardim na Índia. Era parte sonho, parte lembrança de um ano atrás. Correu até a palmeira, batendo os pés com força no chão. Tinha escalado aquela árvore no dia anterior. Fora a primeira vez que subira sozinha, e queria que a mãe visse, que ficasse orgulhosa dela! Olhou para a casa e a viu caminhando pela varanda com uma das mãos na testa, a cabeça baixa.

— Mãe! Olha, estou subindo sozinha! — gritou Mary, começando a escalar. Subia cada vez mais alto. — Mãe! Olha, por favor! — Mary ergueu a voz, esperando que a mãe testemunhasse sua subida triunfal.

Mas sua mãe estava entrando na casa. E nem olhara na direção dela.



Mary acordou no escuro, triste e com frio, e olhou pelo quarto. Onde estava? Viu a silhueta do cavalo de brinquedo no escuro, junto da enorme janela de pedra, e lembrou. Claro: estava em Misselthwaite Manor. Alguém entrara no quarto enquanto ela dormia, guardara seu casaco e as botas e fechara as cortinas. A sra. Medlock, talvez, ou outra criada?

Mary tremeu um pouco; queria mais cobertores. Na Índia, tinha um sininho ao lado da cama. Sempre que o balançava, a aia aparecia. Mas ali não havia sino algum.

— Olá? — chamou. E repetiu mais alto: — Olá?

Mas as palavras apenas ecoaram em meio ao silêncio lúgubre.

De repente, levou um susto com um choro alto vindo de algum lugar da casa. Parecia o lamento de uma criança, mas não havia outras crianças na mansão... Será que era um pássaro ou talvez outro animal? Mary escutou o som de novo. Saiu da cama e foi andando furtivamente até a porta do quarto. O som parecia vir do andar de cima. Talvez fosse seu tio. Escutou com atenção, o ouvido colado na

porta. Não parecia ser de um homem. De repente, ficou muito preocupada. *E se... E se for um fantasma?*

Mary ficou com a pele arrepiada; por um instante, pensou se não seria melhor permanecer no quarto e ignorar o barulho. Mas a curiosidade a venceu. Precisava descobrir o que estava fazendo aquele barulho tão terrível.

Juntou coragem, saiu do quarto e se aventurou pelo corredor sombrio.



CAPÍTULO QUATRO

A mansão à noite

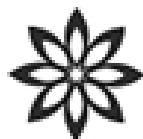
Mary chegou a uma escadaria em espiral que devia ser uma passagem para os criados irem de um andar para o outro. O som ainda parecia vir do pavimento acima, mas, assim que começou a subir os degraus, o barulho parou.

— Olá? Tem alguém aí? — perguntou, hesitante.

Ninguém respondeu, então Mary continuou pela escadaria escura e sinuosa. Os gemidos recomeçaram, mas logo pararam. Acelerando o passo, a menina chegou a um patamar iluminado por um único feixe de luar, que entrava por uma janela. Ela se apressou e virou no corredor escuro e estreito.

E viu um fantasma! A menina parou, arfando, ao ver uma garota de pé na outra ponta do corredor. Levou alguns segundos para perceber que estava de frente para um espelho enorme e que o fantasma era apenas seu próprio reflexo. Ela suspirou, aliviada, sentindo o coração começar a desacelerar.

Mas os nervos logo se alteraram de novo com o barulho de algo caindo logo acima dela. Mary deu meia-volta e disparou pelo corredor, como se perseguida por um exército de espectros. Entrou correndo no próprio quarto e bateu a porta, apoiando-se nela para recuperar o fôlego. Quando a respiração se normalizou, Mary correu para a cama e fechou os olhos, puxando as cobertas por cima da cabeça. Fez questão de não abri-los até amanhecer.



Quando acordou, Mary notou a luz brilhando em volta das cortinas pesadas. Será que a aventura noturna realmente acontecera?

Pulou da cama, abriu as cortinas e viu que o quarto tinha vista para a estrada que dava na entrada da casa. Além dela, ficavam os pântanos cobertos de neblina. Ainda estava observando a paisagem quando um homem saiu da casa, arrastando uma velha moldura de cama de ferro, que atirou sobre o cascalho. O sujeito parecia ter mais ou menos a idade do pai de Mary e usava calça escura e colete sobre a camisa de mangas dobradas. O rosto era sulcado, triste, marcado por rugas profundas, e o cabelo estava desgrenhado.

Deve ser meu tio, pensou.

Havia alguma coisa estranha nele, e ficou um tempo examinando sua silhueta, até que percebeu que eram as costas. O homem tinha uma corcunda que o fazia se encurvar de leve na cintura. Aquelas palavras estranhas da sra. Medlock — *trate de não encarar* — de repente fizeram sentido. Mary observava com interesse, perguntando-se por que ninguém lhe contara que o tio era corcunda. Não teria se importado. Certa vez, lera a história de um sujeito corcunda que se casara com uma linda princesa.

O tio voltou depressa para dentro da casa, mas reapareceu no jardim um minuto depois, arrastando outra cama. Dessa vez, a sra. Medlock saiu com ele.

— Senhor! Por favor, deixe as camas. O exército virá recolher tudo. Não precisa fazer isso.

— Isso precisa ser organizado — retrucou o tio, teimoso.

— Eu sei, mas não desse jeito. O senhor vai se machucar. Por favor, volte para dentro.

A sra. Medlock o encarou, implorando. Mary notou o tio passar a mão no cabelo, tentando se acalmar, até finalmente ceder. Ele ergueu o rosto enquanto seguia a sra. Medlock de volta para casa, olhando na direção da janela de Mary. A menina se abaixou, sem querer ser vista espiando, e voltou para dentro do quarto, pensando nas rugas que marcavam o rosto do tio. Ele não era muito velho, mas parecia já ter sofrido muito.

Naquele momento, a porta do quarto se abriu, e uma criada entrou. Estava bem trajada, com um vestido cinza abotoado até o pescoço, e aparentava ter cerca de 20 anos. O cabelo escuro e grosso estava preso em um coque baixo, e ela trazia uma bandeja com uma tigela de mingau.

Mary se perguntou por que a criada não batera antes de entrar.

— Quem é você?

— Que cumprimento é esse? — retrucou a criada, sorrindo.

Mary piscou algumas vezes, surpresa com o tratamento.

— Pode me chamar de Martha. Fiquei sabendo que você é a Mary — continuou a mulher, apoiando a bandeja na cama e indo até a lareira.

Mary a encarou. Estava acostumada com criados indianos, que nunca falavam a não ser que você perguntasse alguma coisa. Sempre respondiam se ela fizesse uma pergunta, mas, caso contrário, apenas assentiam, mudos.

Martha começou a tirar as cinzas da lareira.

— O ar está bem gelado hoje, não acha? — tagarelava, espalhando papel por cima das cinzas. — Mas a primavera já está chegando. Pelo menos, segundo meu irmão, Dickon. Ele está sempre lá nos pântanos e sabe mais sobre a natureza e os animais do que qualquer um.

Mary franziu o cenho. Não conseguia decidir se gostava ou não dessa criada tagarela.

— Fiquei com frio à noite — declarou, num tom acusatório. — Ninguém escutou quando chamei.

— Provavelmente porque estava todo mundo dormindo. Tem um segundo cobertor embaixo da cama, se ficar com frio de novo.

— E também ouvi uns barulhos... — continuou Mary. — Um choro, gritos...

— Não — negou Martha, com firmeza, acrescentando uma camada de carvão ao fogo. — O que você ouviu foi o vento, só isso. Ele sopra forte pela casa.

Mary considerou a hipótese. Talvez Martha tivesse razão e ela houvesse sentido medo à toa. Sem querer parecer boba, mudou de assunto.

— Enfim, eu precisei de alguém. Você devia dormir do lado de fora do meu quarto. Minha aia dormia junto da porta e sempre vinha quando eu a chamava.

Para seu espanto, Martha apenas ergueu as sobrancelhas.

— Bem, não sei quem é essa aia, mas parece que ela não está aqui, não é mesmo? — retrucou, acendendo o fogo. — E eu não vou dormir do lado de fora do meu quarto esta noite, nem em nenhuma outra. Vou ficar na minha própria cama, muito obrigada.

— Mas você não vai ser minha criada? — indagou Mary, surpresa.

— Sua criada? — o sorriso de Martha só aumentou. — Não, mocinha. Só estou aqui para ver se o fogo está aceso, se o quarto está em ordem e se você comeu. Mais nada. Tenho muito mais trabalho para fazer nesta casa. Coma o seu mingau. Está esfriando.

Mary examinou o mingau. Era grosso e uma casca se formava no topo. Não gostou nem um pouco da aparência da comida.

— Não como mingau — informou, de nariz empinado. — Gosto de bacon com ovos no café da manhã.

Esperou Martha pegar a bandeja para trazer outra coisa, mas a mulher apenas sorriu.

— Eu também gosto, mas hoje temos mingau. Vamos, está na hora de você se vestir — disse, abrindo o guarda-roupa.

Mary viu que o armário estava repleto de roupas. Martha lhe entregou um vestido, algumas peças íntimas, meias e um cardigã.

— Você quer que eu mesma me vista? — perguntou, espantada. — Mas não é você quem vai fazer isso?

A aia sempre a vestira.

— Vestir você? — indagou Martha. — Para quê? Você tem braços e mãos, não tem? — Ela balançou a cabeça. — Ah, valha-me Deus! Mamãe sempre dizia que não entendia como os filhos dos ricos não acabavam se tornando uns tontos. Precisam de ajuda para se lavarem e se vestirem, e precisam que os levem para passear, como cachorrinhos. — Ela deu uma risadinha. — Agora entendo do que ela estava falando.

Mary ficou irritada. Como aquela criada mal-educada *ousava* rir dela? Soltando um grunhido furioso, bateu o pé com força, cerrando os punhos.

Martha levou um susto e deu um passo para trás. O silêncio reinou por um instante, até que a criada sacudiu a cabeça.

— E pensar que fiquei animada de ter alguém jovem na casa... — comentou, pesarosa, antes de dar meia-volta e sair do quarto.

Mary ficou olhando enquanto a criada se afastava. Ela parecia chateada, mas a menina ficou sem entender. Esfregou a testa. As coisas eram tão diferentes na Inglaterra...

Olhou para as roupas em seus braços. Se as crianças da Inglaterra se vestiam sozinhas, então teria que fazer o mesmo. Certamente não queria dar mais motivos para a criada rir dela. Erguendo o queixo, determinada, Mary conseguiu se

despir, vestir o colete, os calções e as meias de lã. Então pôs o vestido por cima; era antiquado, estilo avental, com mangas compridas e largas e a barra até os joelhos, mas Mary não ligava. Roupas eram roupas; pelo menos, o vestido era fácil de colocar.

Depois de pronta, tomou umas colheradas do mingau. Estava frio e grudento, e ela começou a desejar ter comido quando ainda estava quente. Examinou o quarto. O que podia fazer? Mirou a atenção no grande cavalo de balanço.

Mesmo velho, ainda era lindo, com direito a sela de couro, rédeas e manta cinza. Tinha olhos escuros grandes, e a crina e a cauda eram feitas de pelo de cavalo de verdade, compridas e grossas. As patas estavam posicionadas como se o animal estivesse em movimento. Mary ficou se perguntando de quem o brinquedo seria, mas montou mesmo assim. Segurou as rédeas e começou a balançar para a frente e para trás. No início, foi um pouco devagar, mas passou a ir cada vez depressa, cada vez mais alto; fechou os olhos e abriu espaço para a imaginação, dormente como um bulbo no solo invernososo, mas que começava a brotar. Por alguns minutos curtos e preciosos, Mary se esqueceu de tudo que odiava naquela nova vida e deixou a imaginação levá-la para longe. Não era mais Mary Lennox, a órfã que viera da Índia, a menina a quem ninguém queria e de quem ninguém gostava; era a bela Sita, fugindo de um demônio maligno, montada em um cavalo alado, cruzando o céu indiano azul vibrante...



Explorando a mansão

Depois de terminar de brincar com o cavalo, Mary inspecionou o baú de madeira no canto do quarto, onde encontrou alguns brinquedos bem velhos. A maioria não lhe pareceu muito interessante: uma lata com soldadinhos de metal já com a tinta descascando, um pião e uma caixa de surpresas. Encontrou uma corda com cabos de madeira e tentou pular um pouco dentro do quarto, até que percebeu que precisava de mais espaço.

Pensou em usar os brinquedos nos jardins, e olhou para a porta do quarto. A sra. Medlock a advertira sobre não explorar a mansão, mas por quê? *Não sou nenhuma prisioneira*, pensou, rebelando-se. *E essa casa é do meu tio. Com certeza ele não quer que eu fique presa o tempo todo no quarto.*

Guardou a corda no bolso grande e frontal do vestido e saiu pelo corredor. Não sabia bem para onde ia, mas achava importante mostrar à sra. Medlock que não acataria ordens à toa.

Uma luz fraca entrava pelas janelas de pedra, iluminando as tábuas lisas do piso e as pinturas nas paredes. Pela janela, Mary examinou a parte dos fundos da casa, esperando ver jardins paisagísticos; para sua surpresa, só encontrou um mar de lama e sulcos. Alguns dos soldados que tinham ficado na casa durante a guerra deviam ter acampado ali.

Mary se lembrou do que a sra. Medlock dissera: “Aquela não é mais a mesma casa de antes.” De repente, ficou com pena do lugar. A mansão parecia já ter sido

muito amada, mas estava negligenciada e caindo aos pedaços.

Continuou andando até chegar a uma porta enorme que estava aberta. Espiou lá dentro: era um cômodo de teto alto, com chão de madeira polido e muitas prateleiras de livros. Parecia ter sido uma biblioteca, mas estava entulhado de poltronas e caixotes com animais empalhados. Mary viu o tio e a sra. Medlock parados ao lado de uma pilha de quadros no fundo do cômodo e se encolheu de volta nas sombras do corredor. Os dois estavam no meio de uma discussão acalorada.

— Não importa, sra. Medlock — dizia o tio. — Não são coisas importantes...

— Mas não podemos deixar tudo empilhado desse jeito — protestou a governanta.

— Então se livre dessas coisas. Jogue tudo fora. Queime. Não me importo!

— Mas, senhor... — A sra. Medlock pegou o retrato de uma mulher. — E este aqui?

Mary notou um músculo se contraindo na mandíbula do tio.

— Por favor — pediu ele, baixinho. — Não preciso dessa lembrança constante. Ela se foi.

Com medo de ele sair de repente da sala e flagrá-la ali no corredor, Mary se afastou depressa. Estava desesperada para sentir o ar puro no rosto, para sair daquela casa desoladora e melancólica onde todos eram rudes e estranhos, sempre parecendo zangados. Viu uma rua larga ladeada por árvores de um dos lados da casa, parecia dar nos pântanos cobertos de neblina, e Mary seguiu naquela direção. A grama não estava aparada, mas o solo era plano. Ela pegou a corda e começou a pular pelo caminho, contando os passos em voz alta.

Chegara aos 75, saindo da trilha das árvores para o pântano, quando parou. Viu um menino em meio aos redemoinhos de névoa. Parecia cerca de um ano mais velho que ela, com cabelo escuro e encaracolado, e levava um cordeiro no ombro. Mary se lembrou de algo que Martha dissera; talvez o menino fosse o irmão dela — Dickon.

Foi até o garoto.

— Olá. Você é o irmão da Martha?

Mas, assim que ela perguntou, o menino deu meia-volta e desapareceu na neblina.

— Volte aqui! — mandou Mary.

Começou a correr atrás dele, mas o garoto desapareceu, como se nunca tivesse estado lá. A névoa parecia ainda mais densa.

— *E tome o cuidado de ficar em casa quando tiver neblina, ou talvez não encontre o caminho de volta* — sussurrou Mary para si mesma, lembrando-se do alerta da sra. Medlock.

Com uma última olhada para a névoa, deu meia-volta e seguiu para a mansão.



Quando finalmente chegou de volta à casa, Mary já estava com a barriga roncando. Comeria só um pouquinho do mingau pela manhã, e estava morrendo de fome. Entrou na mansão e conseguiu encontrar a cozinha. A cozinheira estava ocupada cortando verduras.

— Acho que está na hora do meu almoço — anunciou Mary. — Então, eu gostaria de...

A cozinheira a interrompeu com um sorriso divertido.

— Não interessa muito o que a senhorita gostaria de comer. Nesta casa, vai comer o que tiver.

Mary encarou a empregada, frustrada.

— Sabe, eu realmente não entendo vocês.

A cozinheira riu, mas não foi uma risada cruel, e Mary ficou olhando enquanto a mulher voltava ao trabalho, montando sanduíches com grossas fatias de pão branco, uma raspa de manteiga e uma carne cor-de-rosa estranha. A mulher embrulhou um sanduíche em papel-manteiga e o entregou a Mary, junto de uma maçã.

— Aí está. Agora saia da minha cozinha. Tenho trabalho demais para fazer, não quero jovens como a senhorita no caminho. — Ela deu uma piscadela. — Sabe, tem gente por aqui que trabalha duro...

Mary levou a comida para fora da casa; no quintal, encontrou um cantinho menos enlameado entre as árvores. Ela se sentou em um tronco caído e desembulhou o papel-manteiga, então levantou uma das fatias de pão e analisou o conteúdo. O que era aquela carne estranha e lisa? Nunca tinha visto nada parecido. Cheirou a fatia de pão, desconfiada, e, estendendo a língua, lambeu a

fatia de carne rosa. Fez uma careta de nojo. Tinha um gosto horrível! Será que era carne de verdade?

Jogou a carne fora, mas caiu perto demais de seus pés. Pegou a outra fatia do presunto e a lançou um pouco mais longe; ela pousou perto de outra árvore. Mary mordiscou um pedacinho do pão. Pelo menos estava fresco e era bem gostoso. Mordeu um pedaço maior.

Ouviu um farfalhar e olhou em volta. Alguns arbustos se remexiam, como se algo estivesse prestes a sair por entre os galhos. A garota se encolheu, receosa, vendo um cachorro surgir do arbusto: primeiro o nariz, depois o focinho todo, então o corpo marrom e desgrehado.

— Não! Sai! Vai embora! — gritou, sacudindo as mãos para espantá-lo.

Os cachorros na Índia eram quase todos animais de rua, em geral, bem perigosos.

Mas aquele cachorro a ignorou e trotou até o pedaço de carne que caíra perto dos arbustos, farejando a fatia rosada.

— Não! Isso não é seu! — gritou Mary.

O cachorro engoliu a carne de uma só vez, esfomeado.

— Pronto, já comeu. Agora pode ir embora — mandou a menina, apoiando os pés no chão, já se preparando para correr, caso precisasse. — Xô!

Mas o cachorro viu o segundo pedaço de carne, caído mais próximo dela.

— Ah, não! — exclamou Mary, aflita. — Não se atreva! Está perto demais de mim! Vá embora!

A menina guinchou quando o animal saltou para cima da carne, mas ele apenas agarrou-a entre os dentes, deu meia-volta e saiu correndo. Mary olhava enquanto o cão se afastava; parecia ter ficado com tanto medo quanto ela. E também parecia estar com tanta fome quanto ela.

Depois de terminar de comer o pão e a maçã, Mary deu a volta até os fundos da casa e passou a tarde explorando o jardim. Em uma área mais afastada do antigo acampamento dos soldados, encontrou muitas árvores, samambaias e arbustos sem poda, ladeando sinuosos caminhos de cascalho. Suas botas logo ficaram imundas de lama, e suas roupas, úmidas. De vez em quando, Mary escutava um leve farfalhar atrás de si. A sensação de que estava sendo seguida lhe dava arrepios. Finalmente reuniu coragem e olhou por cima do ombro: lá estava o cachorro mais uma vez.

— E eu com medo de uma besteira dessas... — comentou, abrindo um sorriso ao vê-lo botar a língua cor-de-rosa para fora. — Você está me seguindo?

O bicho abanou o rabo.

— Mary!

A sra. Medlock tocava um sino, chamando alto por uma janela aberta. Sua voz atravessava o terreno.

— Mary! Cadê você, criança? Volte aqui agora mesmo!

O cachorro sumiu ao ouvir a voz da sra. Medlock.

Mary soltou um suspiro resignado e retornou. A governanta parecia zangada.

— Procurei você por toda parte! — Ela bufou. — No futuro, por favor, tenha em mente que seu banho estará pronto às 17h25 e que você deve estar no quarto nesse horário. Agora suba.

Ela saiu a passos duros.

— A casa tem algum problema com cães selvagens? — perguntou Mary, curiosa, correndo atrás da governanta.

— Cães selvagens! — repetiu a sra. Medlock, exasperada. — Claro que não temos nenhum problema com cães selvagens!

A mulher fechou a porta assim que Mary entrou no quarto. Depois de passar um tempo ao ar livre, com espaço e liberdade para pular corda e explorar, o quarto parecia ainda mais uma prisão. Mary tocou os pássaros do papel de parede desbotado. Imaginou que batiam as asas e voavam para longe, carregando-a para um lugar bem distante em uma nuvem de asas.

Uma lembrança esquecida, de repente, veio à memória. Um bando de pássaros voando pelo jardim, na Índia. Ela era bem pequena, devia ter cerca de 4 anos, e correria até os pássaros — que, claro, saíram voando; mas, por um instante, ela se vira envolvida em um turbilhão de cores vibrantes. Mary gargalhara de felicidade, girando com os bracinhos para o alto, até ouvir um estrondo. Era a mãe, com o rosto manchado de lágrimas, fechando a janela com força, se isolando de Mary e do som de sua gargalhada. A menina ainda se lembrava da confusão que sentira. A mãe não gostava que ela fosse feliz?

Voltou ao presente. A vida na Índia já estava começando a parecer uma memória distante, de muitos e muitos anos atrás, mas o mesmo não acontecia com a lembrança da expressão da mãe naquele dia — e em todos os dias, pelo que Mary lembrava. Achava que aquelas lembranças jamais desapareceriam.



CAPÍTULO SEIS

Fazendo amigos

Naquela noite, Mary acordou com o mesmo choro agudo. Ouviu com atenção, os olhos bem abertos em meio à escuridão. Seria mesmo o vento, como Martha alegara? Ou era o fantasma de um dos soldados que morrera na mansão? Lembrando-se do medo que sentira na noite anterior, Mary puxou a coberta por cima da cabeça e se encolheu na cama.

Quando acordou pela manhã, sentou-se na cama e viu Martha ajoelhada diante da lareira, colocando uma camada de papel sobre as cinzas. Uma bandeja com mingau repousava na mesa de cabeceira.

— Olá, Martha.

— Senhorita — respondeu a criada, com frieza.

Mary se lembrou dos barulhos que ouvira durante a noite.

— Você estava aqui quando os soldados vieram, Martha? Trabalhou no hospital?

A mulher não respondeu, só continuou ajeitando o fogo.

Mary percebeu que a criada ainda estava chateada com ela. E se perguntou como poderia ter de volta a simpatia do dia anterior. Descendo da cama, ajoelhou-se ao lado da mulher.

— Tem um jeito certo de preparar o fogo?

— Tem sim, senhora — respondeu Martha, sem se virar para encará-la, colocando carvão sobre a camada de papel.

Mary pegou um pedaço do carvão. O pó escuro manchou seus dedos, e caiu poeira no tapete.

— Senhorita, não, por favor! — exclamou Martha, parecendo exausta. — Vai arruinar o tapete e o vestido que está usando, e serei eu quem terá que limpar os dois.

Mary suspirou. Ajudar Martha não estava funcionando para despertar sua simpatia. Acabou desistindo; sentando-se no chão. Mudou de assunto.

— Martha. Os barulhos que escuto durante a noite... são soldados mortos que assombram a casa?

Por um instante, Mary teve certeza de que viu uma pontada de medo nos olhos da criada.

— Não sei do que está falando. Se escutar barulhos, simplesmente, volte a dormir. É o melhor a fazer.

Mary tinha certeza de que a criada sabia mais do que estava admitindo. Observou-a acender o fogo em silêncio e se dirigir à porta sem mais uma palavra.

Sentiu-se irritada e infeliz com a perspectiva de ser deixada sozinha de novo.

— Eu não pedi para estar aqui, sabe? — desabafou, zangada.

Martha olhou para trás.

— E o sr. Craven não pediu para acolher você, mas mesmo assim aceitou sua presença — retrucou, com calma e firmeza, então saiu e fechou a porta.

Mary bateu o pé, irritada. Ao que parecia, a única pessoa que quisera conversar com ela naquele lugar horrível não queria mais. Olhou feio para a porta fechada, sentindo-se mais só do que já se sentira em toda a sua vida.



Mais tarde, naquela mesma manhã, Mary calçou as botas, vestiu um casaco azul novo e quente e um chapéu combinando, e fez mais uma visita à cozinha.

— Sra. Pitcher, você me deu um sanduíche para almoçar ontem. E eu queria aquela mesma carne no meu sanduíche de hoje. — Ela hesitou, então se lembrou de que deveria ter modos e acrescentou: — Por favor?

A cozinheira a encarou, surpresa, então assentiu e pegou um pedaço de pão.

— O que é essa carne que você põe no sanduíche? — perguntou Mary, curiosa, observando-a.

— Presunto enlatado — revelou a sra. Pitcher.

— *Presunto* enlatado? — ecoou Mary, enfatizando a palavra desconhecida.

A cozinheira riu.

— Isso mesmo, presunto enlatado. — Ela montou os sanduíches depressa. — Agora dê o fora daqui — disse, enxotando-a da cozinha.

Mary guardou os sanduíches na bolsa de couro e correu para fora. Tinha um plano! Ninguém na casa parecia querer ser seu amigo, mas tinha a sensação de que, no jardim, talvez encontraria uma pessoa — ou melhor, uma criaturinha — mais amigável. Mas o que ela realmente queria era explorar o andar superior da casa, desvendar o mistério dos gritos noturnos. O olhar estranho de Martha quando ela mencionara os barulhos que ouvira durante a noite, convenceria-a de que estavam escondendo alguma coisa — e estava determinada a descobrir o quê. Mas não se arriscaria a explorar e ser descoberta pela sra. Medlock. Não sabia o que a governanta faria se a flagrasse “bisbilhotando”, mas também não queria descobrir.

Vou esperar até de noite, pensou. Quando estiver todo mundo dormindo.

Enquanto isso, Mary se concentraria em outra coisa. Correu para o local onde almoçara no dia anterior. Tomando coragem, desembulhou um sanduíche e tirou a carne enlatada, que colocou exatamente no mesmo lugar em que caíra da outra vez. Olhando em volta, cheia de esperança, Mary voltou ao tronco de árvore e se sentou para aguardar. Onde estava o cachorro? Tinha certeza de que estaria ali, e era melhor um amigo cachorro do que amigo nenhum.

Mary esperou e esperou.

— Venha logo — sussurrou. — Venha, por favor.

Ouviu um latido. Viu o cachorro marrom parado nos arbustos.

— Aí está você! — exclamou, abrindo um sorriso quando o animal trotou até a carne e a engoliu de uma vez só, o tempo todo de olho nela. — Olá!

Era estranho; jamais conversara com um cachorro. Mas chegara à conclusão de que os olhos daquele bicho eram mais espertos que os da maioria dos humanos que já conheceria.

— Então, qual é o seu nome?

O cachorro deu um latido curto.

Mary sentiu uma pontada de ansiedade.

— Você tem alguma doença?

Na Índia, soubera de alguns cachorros que tinham contraído uma doença terrível chamada raiva. Eles latiam, espumavam e mordiam as pessoas. Mas esse não parecia perigoso.

— Tem? — insistiu.

O cachorro latiu outra vez.

— Não faço ideia se isso é um sim ou um não. Muito bem... Vou começar com uma pergunta mais simples. Você é macho ou fêmea?

O cachorro choramingou, cheio de esperança, e inclinou a cabeça.

— Ah, não... — retrucou Mary, percebendo o que o cão queria. — Estou guardando a outra fatia para depois. Primeiro, vamos brincar. O que acha?

O cachorro abanou o rabo de leve. Mary sorriu.

— Acho que você é fêmea — declarou. — E agora vai se chamar... Jemima! Vamos, Jemima. Vamos brincar!

Mary saiu correndo. Jemima hesitou por um instante, mas logo foi atrás dela.

Era a primeira vez que Mary corria desde que chegara à Inglaterra. Disparou pelo solo enlameado, e Jemima foi em seu encalço, logo passando do seu lado, então ultrapassando-a, guiando-a por trilhas sinuosas escondidas pelas árvores. Mary correu atrás do cachorro, ofegando e respirando fundo em busca de mais ar. Era maravilhoso ter alguém que quisesse sua presença! A água e a lama respingavam das poças, e, pela primeira vez em um bom tempo, Mary se sentiu viva. Ela gargalhou. Jemima latiu. Mary latiu de volta. A cadela dançou em volta dela, latindo três vezes. A menina a imitou, rodando, o rosto voltado para o céu.

Jemima correu até um muro muito alto, quase completamente encoberto por uma cortina de trepadeiras, e desapareceu. Mary parou, surpresa, e correu até onde vira o animal pela última vez. Notou um pequeno buraco na base do muro.

— Jemima?

Nada. Mary sentiu a decepção inundá-la; tinha perdido a companhia. Estava prestes a ir embora quando a amiga, de repente, enfiou a cabeça pelo buraco e latiu, como se encorajasse Mary a passar por ali também.

— Não tenho como seguir você por aí, Jemima — explicou Mary, com um sorriso largo. — Esse buraco é pequeno demais para mim. Mas então é aqui que você mora?

O animal choramingou.

Mary ergueu os olhos. O muro era alto, com uma cobertura espessa de heras e uma árvore enorme junto das pedras. *O que tem do outro lado?*, perguntou-se. *Talvez eu possa escalar e ver...*

Naquele exato instante, ouviu um sino soar ao longe, e a sra. Medlock gritou:
— Mary! Mary!

Ah, droga, pensou, irritada.

Os gritos da sra. Medlock e o soar do sino ficaram cada vez mais insistentes.

Mary suspirou e olhou para o cachorro.

— Amanhã eu volto — prometeu, deixando o resto do sanduíche no chão, para que o animal o comesse. — Vejo você amanhã, Jemima. Não suma.

O cachorro latiu, e Mary abriu um sorriso antes de partir. Seu coração estava muito mais leve quando correu de volta para a casa. Finalmente fizera uma amizade em Miselthwaite.



CAPÍTULO SETE

Colin

Mary subiu a escadaria principal às pressas, fazendo o mínimo de barulho possível, o vestido de algodão farfalhando com seus passos. O vento soprava forte naquela noite, e a lua era a única fonte de luz. Mary sentia o coração acelerado, batendo forte, mas precisava resolver o mistério daquele choro.

No segundo andar, virou em um corredor escuro com quadros cobertos por lençóis e portas fechadas. Avançava na ponta dos pés quando uma rajada mais forte entrou por uma janela quebrada no fim do corredor, erguendo o lençol que cobria uma das pinturas. Ao ver a imagem embaixo do pano, Mary parou imediatamente. Era um retrato da sua mãe! Ergueu o lençol e observou o retrato, a dor da perda e da culpa matando-a por dentro. A mãe parecia ter 18 anos, estava sentada diante de um piano, sorrindo, feliz, o cabelo escuro caindo em ondas sobre os ombros. Mary piscou. Parecia errado ver a mãe daquele jeito. Em todas as suas lembranças, ela estava de cara fechada ou virando o rosto.

Ergueu o lençol da pintura ao lado, mais um retrato da sua mãe, só que parecia um pouco mais velha. Estava sentada em um balanço, em uma clareira, com um vestido branco, acompanhada de uma mulher da mesma idade, só que de vestido azul. Algo se acendeu na memória de Mary. Quase parecia que já tinha visitado aquela clareira — o que era impossível, já que a paisagem parecia ser da Inglaterra.

Intrigada, examinou a outra mulher com mais atenção. Era muito parecida com a sua mãe, só que ligeiramente mais alta, e o cabelo não era castanho, e sim, mais para ruivo, como os de Mary. Sabia que só podia ser Grace, a irmã gêmea da mãe, a falecida esposa do seu tio. As duas não eram gêmeas idênticas, mas eram muito parecidas.

Deixando os quadros de lado, a menina seguiu por um corredor acarpetado na ponta dos pés, acompanhando um grande mural na parede. Uma porta estava aberta do outro lado do mural. Dava para um quarto. De quem seria? Curiosa, Mary se aproximou de fininho. E arregalou os olhos ao ver um menino de cabelo escuro, mais ou menos da sua idade, dormindo em uma cama ornamentada.

Ele abriu os olhos e a encarou. Mary se escondeu.

— Eu vi você! — exclamou o menino.

A cabeça de Mary estava a mil. Quem era? Não podia ser um criado, pois o quarto era grandioso demais. Era maior e muito mais bem decorado que o dela...

O garoto continuou:

— Não dá para dizer que vi o bastante para identificar quem é, mas aposto que se eu dissesse que vi uma jovem criada, saberiam exatamente de quem estou falando, e você estaria em apuros... Não é mesmo?

Jovem criada? Bem, fosse quem fosse esse garoto, Mary não seria chamada de criada. Entrou marchando no quarto, disposta a dizer umas poucas e boas. No quarto havia uma cama de madeira esculpida, o dossel pendendo junto à cabeceira, com dois criados-mudos; além de um suporte de leitura e uma mesa com cadeiras. O menino estava de colete, apoiado em alguns travesseiros. Parecia só um pouco mais velho que Mary, seu cabelo castanho caía sobre a testa e a pele muito pálida, como se ele não visse a luz do sol havia um bom tempo. A atenção de Mary foi atraída por seus olhos escuros: eram intensos e cautelosos e não pareciam os de uma criança.

— Não sou criada coisa nenhuma! — anunciou, indignada. — Meu nome é Mary Lennox. Minha mãe era gêmea da dona desta casa, e o marido dela, meu tio, ainda é dono daqui; acho bom você me tratar com o devido respeito!

— Não lhe devo respeito algum! — retrucou o menino, o tom tão altivo quanto o dela. — Meu nome é Colin Craven. O tio de quem você está falando é *meu pai* e, se eu tivesse chance de viver por tempo o suficiente, esse lugar um dia seria meu.

Mary estava chocada. Fosse lá o que estivesse esperando, com certeza, não era aquilo.

— Nós somos... *primos*? — indagou, incrédula.

O garoto a fitou outra vez, fixando o olhar no dela por um instante, então assentiu, abrindo um meio sorriso.

— Mas eu nunca ouvi falar de você! — exclamou Mary, espantada.

— Nem eu de você.

Ela teve a impressão de que o primo estava tão surpreso quanto ela, mas que estava escondendo o choque e tentando agir como um adulto.

— Você é bem magra — comentou ele, crítico.

— Você é bem pálido.

— Você sorri sem nem mostrar os dentes — retrucou Colin.

— E você, que nem sorri!?

— O que você está fazendo aqui?

— O quê? Não posso estar aqui? — desafiou Mary.

Colin a encarou com um olhar de advertência.

— Não estou interessado em fazer amigos.

— Ótimo, porque eu já tenho amigos o suficiente — retrucou Mary, dando de ombros.

Ela respirou fundo, então, de repente, soltou uma gargalhada; não conseguia mais se segurar. Esse primo novo podia ser bem estranho e bastante irritadiço, mas falar com alguém da sua idade era tão bom, parecia um milagre! Colin retorceu os lábios em um breve sorriso, e Mary teve a sensação de que ele estava apreciando a conversa tanto quanto ela.

— Então é você que grita de noite — observou, se aproximando. — Achei que fosse um fantasma, que essa casa fosse amaldiçoada...

— Achou que a casa fosse amaldiçoada? — interrompeu o garoto.

— Sim, por causa de todos os soldados que morreram aqui.

— Não — retrucou Colin, balançando a cabeça. — É amaldiçoada, sim, mas não pelos soldados. A maldição veio antes da guerra. As pessoas dizem que é porque essa casa matou minha mãe. E agora querer me matar também.

— Minha mãe também morreu. — A culpa secreta que pesava em sua consciência, o segredo no qual Mary sequer se permitia pensar, escapou de repente: — E a culpa é minha!

Mary sabia que era verdade. Desejara que a mãe morresse, e seu desejo se tornara realidade. Ficou olhando para Colin, esperando a reação dele.

O primo a encarou com desconfiança.

— É mesmo?

Mary assentiu.

Colin suspirou, então continuou, com um tom de voz estranhamente adulto:

— Ora, ora... Parece que nós dois já passamos por algumas tragédias, não é mesmo?

Aliviada ao ver que o primo não a julgara nem dissera que ela era uma pessoa horrível, Mary deu um passo à frente e perguntou:

— O que quis dizer com essa casa querer matar você? — perguntou ela.

Colin fechou a cara.

— Não quero falar disso — respondeu, seco, virando o rosto. — Pode ir embora.

Mary ficou surpresa com a mudança súbita de comportamento, mas, se aquele primo novo e estranho achava que ela ia implorar para ficar com ele, era bom tirar o cavalinho da chuva. A menina ergueu o queixo.

— Está bem. — Mary foi até a porta e olhou para trás. — Talvez a gente se veja outra vez... — disse, misteriosa. — Ou talvez não.

— Mas... — começou Colin.

— Boa noite — interrompeu Mary, saindo do quarto.

— Volte aqui! — gritou Colin, indignado.

Mary sorriu. Era exatamente como imaginara: o primo na verdade não queria que ela fosse embora. Ótimo. Era bom o garoto aprender que ela não aceitaria suas ordens. Não se fossem ser amigos. *Amigos!* Mary voltou depressa para o próprio quarto, o passo animado e saltitante só de pensar em fazer uma nova amizade.



Naquela noite, Mary sonhou outra vez com a Índia. Dessa vez, ria enquanto o pai a perseguia, fingindo ser um tigre.

— Vou pegar você! — rugia ele. — Cadê você, minha macaquinha?

Mary correu para o quarto da mãe, que não estava lá. Onde poderia se esconder? Abriu o guarda-roupa, mas estava cheio demais, carregado de vestidos

lindos. Olhou debaixo da cama, mas não havia espaço. Até que decidiu entrar embaixo das cobertas e ficar o mais imóvel possível.

De repente, ouviu alguém entrar no quarto, e ficou tensa. Papai a encontraria! Ouviu passos se aproximando da cama, e alguém levantou as cobertas. Mary abriu a boca para dar um gritinho, mas não fora o pai que a encontrara, e sim a mãe, que a encarava de cima com um olhar duro e frio. Mary saiu da cama aos tropeços e correu para longe...



Martha a acordou, sacudindo-a pelo ombro.

— Acorde, garota!

Mary se sentou na cama, o cabelo desganhado caindo sobre os ombros. Assim que abriu os olhos, lembrou-se dos acontecimentos da noite anterior. Mas, antes que pudesse perguntar à Martha a respeito do primo que todos tinham escondido dela, a criada lhe entregou um vestido novo — era azul-marinho, franzido na frente. O mais elegante de seu novo armário.

— Não temos tempo. O senhor quer ver você.

Mary se espreguiçou e se levantou devagar. Martha ajudou a menina a se vestir, então instruiu:

— Agora coma seu mingau antes de a sra. Medlock chegar.

Mary brincou com a colher na comida pastosa enquanto Martha guardava sua camisola.

— Anda, menina. Você consegue comer mais rápido que isso — incitou, pegando uma escova de cabelo. — Minha mãe diria que você está se esforçando para não fazer as coisas rapidamente.

Mary começou a comer mais depressa enquanto a criada escovava seu cabelo, repartindo-o para o lado.

— Acho que eu gosto da sua mãe — declarou Mary.

Martha a encarou com um olhar exasperado.

— Você nem a conhece! Agora coma.

Mary deu mais algumas colheradas.

— E acho que eu também gosto do seu irmão, Dickon. — Pensou no menino que vira correndo em meio à neblina. — E *já* o conheci. Ou acho que o conheci, mas ele fugiu. Queria encontrá-lo. — Ela soltou um suspiro triste. — Se bem que imagino que ele não vá gostar de mim. Ninguém gosta... Bom, quase ninguém — acrescentou, pensando em Colin.

Resolveu que manteria o contato com o primo em segredo por um tempo, pelo menos até descobrir por que ninguém na mansão lhe contara a respeito dele.

— Você fica aí reclamando que ninguém gosta de você, mas será que *você* gosta de si mesma, menina? — perguntou Martha.

Mary franziu o cenho.

— Como assim?

Martha guardou a escova.

— Minha mãe me disse isso uma vez, quando eu estava de mau humor. Ela olhou para mim e disse: “Você fica aí dizendo que não gosta disso nem daquilo, mocinha, mas será que gosta de si mesma neste momento?”

A porta se abriu de repente, e a sra. Medlock entrou, marchando a passos firmes. Mary notou que Martha arregalou os olhos, alarmada.

— Não que eu queira interromper este belo momento — disse a governanta, olhando feio para Martha —, mas estão nos esperando.

— Sinto muito, sra. Medlock — gaguejou Martha. — Eu...

— Não foi culpa da Martha — interrompeu Mary, mais que depressa, sem querer que a criada tivesse problemas. — Eu estava demorando demais. Ela estava justamente me repreendendo por isso.

Martha olhou surpresa para Mary; parecia agradecida.

A sra. Medlock fungou, irritada.

— Não me interessa de quem é a culpa. O que interessa é que você está atrasada. Agora venha, criança. — Ela saiu do quarto. — O senhor está esperando.



CAPÍTULO OITO

O sr. Craven

— Quando o patrão lhe dirigir a palavra, você deve tratá-lo por “senhor”. Entendeu? — instruiu a governanta.

— Sim, sra. Medlock — respondeu Mary, tentando acompanhar os passos firmes da mulher corredor afora.

Pararam diante de uma pesada porta de madeira.

— Não diga nada extravagante. O patrão já tem preocupações demais. *E não vá ficar encarando.*

A governanta bateu à porta, e um sino soou de dentro do cômodo. A sra. Medlock assentiu, lançando um olhar de advertência para Mary, e abriu a porta do escritório.

A jovem entrou, avançando corajosamente. O cômodo sombrio era grande e escuro, com cortinas pesadas cobrindo parte das janelas, bloqueando a luz. Uma luminária estava acesa na escrivaninha enorme em uma ponta, e a parede atrás estava coberta de fotografias e de prateleiras com animais e pássaros empalhados. O tio de Mary estava sentado à escrivaninha.

— Venha aqui, garota — ordenou ele. — Venha até a luz, para eu poder ver você.

Mary se aproximou, a atenção indo direto para a corcunda do tio. Desviou o olhar depressa, concentrando-o em um porta-retratos prata sobre a mesa. Era uma

fotografia de sua tia, Grace, e de Colin, ainda pequeno. O tio notou seu olhar para a foto e baixou o porta-retratos mais que depressa, ocultando a imagem.

Ele voltou a falar, mal-humorado:

— A sra. Medlock disse que você está atravancando o espaço. Quer que eu mande você para a escola.

Mary nunca fora à escola, mas odiava a ideia de ficar o dia todo cercada por outras crianças. Então respondeu, com firmeza:

— Eu não gostaria disso, senhor. Gosto daqui.

O tio a observou.

— Então vamos contratar uma governanta para você.

— Não preciso de governanta — respondeu Mary, mais que depressa. — Tenho muito a aprender aqui em Misselthwaite. — Depois de um tempo, lembrou-se de acrescentar: — Senhor.

O tio franziu a testa.

— Essa casa não tem nada a ensinar para uma criança.

Mary sabia que precisava convencer o tio a não enviá-la para um internato nem arranjar uma governanta.

— Mas eu quero brincar lá fora e explorar o terreno. Na Índia, era quente demais para isso.

O tio batucou com a caneta na mesa.

— Mary, sou obrigado por lei a garantir que você estude.

A menina o encarou.

— Então vamos precisar burlar a lei, não é mesmo?

O tio ergueu a sobrancelha de leve e devolveu seu olhar.

— A sra. Medlock me disse que vê muito da sua mãe, Alice, em você.

— E ela gostava da minha mãe? — perguntou Mary, curiosa. — Porque não parece gostar de mim.

O tio não respondeu.

— Mas não é a *sua mãe* que eu vejo em você — acrescentou, depois de um tempo, virando o rosto.

Mary franziu o cenho, confusa. Mas não demorou a entender.

— Então faça você se lembrar da minha tia? Sua esposa? Minha mãe também já comentou que eu parecia minha tia Grace.

Era uma lembrança muito vaga. Mary era muito pequena, estava correndo atrás de uma grande borboleta, rindo e gargalhando. Ela se lembrava da mãe pegando-a no colo e dizendo, rindo: “Ah, Mary, você parece tanto a Grace... Mal

posso esperar para as duas se conhecerem!” Era a única lembrança de um abraço da mãe.

— O tio a encarou e assentiu.

— Muito bem, tomei minha decisão. Você não precisa ir para a escola. Mas, se me causar qualquer tipo de problema, irá direto para um internato, entendeu?

Mary assentiu, mantendo a calma, embora por dentro estivesse exultante, quase pulando de felicidade por ter conseguido o que queria.

— Sim, senhor — respondeu, educadamente.

— E você não vai ficar muito tempo aqui, de qualquer maneira. — O tio suspirou. — As mulheres estão fadadas a deixar Misselthwaite, de um jeito ou de outro. — Ele virou o rosto e a dispensou. — Muito bem. Pode se retirar.

Quando Mary saiu do escritório, encontrou a sra. Medlock esperando do lado de fora. Mary passou reto por ela.

— Não serei enviada a uma escola — anunciou, sem olhar para trás. Teve que conter o sorriso. — E não terei governanta.

A sra. Medlock se apressou para alcançá-la.

— Não vai? — perguntou, surpresa.

— Não. Ordens do sr. Craven. Ele não quer que eu vá embora dessa casa, como as outras mulheres.

— O quê?

A sra. Medlock olhou espantada para a porta do escritório.

— Por favor, certifique-se de que a sra. Pitcher providencie meus sanduíches especiais — pediu Mary, com firmeza. — Preciso de mais carne, estou em fase de crescimento.

A sra. Medlock estava boquiaberta. Mary correu para o quarto, sem conseguir mais conter o sorriso.



Mais tarde, ainda naquela manhã, ela voltou ao tronco caído no qual conhecera a cadela Jemima. O dia estava mais claro, e o céu tinha toques de azul, apesar das

nuvens espessas ainda esconderem boa parte dele. Mary abriu os sanduíches que a cozinheira lhe entregara e tirou uma fatia do tal presunto.

— Sei que está aí! — disse, olhando para os arbustos, mas os galhos não se mexeram. — Se acha que vou jogar um pedaço no chão, está muito enganada! Vai ter que sair e comer da minha mão, como um animal educado.

A cabeça marrom de Jemima despontou por detrás de um tronco de árvore.

Mary sorriu e estendeu a carne. A cadela se aproximou, hesitante, mas logo trotou para mais perto. Abanando o rabo desgrenhado, Jemima comeu o presunto e lambeu os dedos de Mary, que riu ao sentir a aspereza da língua do animal. Deu mais algumas fatias a Jemima, que a deixou acariciar suas orelhas e rosto.

— Você é uma cadela muito boazinha. De onde veio?

Jemima deu um passo para trás. Inclinando a cabeça de lado, olhou para Mary e respondeu com um latido.

— Quer brincar de novo? Então vamos! — exclamou Mary, animada.

Ela guardou o resto do sanduíche na bolsa de couro e saiu correndo com a cadela em seu encalço. As duas dispararam pelos jardins e pelas trilhas cobertas de grama, na direção dos pântanos.

Quando chegaram ao fim da linha, Jemima correu para o meio da neblina.

— Espera, Jemima! Não podemos entrar nos pântanos!

CREC!

Mary ouviu um uivo estridente, e seu coração parou. Correu na direção do barulho e viu que Jemima estava com a pata presa em uma terrível armadilha de metal, do tipo que caçadores usavam para capturar coelhos e lebres.

— Não! — gritou.

Os ganidos de dor da cadela a apunhalavam como uma faca. As mandíbulas de metal da armadilha trituravam a pata da pobre cadela, cujo olhar era de puro desespero. Mary se agachou, e Jemima tentou mordê-la, louca de dor. A menina deu um salto para trás, assustada.

Jemima se debatia, ferindo ainda mais a pata.

— Não, por favor, não! — implorou Mary, os olhos se enchendo de lágrimas.

Mary se ajoelhou de nojo junto da cadela, mais devagar, murmurando palavras tranquilizadoras, tentando não deixar a voz falhar:

— Está tudo bem, Jemima. Vou ajudar. Eu prometo. Por favor, me deixe salvar você.

A cadela parou de se debater, mas ainda estremecia de dor. Jemima fitou Mary com os olhos escuros, implorando.

— Isso — continuou a menina, a voz calma. — Fique paradinha...

Olhou para o ferimento horrível na pata de Jemima. O sangue a deixou de estômago embrulhado, mas precisava ajudar a cadela. Engolindo em seco, Mary se debruçou e segurou cada lado da armadilha. Usando todas as suas forças, separou as mandíbulas de metal, diminuindo a pressão na pata da cadela, que se soltou com um ganido.

Os dentes da armadilha fecharam de repente, com força. Mary conseguiu se soltar bem a tempo, mas a mão quase ficara presa. Bem, tinha dado certo: soltara Jemima!

A cadela lambia a ferida. Jemima conseguira se levantar, mas não conseguia apoiar o peso na pata machucada.

— Venha aqui. Me deixe ajudar — pediu Mary, mas a cadela apenas mancou para longe.

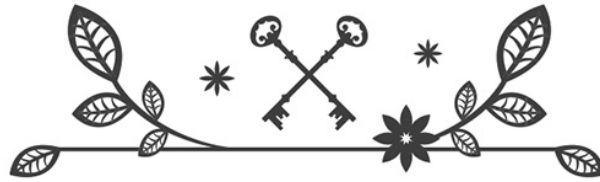
Mary correu atrás de Jemima, mas, apesar de só conseguir usar três patas, a cadela ainda era mais veloz e parecia determinada a não ser alcançada. Jemima correu até o buraco debaixo do muro e desapareceu.

Não posso abandoná-la, pensou Mary. Ela está ferida. Precisa de ajuda.

Examinou o muro coberto de hera, a árvore logo ao lado, e tomou uma decisão. Ignorando os arranhões nas pernas causados pelos galhos e as pontas de madeira que cortavam as mãos, Mary subiu na árvore e começou a escalá-la. Foi cada vez mais alto, encontrando pontos de apoio para os pés, pegando impulso... até enfim chegar ao topo do muro. Então, contorcendo o corpo uma última vez, sentou-se no topo como se fosse a sela de um cavalo.

Foi tomada por uma sensação de triunfo. Chegara tão alto! Agora só precisava descer pelo outro lado, onde também havia galhos de árvores e trepadeiras. Passou a perna para o outro lado do muro e começou a descer, também sem dificuldade de encontrar apoios para os pés. No entanto, assim que se soltou do muro, o galho no qual apoiara o peso quebrou.

Mary caiu, soltando um grito agudo.



CAPÍTULO NOVE

O jardim secreto

As trepadeiras seguraram Mary, o túnel de folhagem desacelerando a queda. Com um baque abafado, ela caiu no topo de uma ladeira íngreme e saiu rolando, descendo às cambalhotas pela vegetação coberta de folhas. Quando finalmente parou, ficou um tempo deitada, verificando se não tinha quebrado nenhum osso. Abriu os olhos, ainda meio tonta. Uma mulher de cabelo escuro e vestido longo, meio desbotada e fantasmagórica, debruçava-se por cima dela, parecendo preocupada.

— Mãe! — exclamou, chocada. Mary se sentou de repente, mas a figura se desfez à luz do sol.

A menina inspirou fundo, trêmula. Devia ter batido a cabeça na queda. Por um instante, realmente pensara que a mãe estava ali, mas é claro que aquilo era impossível.

Onde estou?, perguntou-se, olhando ao redor. Estava cercada de árvores, cujos galhos se tocavam no alto das copas. Entre os buracos do domo folhoso, o sol brilhava forte, pontilhando o chão em volta dela.

Mary se levantou devagar. Tinha alguns cortes e arranhões, e o casaco novo estava coberto de musgo e de folhas, mas nenhuma parte do corpo doía muito. Seguiu pela trilha, perguntando-se onde estaria a amiga, e chamando:

— Jemima!

As árvores eram muito antigas, quase pré-históricas, e os troncos pareciam ter crescido para todos os lados. Os galhos retorcidos estavam cobertos por uma camada de musgo verde suave, que parecia reluzir ao sol. As folhas caídas formavam um tapete espesso e seco, que Mary esmigalhava com os pés conforme subia os troncos caídos e desviava de raízes nodosas que tinham rompido os limites do solo. Sua pele formigava. *Esse lugar parece saído de um conto de fadas*, pensou.

Passou por rochas altas e escarpadas, pingando água, e chegou a uma selva de enormes plantas verdes, todas muito mais altas que ela. Tinham caules grossos como troncos, e as folhas, maiores que guarda-chuvas, bloqueavam a passagem, mas Mary abriu caminho, afastando-as com as mãos, até sair em uma clareira ensolarada. Em alguns pontos, a grama crescera até a cintura, e um córrego largo com margens rochosas passava do outro lado, a água refletindo os raios de sol. Mary avançou com dificuldade pela grama, indo até o rio. Ao chegar lá, ouviu um latido, que a inundou de felicidade. Jemima estava do outro lado do riacho, erguendo a pata ferida, para evitar encostá-la no chão.

— Jemima!

A cadela a encarou com desconfiança e deu um passo para trás.

— Ah, não, você não pode estar zangada comigo! — implorou Mary. — Aquela armadilha não era coisa minha. Venha aqui, vamos cuidar dessa ferida.

Jemima continuava a encarar Mary, sem se mexer, até que a garota tomou uma decisão: se Jemima não iria até ela, então ela ir até a cachorra!

— Muito bem.

Mary tirou o casaco e a bolsa, deixando tudo ali na grama, então entrou na água límpida, soltando um grunhido ao sentir como estava gelada. O riacho foi ficando cada vez mais fundo, até Mary perceber que não teria outra opção a não ser nadar. Não era boa nadadora, mas foi até o outro lado. Saiu na outra margem tremendo de frio.

Jemima a observava com cautela.

— Posso ver sua patinha agora, Jemima?

A cadela não se mexeu.

— Prometo que não vou não machucar você. — Mary deu um passo na direção da cadela, que deu um passo para trás. Mary suspirou. — Não quer ajuda? Muito bem, então. Eu cuido dessa sua pata mais tarde. Primeiro, vamos explorar. Esse lugar é tão misterioso! Vamos!

Mary passou por Jemima, que a seguiu, apoiando-se só em três patas. A jovem saiu correndo, e a cadela logo a ultrapassou. Jemima parecia conseguir correr tão rápido com três patas quanto com quatro.

Havia tanta coisa para ver naquele jardim escondido atrás do muro. Passaram por gigantescas árvores-samambaia, por um bosque de estranhas árvores de troncos bulbosos e folhas frondosas, depois se espremeram por vegetações selvagens.

Mary empurrava folhas para o lado, e uma história começou a ganhar forma na sua cabeça.

— Era uma vez duas amigas, Mary e Jemima! Juntas, elas descobriram um estranho, mas lindo jardim. E brincaram nele o dia todo!

Saíram em uma área com canteiros bem delimitados, mas as plantas tinham crescido demais, e as passagens de cascalho e estátuas de pedra estavam cobertas de hera. No fim havia um belo templo parcialmente imerso na água, uma antiga construção com arcos de pedra cinza e sem cobertura. Mary e Jemima correram até lá.

— Jemima, veja isso! — exclamou a menina, olhando fascinada para a piscina no meio do templo. A água chegava à altura dos tornozelos, cintilando e refletindo a luz.

Jemima latiu, animada, e Mary latiu de volta, sentindo uma onda de felicidade. A cadela pulou na piscina, e Mary a imitou; as duas saltitaram alegremente, espirrando água para todo lado. Ao saírem, correram até uma clareira coberta de relva, com morros repletos de flores escarlate e cornisos de casca vermelha. Mary se deitou na grama, recuperando o fôlego. Por que esse jardim ficava escondido atrás de um muro tão alto? Jardins não costumam ser lugares secretos. Ao contrário, eram feitos para que as pessoas pudessem passear e desfrutar da paisagem. No entanto, parecia que fazia muito tempo que esse lugar não recebia visitas.

Mary ouviu o canto de um pássaro e olhou em volta. Um pisco-de-peito-ruivo estava empoleirado no alto de uma velha estátua de pedra; era uma cabeça gigante, mas quebrada e coberta por um musgo espesso. O pisco a examinou atentamente, e trinou outra vez.

— Olá para você também — cumprimentou Mary, sorrindo, perguntando-se se aquele era o mesmo pássaro que vira no dia em que chegou à mansão.

O pisco cantarolou e bateu as asas. Mary teve a estranha sensação de que ele estava tentando dizer alguma coisa.

— O que foi? — perguntou.

O passarinho voou até entrar na boca aberta da estátua. Então, botando a cabeça para fora daquele espaço escuro, trinou mais uma vez para Mary. Jemima latiu.

A jovem teve certeza de que os dois animais estavam tentando convencê-la a fazer alguma coisa. Levantou-se e foi até a estátua. O canto insistente da ave ficou mais alto quando ela se aproximou, e Mary teve a sensação esquisita de que estava sendo encorajada.

— Tem alguma coisa aí dentro? Uma coisa que vocês querem que eu encontre?

Teve que ficar na ponta dos pés para enfiar a mão dentro da boca da estátua. Tateou o musgo seco, e os dedos logo esbarraram em alguma coisa dura e metálica. O que era aquilo? Estava longe demais para ela alcançar.

Jemima latiu e parou ao seu lado. Mary olhou para baixo e viu que a cadela tinha buscado um graveto, que largou aos pés de Mary.

A menina sorriu. Era exatamente do que precisava!

— Que ótima ideia, Jemima!

Mary pegou o graveto e o encaixou na boca da estátua, fisingando o objeto de metal. Sob a luz do sol, viu que era uma chave de ferro grande, coberta de musgo. Limpou a chave e a observou, estupefata. Por que teriam escondido uma chave dentro da boca da estátua e o que ela abria?

— Então era isso que queriam que eu encontrasse? — perguntou aos animais. — O que eu faço com essa chave?

Jemima pulou nas três patas, latindo, e o pisco cantou.

— Não estou entendendo — retrucou Mary, rindo. Analisou o jardim iluminado pelo sol, as samambaias gigantescas e verdejantes e as árvores seculares protetoras. — Mas este lugar... Este jardim é incrível.

Queria explorar mais, porém, bem naquele momento ouviu o som distante do sino tocando e o chamado da sra. Medlock.

— Preciso ir — disse, frustrada, guardando a chave no bolso. — Volto amanhã. Eu prometo. Preciso dar uma olhada na sua pata, Jemima. Espero que sare. — Então ela se deu conta de uma coisa. — Ih, e agora? Como eu saio daqui?

Jemima latiu e trotou até um grupo de árvores não muito longe. Mary a seguiu e se viu exatamente onde entrara. Pegou o casaco do chão e tratou de vesti-lo, então correu pela margem até a base do muro e começou a escalar. O pé chegou a escorregar, mas sentiu um galho encontrá-lo de repente, amparando-a e facilitando

a subida. Mary arregalou os olhos. Era quase como se a árvore a estivesse ajudando! Parecia impossível, mas ela começava a achar que qualquer coisa era possível naquele jardim encantado abandonado!

No alto do muro, ela parou por um instante e olhou para trás. O jardim se estendia como um reino secreto. Que lugar maravilhoso e incrível...

— Mary! — gritou a sra. Medlock.

Com um suspiro resignado, a menina passou as pernas para o outro lado do muro e desceu. Do lado da mansão, tudo era tão mais sem graça, tão mais cinzento... Ali, um cachorro era apenas um cachorro, e um pisco, apenas um pisco. Mary não ligava. Ela sabia que o jardim estaria esperando por ela, e seu coração se enchia de alegria só de pensar.

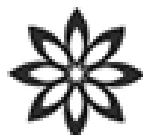


Estava tão empolgada com a descoberta do jardim que nem se importou com a bronca da sra. Medlock por ter demorado e por estar com o casaco coberto de lama.

— Olha só o seu estado, garota! Está cheia de terra. O cabelo está imundo. E molhado!

Mary deu de ombros.

— O sr. Craven me disse para brincar. Então eu brinquei!



Um pouco depois, de molho em um banho quente para tirar aquela terra toda, Mary olhou para a chave que levava escondida para o banheiro. Por que Jemima e o pisco queriam que ela encontrasse aquilo? Talvez a chave destrancasse algum portão para o jardim. Sentia que estava prestes a explodir com aquele segredo. Se ao menos tivesse alguém a quem contar...

Pensou no primo, Colin, deitado na cama no andar de cima. Seu outro segredo. Talvez falasse para ele sobre o jardim. Na verdade, Colin talvez já soubesse a respeito do lugar. Afinal, tinha morado na mansão a vida toda.

Vou falar com ele hoje à noite, pensou. E, cheia de uma satisfação agradável, afundou-se na água quente.



CAPÍTULO DEZ

Primos

Naquela mesma noite, Mary estava se esgueirando pelo corredor, rumo ao quarto de Colin, quando ouviu alguém se aproximando. Espremeu-se contra uma porta e ficou ouvindo. Alguém abriu a porta do quarto de Colin.

— Não, sra. Medlock, por favor! — implorou ele. — Eu detesto isso! Tem um gosto horrível. E faz meu estômago arder.

— Sei que não gosta, Colin — respondeu a governanta —, mas seu pai disse que você precisa tomar. Vai lhe fazer bem.

Mary ouviu Colin soluçar.

— Não vai, não. Nada vai. Por favor...

— Colin, ou você toma o remédio ou usa o colete ortopédico — determinou a sra. Medlock. — Agora, vamos. Seja bonzinho que logo passa.

Colin deu um berro, e Mary engoliu em seco, sentindo o estômago se revirar. Apesar de já ter escutado os gritos, era diferente agora que sabia que eram de Colin. Cerrou os punhos, querendo correr e gritar com a sra. Medlock, jogar aquele remédio longe para o primo nunca tomar aquilo. Por que ele precisava tomar remédio, afinal? Tudo bem que o garoto era pálido e magro, mas não parecia terrivelmente doente.

Depois de alguns minutos, Mary ouviu a sra. Medlock saindo.

— Volto quando você tiver se acalmado — anunciou, fechando a porta e balançando a cabeça.

Mary se espremeu mais nas sombras, mal podendo imaginar como estaria encarcerada se fosse descoberta. Aguardou mais alguns minutos para ir na ponta dos pés até a porta de Colin.

O garoto deu um salto com a entrada da prima. Estava com o rosto coberto de lágrimas, e as secou com a mão enquanto dava as costas para Mary. A menina sabia que o primo estava tentando se recompor, que não queria ser visto chorando.

— Às vezes, preciso de remédios — explicou o garoto, com uma voz tensa e formal, como se achasse que devia alguma explicação a Mary. — Meu pai diz que é para o meu próprio bem. Nunca o vejo, ele é ocupado demais, mas foi o que os médicos disseram...

Colin tomou fôlego e virou o rosto de volta para ela.

— Achei que você não viria mais aqui.

— Eu resolvi que queria ver você.

Mary notou uma coisa do outro lado do quarto: uma cadeira de rodas! Não tinha visto aquilo antes. Foi até ela e se sentou.

— É sua? Você não pode andar? É por isso que ela está aqui?

— Não é da sua conta. Não toque nisso! — exclamou Colin, zangado.

— Ela desliza tão bem... — comentou Mary, balançando-se de um lado para o outro. — Quer que eu o ajude a se sentar nela para podermos explorar a casa juntos? Posso empurrar você!

— Não! Não uso muito a cadeira por causa das minhas costas. Você já viu a corcunda do meu pai, não viu? A minha é igual, só que muito pior. Eu nunca consegui andar. — Ele soltou um suspiro. — Mary, sinto dizer, mas seu primo está à beira da morte!

Mary não conseguiu se conter e retrucou:

— Você não parece à beira da morte.

Colin fungou, irritado.

— E quantas pessoas à beira da morte você conheceu?

Mary não respondeu. Sua mente estava ocupada demais absorvendo o que Colin acabara de dizer. Se o primo estava mesmo morrendo, por que não parecia mais doente? Só o vira sentado na cama, mas não achou que a tal corcunda parecia muito grave. E por que ele aparentava ter orgulho de estar à beira da morte? Tinha alguma coisa errada ali...

— Que tal a gente ir lá fora? — sugeriu. — Pode ajudar você a se sentir melhor.

— *Lá fora?* — ecoou Colin, como se ela tivesse acabado de sugerir que fossem até a lua. — Não posso sair. — Ele colocou a mão ao pescoço, em um gesto dramático. — Tentaram me levar lá fora uma vez, e o fedor das rosas quase me matou!

Mary não conseguiu conter um sorriso.

— Então você tem medo das flores?

O primo olhou feio para ela.

— Isso não foi muito educado da sua parte.

Mary percebeu que Colin estava furioso por não ela não levá-lo a sério.

— E se eu contasse que encontrei um paraíso lá fora? — insistiu. — Onde os pássaros cantam para nós, e onde tem uma cadelinha simpática querendo brincar.

— Eu diria que é mentira. Além disso — ele levantou a voz —, eu também diria que não estou interessado, mesmo *se fosse* verdade. Não tenho nenhum interesse em nada lá de fora!

— Mas... — começou Mary.

Colin virou o rosto.

— Estou cansado. Pode ir.

A menina ficou boquiaberta. Como aquele garoto *ousava* mandar nela, ainda mais depois daquela revelação sobre algo tão maravilhoso?

— O quê?

— Estou cansado — repetiu Colin. — Por favor, vá embora.

— Não.

Mary cruzou os braços, sentindo uma pontada de satisfação com a expressão chocada de Colin. Ele claramente não estava acostumado a ter suas ordens recusadas.

— Não sou seu brinquedinho para ser dispensada quando perder a graça!

— Você que veio aqui. Não foi convidada.

— Eu contei meu segredo — retrucou ela. — Sobre meu lugar mágico.

— Um segredo que eu não queria saber! — Colin se endireitou na cama. — Agora saia e me deixe em paz — ordenou, apontando para a porta.

— Mas você é mesmo intragável! — desabafou Mary, marchando até a porta.

— E você usa palavras que nem entende! — exclamou Colin.

Ela olhou para trás, fixando o olhar nele. Naquele instante, sentiu uma conexão forte brotando entre ambos. *Somos bem parecidos*, percebeu. *Não totalmente, mas bastante. Nós... devíamos ficar juntos.*

Colin afundou-se de volta nos travesseiros, e um pouco da tensão entre os dois pareceu se dissipar.

Mary olhou para o retrato de sua tia, Grace, na parede ao lado da porta.

— É a sua mãe? Dizem que sou parecida com ela.

— Eu a odeio — balbuciou Colin.

— Você a odeia? — repetiu Mary, confusa.

Colin assentiu.

— Por ter morrido. Ela me amava incondicionalmente, mas aí morreu e me deixou sozinho. Não é imperdoável?

O primo a encarou com uma expressão de autopiedade, obviamente esperando solidariedade dela.

Mary não sentiu nenhuma.

— Pelo menos, sua mãe amava você — retrucou, mordaz. — A minha nunca me amou!

Mary baixou os olhos.

Os dois ficaram em silêncio.

Quando Colin voltou a falar, sua voz estava mais branda.

— Pode ler para mim até eu dormir, Mary? Tenho dificuldade de pegar no sono. Minhas costas doem, e eu penso demais.

Quando a menina ergueu o olhar, viu que o primo a encarava quase que implorando. Assentiu e foi até a cama, sentando-se na cadeira de rodas.

— Muito bem. Vou contar uma história de deuses e uma batalha sobre quem criou o fogo.

Colin soltou um muxoxo de desdém.

— Parece péssima. — Ele entregou um livro a Mary. — Toma. Leia essa história, em vez disso.

Mary gargalhou.

— O que foi? — perguntou Colin, surpreso.

A menina balançou a cabeça.

— Você deve ser o menino mais rude que já conheci na vida!

Colin abriu a boca, indignado. Mary ergueu uma sobrancelha, e ele se acalmou. Então, a menina abriu o livro e começou a ler.



CAPÍTULO ONZE

Sonhos e lembranças

Mary leu até os olhos de Colin se fecharem, então saiu do quarto na ponta dos pés.

Fechou a porta com cuidado, então congelou ao ouvir uma risada alegre atrás de si. Mary deu meia-volta e viu duas silhuetas fantasmagóricas vindo a toda pelo corredor, duas jovens com vestidos de baile brancos e compridos: sua mãe e sua tia Grace. As duas sorriram para ela e desapareceram em pleno ar.

Mary piscou algumas vezes, sentindo um arrepio na espinha. Teria mesmo acabado de ver dois fantasmas? *Só posso ter imaginado*, pensou, olhando fixamente para o corredor vazio. *Não é?*

Naquele instante, um outro barulho a fez saltar: era a sra. Medlock subindo as escadas. *Ah, não!* Seria flagrada! Disparou para a porta mais próxima, diretamente em frente ao quarto de Colin, e girou a maçaneta. Para seu alívio, estava destrancada, e ela entrou num cômodo amplo.

Ela andou pelo quarto, curiosa, e notou um filete de luz em uma das paredes. Ao se aproximar, percebeu que era o contorno de uma porta secreta. A empolgação borbulhava dentro dela. Para onde aquela porta levaria? Com os dedos, Mary traçou a ranhura em volta da porta, até tocar em um pedaço de madeira um pouco mais levantado. Apertou a madeira, e, com um leve clique, a porta se abriu.

Teve que tomar fôlego quando viu o que havia do outro lado. O quarto parecia brilhar e reluzir. Os raios de luar que entravam pela enorme janela refletiam nas espessas faixas de teias de aranha penduradas do teto. Manequins de modelagem estavam espalhados pela sala, cobertos por vestidos belos e antigos, todos ornados com joias brilhantes e reluzentes. Outros manequins estavam cobertos com mantos e estolas de pele elegantes. Mary entrou no quarto de olhos arregalados, admirada, enquanto andava por entre as peças de roupa, passando as mãos nos tecidos macios e sedosos.

Havia uma pilha de retratos e fotografias no meio do cômodo, junto de caixas com mais fotos. Mary examinou as imagens, curiosa. Eram todas da mãe e da tia, de crianças até adultas — a mãe sentada, abraçada pela irmã gêmea, as duas correndo por um bosque e dançando em um campo. Em todas as imagens, a mãe e a tia pareciam maravilhosamente felizes. Mary parou para admirar uma foto em que as duas estavam de costas para a câmera, caminhando por uma trilha rodeada de estátuas e de lindos canteiros de flores. Ambas carregavam uma criança pequena no colo, e todos estavam de mãos dadas. Viu também mais uma foto dos quatro sentados sob um grande carvalho com um balanço pendurado em um dos galhos.

Mary deixou as fotografias de lado e abriu um guarda-roupa. Estava repleto de vestidos ainda mais lindos. Quando mexeu, alguns caíram do cabide e ficaram no chão. Mary pegou um prateado, e não conseguiu resistir à tentação de experimentá-lo. Botou a peça por cima da camisola. Era grande demais, mas rodopiou mesmo assim.

Era uma vez uma menina chamada Mary Lennox, começou, sonhadora. Ela foi convidada para um grande baile; ao chegar lá, dançou e dançou, e todos a acharam linda. Mary pegou um boá de penas de um dos manequins, o que derrubou várias echarpes e estolas no chão, e dançou até chegar à cômoda, determinada a abrir as gavetas pesadas uma a uma. Nelas, encontrou rendas, luvas de couro macio, pentes de casco de tartaruga e, finalmente, caixas de joias. Em uma delas, encontrou um colar de pérolas maravilhoso, que logo pôs no pescoço. Ela sorriu diante do espelho.

Foi quando um grito de dor já conhecido a fez se lembrar exatamente de onde estava. Era Colin! A sra. Medlock devia estar no quarto dele, forçando-o a tomar mais daquele remédio que o menino tanto detestava.

Mary tirou o vestido e o boá, largando-os no chão junto das outras roupas, e correu de volta para o quarto anterior, escutando por trás da porta. Levando a

mão ao pescoço, se deu conta de que ainda estava com as pérolas! Tirou o colar e o guardou no bolso da camisola, pensando em mais tarde colocá-lo de volta no porta-joias. Os gritos de Colin tinham se transformado em soluços, e ela ouviu a sra. Medlock saindo. Quando os passos da governanta começaram a ecoar mais longe, até finalmente descerem as escadas, Mary abriu a porta, pretendendo ir até Colin. Um barulho no patamar da escada, porém, a fez hesitar.

Espiou para fora. O tio caminhava a passos largos do outro lado do corredor, avançando até a porta do quarto de Colin. Ele parou diante na porta, a mão na maçaneta... até que a afastou, o rosto um emaranhado de emoções conflituosas.

Por que ele não entra?, pensou Mary, espantada. Sabia que, se fosse ela sentindo dor, seu pai — se estivesse vivo — iria correndo ficar ao seu lado.

O tio respirou fundo, passou a mão no cabelo, deu meia-volta e dirigiu-se lentamente de volta para a escada.

Naquele instante, Mary o odiou profundamente. Por que o tio não entrara e reconfortara o filho? Pode ser que a mãe de Colin o amasse, mas o pai não ligava para ele.

Com o tio e a sra. Medlock pelos corredores, Mary não queria arriscar voltar ao quarto de Colin. Em vez disso, correu de volta para o dela. Tanta coisa tinha acontecido... Jemima fora pega pela armadilha, depois ela descobrira o jardim e o quarto secreto, com todas aquelas roupas e fotos... E ainda a revelação de que Colin estava prestes a morrer. Pensou na foto da mãe e da tia de mãos dadas com duas criancinhas. Será que eram o primo e ela? Não... Colin disse que nunca andara, e a garota não podia ser ela, porque Mary nunca estivera na Inglaterra. Então quem eram aqueles dois?

Quando ela pegou no sono, diversas imagens tomaram sua cabeça: lampejos do jardim secreto, da cadela, do pisco-de-peito-ruivo... Mary corria entre os canteiros. As ervas-daninhas tinham desaparecido, e o lugar estava cheio de flores enormes e coloridas... A menina passava correndo por elas, até que, de repente, estava na Índia de novo, com o pai a perseguindo, fingindo ser um monstro, e ela gargalhando de felicidade... Então estava na varanda, com o caderno de exercícios apoiado no joelho, escrevendo. A porta se abriu, e ela viu a mãe deitada em um divã. Seus olhares se cruzaram, e Mary sentiu uma pontada de esperança. Talvez dessa vez sua mãe a veria?

— Eu escrevi uma história, mãe! — anunciou, indo até a porta. — Posso ler para você?

— Não, Mary. Agora não. Por favor, saia — respondeu a mãe, cansada. — Preciso de paz e silêncio.

— Mas mãe, eu escrevi para você...

A mulher, então, gesticulou para uma criada, e a porta foi fechada na cara de Mary.

Ela me odeia, pensou a menina, deixando escapar duas lágrimas.

— Mary? — Era o pai. Ele subiu para a varanda e notou que a menina estava chorando. — Ah, minha macaquinha... — disse, secando as lágrimas da filha com o polegar. — Queria ver sua mamãe?

Mary assentiu, e ele suspirou.

— Ela... a mamãe não pode ver você agora. Ela está triste.

— Mas eu podia tentar deixar ela feliz, papai.

Ele abriu um sorriso pesaroso.

— Infelizmente não daria certo, minha macaquinha. A mamãe fica pior quando vê você. Não é culpa sua, não se preocupe.

Mary não entendia. Por que sua mera imagem fazia a mãe se sentir pior?

— Ela está doente — falou o pai, triste. — Muito doente.

Mary franziu a testa.

— Eu queria que ela morresse logo e deixasse a gente em paz!

— Mary, não fale assim — repreendeu ele, ríspido. — Agora vá brincar, como uma boa menina. Eu preciso trabalhar.

Mary segurara as lágrimas. Seria boazinha como o pai pedira, porque, se não fosse... bem, aí talvez ele também começasse a fechar portas na sua cara e parasse de amá-la.



Mary despertou com Martha limpando a grade da lareira.

— Bom dia, senhorita — cumprimentou a criada, abrindo um sorriso amigável para Mary, que se sentara na cama.

— Bom dia, Martha. — Ela a observou por um momento. — Você trabalha aqui há muito tempo?

— Desde os meus 12 anos, senhorita. Comecei como copeira. As coisas eram muito diferentes naquela época. Tínhamos muitos funcionários, criadas de quarto, lacaios, um mordomo, cavaleiros... — Ela balançou a cabeça. — Eram outros tempos.

— Antes da guerra — acrescentou Mary.

— E antes de a patroa morrer — explicou Martha, baixinho. — Hoje em dia é difícil de acreditar, mas essa casa já foi repleta de luz, risada e felicidade.

— Como era a minha tia Grace?

Martha pareceu surpresa.

— Sua mãe não falava dela?

— Não. Ela nunca falava da Inglaterra. Pelo menos, não que eu me lembre — admitiu Mary.

— Talvez fosse uma lembrança muito sofrida — disse Martha, com um suspiro. — A patroa e ela eram unha e carne. Você não imagina a choradeira quando anunciaram que seu pai seria enviado para a Índia... — A criada balançou a cabeça. — Nunca vou esquecer. Não sei como sua mãe sobreviveu à perda da patroa. Deve ter quase morrido de tristeza. — Martha se levantou. — Precisa de mais alguma coisa, senhorita?

— Não — respondeu Mary, vendo que o mingau já estava na mesa. Ela sorriu. — Está tudo bem, Martha. Obrigada.

A criada saiu, parecendo surpresa, mas contente. Mary trocou de roupa, escolhendo um vestido sem botões nas costas, e se sentou para comer o mingau. Pensou em tudo que Martha dissera. Nunca soubera que a mãe e a tia Grace eram tão próximas. Deve ter sido muito difícil para a mãe ir embora da Inglaterra. E pior ainda quando soube que Grace tinha morrido.

Mary se lembrou do sonho. Sabia que não era só um sonho — era também uma lembrança. Lembrava-se de esperar na varanda, da tristeza que sentira quando a porta batera em sua cara. Mas, pela primeira vez, a menina se perguntou se talvez a mãe também estivera triste — de luto pela irmã. Pensar naquilo mudou um pouco a forma como se sentia em relação à mãe.

Mary ainda estava pensando naquilo quando saiu do quarto. Conseguiu mais sanduíches de presunto enlatado com a cozinheira e partiu rumo aos jardins. Enquanto caminhava, ouviu um estalo atrás de si. Seu coração deu um salto. Será que estava sendo seguida?

A menina se escondeu atrás de um enorme carvalho, e encontrou um espaço embaixo de um arbusto de rododendros. Escondida sob os galhos, observou a sra.

Medlock passar, olhando desconfiada de um lado para o outro.

Ora, ora, pensou Mary, sorrindo. Então a sra. Medlock está me seguindo e se acha esperta o bastante para me espionar hein? É o que veremos!



CAPÍTULO DOZE

Dickon

Mary esperou a sra. Medlock voltar pela trilha. Ela estava com a cara irritada. Assim que a governanta sumiu de vista, a menina saiu do meio dos arbustos e continuou em frente, chamando Jemima.

A cadela não apareceu, mas Mary viu uma silhueta no meio da neblina. Era Dickon, o irmão de Martha. Ficou zangada na hora. Tinha certeza de que ele fora o responsável por deixar aquela armadilha no chão, e por ter ferido Jemima!

— Dickon? Pare! — chamou, marchando na direção dele.

O rapaz começou a se afastar.

— Ah, não, você não vai fugir! — gritou Mary. — Se correr, vou mandar sua irmã puxar sua orelha.

Dickon parou.

— Martha não faria isso. Ela me ama muito mais do que ama você.

— E ela ainda amaria você se soubesse que anda deixando armadilhas e caçando por aí? — acusou Mary, furiosa.

Dickon marchou até a menina, indignado. Mary viu a cabeça de um arminho branco sair do bolso do casaco verde dele.

— Caçando? Isso é mentira! Nunca usei uma armadilha na vida!

— Usou, sim — discordou Mary, mas com menos certeza. — Só pode ter sido você! Alguém deixou uma armadilha nos pântanos, e minha cadela, a Jemima, ficou presa nela.

— Jemima? — Dickon ergueu uma sobrancelha. — Se está falando daquele cachorro marrom que tem andado por esses lados, não sei se ele gostaria desse nome, considerando que é macho.

— Macho? — ecoou Mary, surpresa. — Jemima é macho?

Dickon assentiu.

— Ah.

Mary mordeu o lábio. Jemima ser macho ou fêmea não era tão relevante, não no momento. A cadela — ou cachorro — estava ferida, e, pelo visto, Dickon não era o responsável.

— Bom, isso não interessa. Não muito. O importante é que ele está ferido.

— Ferido? — O tom de Dickon mudou imediatamente. — E cadê o cachorro? Pode me levar até ele?

— Eu poderia... — Mary olhou desconfiada para ele. — Mas por que eu deveria confiar em você?

— Eu sei como fazer o cachorro melhorar. Confie em mim.

Mary encarou os olhos castanhos dele, e viu sinceridade.

— Muito bem, mas, se vou mostrar onde ele está, preciso que concorde em guardar segredo.

Dickon assentiu e cuspiu na palma da própria mão.

— Dou minha palavra. Vou guardar segredo — disse, solene, estendendo a mão para Mary.

Ela ficou intrigada.

— Por que você cuspiu na mão?

Dickon pareceu surpreso.

— Você tem que cuspir na sua também — explicou —, daí apertamos as mãos. Assim, estaremos ligados. Mas, se você for uma dessas damas sofisticadas demais...

Mary ergueu a cabeça, empinando o nariz, e retrucou:

— Não sou nenhuma dama, não, senhor!

Ela cuspiu na palma da própria mão e apertou a dele com firmeza. Então abriu um sorrisinho tímido, e Dickon sorriu de volta.

— Muito bem, e cadê o cachorro?

Mary levou Dickon até o muro.

— Temos que escalar até o outro lado. Podemos usar os galhos desta árvore.

Mary começou a subir.

Dickon a seguiu. Quando os dois alcançaram o topo, a alegria se espalhou pelo rosto dele, vendo o jardim secreto se estendendo por todo o outro lado do muro.

O coração de Mary parecia prestes a explodir de felicidade por poder compartilhar sua descoberta.

— Este é meu segredo, e você concordou em guardar. Só mostrei porque você precisa ajudar Jem... o cachorro.

Dickon assentiu, e ambos desceram o muro com ajuda das trepadeiras. Mary teve o cuidado de segurar firme e não cair, como no dia anterior. Assim que pisou chão, saiu correndo e gritando:

— Por aqui!

Dickon a seguiu. Os dois passaram correndo pelas árvores, até chegarem a uma clareira, onde Mary parou para tomar fôlego.

— Olha só esse lugar — comentou Dickon, girando, olhando em volta, maravilhado. — Tem uma toca de texugos! — Ele apontou para um barranco com um buraco enorme. — E, quando a primavera chegar, vai ficar cheio de coelhos, esquilos, porcos-espinhos, arminhos e ratos-do-mato. E raposas também!

Seus olhos brilhavam, e Mary amou ver como ele estava empolgado. Mal podia esperar para mostrar o resto do jardim, mas antes precisavam encontrar o cachorro.

— Jemima! — chamou. Então olhou para Dickon, pesarosa. — Acho que vou precisar escolher outro nome.

— Vamos cuidar dele antes — sugeriu Dickon.

— Jemima! — repetiu Mary. Ela se sentou, tirou uma fatia do presunto de um dos sanduíches e a atirou no chão.

Ouviram um leve farfalhar, e o cachorro apareceu do meio de uma moita, pulando nas três patas. Ele abocanhou a carne e olhou para Dickon, desconfiado.

— Olá, amigo — cumprimentou o garoto.

Mary pegou mais carne, e o cachorro foi mancando até ela.

— Como chegou até aqui? Seu dono não voltou da guerra? — perguntou Dickon, baixinho.

O cachorro o encarou, ainda cauteloso.

— Não vou lhe fazer mal — insistiu o rapaz, então olhou para Mary. — Consegue trazer ele mais para perto?

Mary balançou o presunto, e o cachorro se aproximou um pouco mais. Quando passou por Dickon, o menino o agarrou e o virou de barriga para cima.

— O que está fazendo? — Mary arfou, e o cão uivou. — Larga ele!

— Shhhh, shhh.

Dickon começou a sussurrar no ouvido do cachorro. Mary não conseguia ouvir o que ele estava dizendo, mas aos poucos o cão relaxou, e o garoto conseguiu inspecionar a pata machucada. Dickon tocou a pata com cuidado, e o cão choramingou baixinho.

— Você me enganou! — sibilou Mary, furiosa.

O cachorro gemeu.

Dickon olhou bem para Mary.

— O cachorro confia em você. Pode segurar a cabeça dele?

Mary se aproximou e acariciou a cabeça do cão, perguntando:

— Como ele está? Como está a pata?

— Não está quebrada, mas o ferimento está apodrecendo, e, se não cuidarmos, ele vai acabar perdendo a pata. E talvez até a vida — constatou Dickon, examinando a ferida outra vez.

— O que você pode fazer? — perguntou Mary, ansiosa.

— Tem água corrente por aqui?

— Sim, tem um riacho. Vou tentar lembrar a direção...

Mary olhou em volta, em dúvida, mas as árvores pareceram se separar de leve, fazendo o sol brilhar por entre elas, iluminando uma trilha. A menina piscou. Aquilo tinha mesmo acontecido?

Sim, pensou, com certeza absoluta. *Esse jardim é mágico.*

— É por ali — anunciou, apontando para a trilha. — Tenho certeza.

A trilha os levou por entre as árvores até a clareira e o riacho. Dickon foi até a água corrente cintilante com o cachorro nos braços. Livrando-se da bolsa, ele se ajoelhou na margem e, segurando o animal próximo à água, lavou a ferida. O cão choramingou, mas parecia sentir que o menino estava ajudando e não tentou fugir.

— Pronto — anunciou, depois de um tempo.

Mary assistiu àquilo, fascinada.

— Tem um pano na minha bolsa. E uma faca. Corte o pano em pedaços para eu amarrar em volta da pata e não entrar mais sujeira. Rápido.

Mary ficou meio incomodada de receber ordens, mas logo lembrou que não devia ser tão boba. Dickon só estava tentando ajudar e sabia mais que ela a respeito de animais e seus ferimentos. Correu até a bolsa e encontrou a faca e o pano, que envolviam um naco de pão preto e um pedaço de queijo. Deixou a comida na grama, ao lado da bolsa, e tirou a faca do estojo.

— Nunca usei uma faca dessas — admitiu.

— Então tome cuidado. Senão vou precisar cuidar de você também.

Franzindo o cenho, concentrada, Mary cortou o pano em tiras e as entregou a Dickon.

— Ficou muito bom — elogiou o garoto, impressionado.

Uma sensação quente e agradável preencheu Mary, que ficou observando o garoto atar as tiras em volta da pata do cachorro, cobrindo a ferida feia. Quando acabou, o cão lambeu as mãos e o queixo de Dickon, agradecido. O menino sorriu.

— Está se sentindo melhor, não é mesmo, senhorzinho? Agora chega de me agradecer — disse, afastando-o com cuidado. — Vamos ver se consegue andar direito, rapaz.

O animal mancou um pouco e tentou correr, mas caiu na grama com um uivo.

— Dickon! Você não consertou nada! Só piorou tudo! — gritou Mary, levantando-se de um salto para ajudar o cachorro, mas Dickon a segurou.

— Não, moça. Espera.

A grama pareceu tremer, e, diante dos olhos deles, cresceu ao redor da silhueta do cachorro, envolvendo-o, cobrindo-o como um cobertor verde de proteção. O cão adormeceu.

— Dê tempo ao tempo — murmurou Dickon. — Vocês dois. Já fizemos o possível.

Mary observou o cachorro, então perguntou:

— Vamos esperar que a mágica do jardim o cure?

Dickon assentiu.

— De manhã teremos a resposta. — Ele parecia sério. — Vamos torcer para ser a que esperamos.

— O jardim *vai* ajudar — afirmou Mary, com firmeza.

— Veremos.

Ele pegou o pão e queijo e se levantou.

— Não existe motivo para desperdiçar isso. Quer um pouco?

— Trouxe meus próprios sanduíches — respondeu Mary, abrindo a bolsa. — A cozinheira os prepara para mim, e eu divido com Jem... o cachorro.

Ela pegou os sanduíches, e os dois comeram juntos, sem falar nada, enquanto a grama farfalhava com a brisa, e o sol raiava sobre o riacho.



CAPÍTULO TREZE

O quarto escondido

Naquela noite, Mary voltou ao quarto de Colin, perguntando-se como estaria o humor dele. Para seu alívio, o primo pareceu feliz em vê-la.

— Sente-se — pediu, com uma voz afetada, apontando para a beirada da cama. — Quero saber mais sobre esse jardim mágico.

Mary não precisava de mais incentivo que aquilo. Explorara o lugar mais um pouco, junto de Dickon, e tinha tantas coisas para contar...

— Eu conto, mas você vai ter que cuspir na mão e prometer que não vai dizer uma só palavra a ninguém. É o lugar mais maravilhoso do mundo!

Os olhos dela brilhavam.

— Tem centenas de árvores e plantas, e o musgo brilha. E tem umas plantas estranhas, que parecem guarda-chuvas gigantes.

Ela falava sem parar, atropelando as palavras, tentando descrever a mágica do jardim.

— Tem um templo antigo que parece sair direto do chão, com um lago no meio, e uma trilha cercada por estátuas. E tem um riacho que cura ferimentos. Também vi uns animais por lá, a maioria hibernando até a primavera, mas não os pássaros... Tem um pisco que revela segredos, e o mestre do lugar é um cachorro!

— Essa última parte me parece um pouco de exagero, mas é sério que tem um lago no meio do templo? — perguntou Colin, ansioso.

— Bom, talvez *você* não chamasse de lago. É mais um brejo. Mas *tem* um riacho, e acredito que ele possa curar. Mas, antes de continuar, você prometeu cuspir... — lembrou Mary.

Colin se remexeu, desconfortável. Constrangido, como se não quisesse admitir que não sabia alguma coisa, falou:

— Mary, você... Talvez você tenha que me explicar como cuspir.

Mary riu e cuspiu na palma da própria mão, que depois estendeu para o primo.

— Ah — disse Colin, piscando. — Surpreendentemente simples.

Ele a imitou, e os dois apertaram as mãos.

— Agora que cuspimos e apertamos as mãos, jamais podemos quebrar a promessa — informou Mary, muito séria.

— Não contarei a uma alma sequer — prometeu Colin. — Tem minha palavra. Agora quero saber mais sobre esse cachorro. Talvez possa ser adestrado... Tem um livro sobre adestramento de cães na minha estante. — Ele apontou para o outro lado do quarto. — Vá pegar.

Mary riu.

— Ah, não vou não, se você ficar falando assim comigo. — Ela se sentou na cadeira de rodas. — Quando foi que usou essa cadeira pela última vez?

— Pegue meu livro! — repetiu Colin, zangado.

Ela o ignorou.

— Não acredito que suas costas doam tanto quanto você diz.

— E eu não acredito que você matou sua mãe, como você diz — retrucou Colin. — Então quem é o mais mentiroso aqui?

Mary ficou chocada.

— Como sabe disso?

— Eu contei à criada que limpa meu quarto que ouvi você andando por aí e exigi que me contasse quem era. Ela disse que você é órfã, e que seus pais morreram de cólera em um hospital. Deixou bem claro que você não é nenhuma assassina.

Mary sentiu um nó na garganta. Queria que fosse verdade, mas sabia o que fizera. Sem querer falar sobre aquilo, mudou de assunto.

— Colin, confia em mim? Quero mostrar uma coisa.

— Por que eu confiaria em você?

Mary ergueu as sobrancelhas. O primo teve a elegância de parecer ligeiramente envergonhado e assentiu.

— Está bem. Mas eu não vou lá para fora — acrescentou, em tom de advertência.

— Não é lá fora. — Mary levou a cadeira de rodas até a cama dele. — Quer ajuda para sentar?

— Não — recusou ele, vermelho. — Não quero que você veja minhas costas, com a corcunda crescendo. Vire. Eu consigo sozinho.

Mary foi até a porta e esperou, de costas para ele. Ouviu Colin grunhindo com o esforço e praguejando baixinho, até que, finalmente, ele pigarreou e disse:

— Pode se virar.

O primo estava sentado na cadeira com o roupão por cima do pijama. Seu rosto estava pálido.

Mary se apressou para trás da cadeira, empurrando-o corredor afora.

— Confiei em você esta noite — disse Colin, olhando para a prima. — Creio que deva confiar em mim de volta. Pode me contar por que se considera uma assassina?

Mary vacilou. Sabia como tinha sido difícil para Colin concordar em sair da cama, e sentia que devia algo a ele de volta.

— Eu desejei a morte da minha mãe — confessou, baixinho. — Estava zangada porque ela não me amava, então desejei que ela morresse, e aconteceu. Veio a cólera, e papai e ela morreram. Sou uma assassina, Colin.

— Mas Mary, isso é...

— Eu fiz acontecer — interrompeu a menina, olhando feio para ele.

Não queria que o primo tentasse fazê-la se sentir melhor. Sabia que fora culpa sua, sabia que ela teria que viver com aquele sentimento para sempre.

Colin pareceu alarmado.

— Muito bem. Se é o que diz... então eu acredito. — Ele parecia estar ficando com medo. — Mas, se me levar ao jardim, vai me matar também!

Mary franziu o cenho.

— Não vamos para o jardim. Vamos até aquele quarto ali. — Ela apontou para o quarto com os murais. — Tem uma coisa que eu quero que você veja.

Mary deslizou a cadeira para dentro do recinto. Colin encarou os murais até Mary encontrar a trava oculta e abrir a porta do quarto secreto.

— Que lugar é esse? — perguntou ele, surpreso, enquanto a prima o empurrava para dentro do quarto reluzente. O luar radiante caía sobre as teias de aranha prateadas, as pedras preciosas dos vestidos brilhavam.

Colin estudou o cômodo, os ombros tensos, a voz cada vez mais alta:

— Esse quarto era da minha mãe? Não gostei daqui, Mary. Me leva embora.

— Espera! — pediu a menina, correndo até a pilha de fotos. — Você precisa ver isso. Eu tinha 3 anos quando a sua mãe morreu, e nós dois temos a mesma idade. Você se lembra de alguma coisa daquela época?

— Não sei e não me importo. Quero voltar para o meu quarto.

— Colin! — Mary levou a caixa de fotografias soltas para ele. — Só olhe. Não tenha medo. — Mas o primo virou o rosto. — Você vai gostar disso. É a sua mãe e a minha. Juntas. Veja.

Ela mostrou as primeiras imagens a Colin e parou na que tinha as duas crianças. O menino era esguio e moreno; a menina, menor, com cabelo castanho na altura do queixo. Estavam de mãos dadas com as mães.

— Somos você e eu — disse Mary, baixinho. — No começo não achei que fazia sentido, porque eu pensava que nunca tinha vindo para a Inglaterra, mas acho que minha mãe deve ter me trazido aqui quando sua mãe adoeceu. Martha me contou que as duas eram muito próximas, então acho que ela veio visitar a irmã gêmea, a sua mãe, uma última vez. Depois que sua mãe morreu, a minha não conseguiu mais nem tocar no assunto, e ninguém nunca me contou. Não é incrível que a gente tenha se conhecido tão novo e nenhum dos dois se lembra? E olha: acho que estávamos no jardim secreto!

A mão de Colin estava tremendo. Ele empurrou a foto de lado.

— Não quero ver — disse, a voz também trêmula de emoção.

— Mas não é extraordinário? — insistiu Mary, os olhos brilhando. — E sabe o que é ainda mais extraordinário? Você está andando nessa foto, Colin. Não está em uma cadeira de rodas, nem tem corcunda. E não parece doente. Olha...

— Não! — exclamou o primo, empurrando Mary, quando ela tentou colocar a foto de volta no colo dele. — Não! Não! Não! Já falei que não quero ver. Você está fazendo isso só para me magoar. Está com inveja porque minha mãe me amava e a sua não amava você!

A raiva de Mary borbulhou, e ela partiu para cima de Colin, pronta para um tapa, mas se conteve no último segundo. Ainda assim, o primo começou a gritar. Desesperada, com medo de que fossem ouvidos, tapou a boca de Colin com a mão. O menino se debateu até que se desequilibrou e caiu da cadeira, levando Mary junto para o chão e derrubando um dos manequins, que caiu em cima do manequim ao lado, e ambos tombaram, espalhando roupas por todo lado.

Mary se sentou, meio tonta, e pensou ter visto as silhuetas turvas de sua mãe e de Grace debruçadas por cima de Colin, preocupadas. Mary ofegou, surpresa, e os

fantasmas desapareceram.

— Colin.

A voz de Mary saiu mais como um guincho. O primo estava caído no chão, imóvel, o rosto pálido, os olhos fechados... Engatinhou até ele.

— Colin, você está bem? Colin!

Ele abriu os olhos. Mary sentiu o alívio inundá-la. Por um momento, achou que o primo tinha morrido! Ela se ajoelhou e o ajudou a se sentar.

— Está doendo? Onde... — Ela parou, reparando em uma coisa. — Ei, Colin, suas costas! — Ela olhou mais de perto. — Você não tem nenhuma corcunda! Suas costas são iguais às minhas.

— Claro que não são — discordou o menino, zangado.

— São, sim — insistiu Mary, levantando a blusa do pijama do primo e passou a mão pelas costas dele. — Juro pela vida da sua mãe que não vejo corcunda nenhuma. Não tem absolutamente nada de errado com a sua coluna.

Colin a encarou, incrédulo.

— Mas meu pai disse... Não. Eu tomo o remédio por causa das minhas costas, e o remédio queima e dói. Não faz sentido tomar, se não for por causa da corcunda.

Mary o encarou de volta, sem saber o que dizer. O primo tinha razão: não fazia sentido.

Começou a ajudá-lo a se sentar de volta na cadeira de rodas enquanto refletia sobre aquilo tudo. Colin podia ter as costas normais, mas as pernas certamente não pareciam suportar o peso do corpo. E foi difícil levantá-lo.

— Cuidado — pediu ele, enquanto Mary se esforçava para ajudar.

— Está *me* dizendo para ter cuidado? — retrucou Mary, abrindo um sorriso quando conseguiu sentá-lo de volta.

Meio sem fôlego, os dois olharam pelo quarto, então um para o outro. E sorriram.

— Me desculpe — pediu Mary, de coração. — Eu não sabia que você ficaria tão chateado vindo aqui.

— É difícil ver todas essas coisas da minha mãe — confessou ele.

Mary olhou de esguelha para o primo.

— Eu... eu vi nossas mães — admitiu.

Colin a encarou.

— Agorinha mesmo, quando você caiu. Estavam debruçadas sobre você, quando estava no chão. Acho que eu já tinha visto os fantasmas delas... Pensei que

tinha sido minha imaginação, mas agora tenho certeza de que não foi... — Ela o encarou com um olhar de advertência. — Se disser que estou mentindo...

— Não vou dizer. Não acho que esteja. Eu... eu nunca contei a ninguém, Mary, mas, quando os soldados que estavam aqui começavam a gritar, eu via o fantasma de minha mãe. Ela aparecia e ficava ao meu lado. Sempre achei que ela tivesse vindo me tranquilizar por saber que eu estava com medo.

— E agora minha mãe se juntou a ela — comentou Mary, pensativa.

Colin hesitou, então pegou a mão dela, e os primos examinaram o quarto mais uma vez. Era um aposento cheio de memórias; lembranças de gêmeas que significavam tudo uma para a outra e de uma casa que tinha sido bem diferente.

Já foi repleta de luz, risada e felicidade, pensou Mary, lembrando as palavras de Martha. *E agora não passa de uma prisão cheia de segredos.*

Uma nuvem passou diante da lua, e Mary viu as silhuetas fantasmagóricas da mãe e da tia paradas junto à janela, olhando para o jardim. As duas se viraram para trás e fitaram a garota com um apelo silencioso. Dessa vez, a menina não sentiu medo, apenas curiosidade.

— O que vocês querem? — sussurrou. — O que querem que eu faça?

Mas a lua voltou a brilhar, e as silhuetas sumiram, deixando apenas raios prateados do luar nas roupas espalhadas pelo chão.



CAPÍTULO CATORZE

O segredo do pássaro

No dia seguinte, Mary estava prestes a sair de casa quando passou pela biblioteca e viu o tio parado diante dos retratos da esposa. Seu rosto parecia rígido.

— Não faz sentido guardar isso — murmurou ele.

Mary passou pela porta de fininho, mas, quando saiu da mansão, ainda pensava nele. Era um homem bem estranho. Por que não queria guardar os quadros da esposa? E por que mantinha Colin trancafiado, sem deixá-lo sair de casa, alegando que o menino era corcunda?

Será que ele odeia o filho?, perguntou-se Mary. *Afinal, não entrou no quarto naquele dia, quando Colin estava soluçando de dor. Sem falar que o obriga a tomar um remédio que ele odeia.*

Mas, enquanto refletia, Mary se lembrou da expressão relutante no rosto do tio, do lado de fora do quarto de Colin. Parecia estar sofrendo. A menina balançou a cabeça. Por que o tio ficava com aquela cara de sofrimento, mas não entrava para tranquilizar o filho? Não fazia sentido. *Essa casa tem segredos demais,* pensou.

Olhando para trás, viu a sra. Medlock observando-a de uma janela aberta no primeiro andar.

Seguiu em frente; após alguns minutos, percebeu a governanta saindo da casa. Mary sorriu para si mesma e saltitou por entre algumas árvores. Escondida, correu

para um velho teixo e o escalou até o alto. Então, aguardou. Como era de se esperar, sua perseguidora veio apressada, olhando de um lado para o outro.

Então parece que você está me espionando... Por quê?

Mary esperou até ela estar longe e desceu com muito cuidado, movimentando-se escondida pelas árvores, indo direto até o muro. Estava desesperada para chegar ao jardim. Queria saber como estava o cachorro. Será que melhorara? Ou teria piorado?

Ela escalou até o topo do muro, se perguntando se não haveria um portão ou uma porta que levasse ao jardim. Certamente devia haver uma maneira que não envolvesse escalar.

Preciso encontrar a entrada de verdade, pensou.

Desceu do outro lado, imaginando se Dickon estaria ali. Enquanto corria pelo tapete de folhas secas, notou uma ou outra folhagem nova, verdinha, caindo dos galhos sob o sol, e seu coração ficou mais leve. A primavera estava chegando, e o jardim parecia estar voltando à vida.

Eu podia tirar as ervas daninhas, pensou, enquanto a mágica parecia guiar seus passos até o jardim das estátuas. E tirar um pouco do mato. Deixar aqueles canteiros parecidos com o das fotos de quando eu era criança.

Ela saltitou de felicidade só de pensar, até que avistou Dickon no templo. O garoto tinha tirado a jaqueta pesada de inverno e estava cortando algumas plantas com a faca. Dickon ensinara Mary a assoviar no dia anterior, e ela assoviou para chamá-lo. Dickon se virou e acenou para ela.

— Já viu o cachorro? — perguntou Mary, correndo até ele. — Está sarando? Ou... piorou?

Ouviu um farfalhar, e o cão correu do meio dos arbustos atrás de Dickon. Com um latido de boas vindas, o animal pulou em cima de Mary.

— Ele melhorou! — gritou a menina, caindo de joelhos.

O cachorro pulou em volta dela, abanando o rabo, e Mary o afagou.

— Mas ainda está mancando — observou Dickon, indo até os dois. — Pelo menos, a pata já está aguentando o peso.

— O jardim o curou.

Os olhos de Mary brilhavam.

Dickon sorriu.

— Ora, bem, o jardim ajudou um pouco.

— Não, Dickon — insistiu Mary, muito séria. — Esse jardim é mágico! Ele cura as pessoas. E os cachorros.

Mary olhou com uma fascinação renovada para aquele jardim coberto de vegetação, com o templo e as estátuas. O cachorro latiu de novo, e ela latiu de volta.

— O que você está fazendo? — perguntou Dickon, achando graça.

Mary riu.

— Sou um Yorkshire terrier!

Dickon deu uma risadinha e latiu também.

— Então também sou um Yorkshire terrier!

Mary correu em círculos, latindo, e o cachorro correu e latiu junto dela.

— Vem! — gritou, pegando Dickon pela mão.

— O quê? Para onde vamos?

Mary sorriu para ele.

— Apenas corra!

E disparou, transbordando de felicidade, correndo só pelo prazer de correr. O cachorro ia junto, e ela ouvia as botas de Dickon na grama logo atrás. Conforme disparavam pelo jardim, caules pareciam crescer do solo, retorcendo-se em volta das colunas do templo, os botões se abrindo em flores vermelhas e amarelas vibrantes, como se o jardim estivesse reagindo à alegria deles.

A luz do sol iluminava seu rosto, e Mary abriu os braços, tocando as plantas enquanto corria. A primavera chegara de repente ao jardim, e, ao seu redor, tudo começou a desabrochar. Não me esqueças azuis, tremoceiros laranja altos e azaleias vermelhas grandes ganhavam vida. Flores de um cor-de-rosa e de um roxo profundos despontavam em meio aos rododendros verde-escuros, e flores brancas surgiam nos galhos retorcidos de uma magnólia. Os botões pareciam pipocar quando as crianças tocavam neles.

— Esse jardim é mágico, Dickon! Eu sei que é!

Os dois correram por entre as samambaias gigantes e chegaram ao riacho. Passaram pelo brejo do templo e continuaram a corrida. Quando não conseguiam mais se movimentar, atiraram-se na grama alta perto da estátua quebrada onde Mary encontrara a chave. O cachorro se deitou entre os dois, arfando. Mary ficou olhando o céu azul-safira. Seu sangue parecia vibrar. Ouviu um gorjeio feliz, então se virou e viu o pisco voando em círculos logo acima. Ergueu a cabeça, apoiando-se nos braços, e o pássaro pousou em seu joelho, subindo até a mão. Ela ergueu a mão com cuidado.

— Olá.

O pisco trinou como se tentasse revelar uma coisa muito importante.

Dickon sorriu.

— Você arranhou um amigo.

— Eu já o conhecia — contou Mary. E olhou para o pisco. — Você me mostrou onde estava a chave. Está tentando me mostrar mais alguma coisa?

O pisco trinou ainda mais alto.

Mary franziu o cenho. O que será que o pássaro queria dela? Teve uma ideia; ela enfiou a outra mão no bolso onde estava a chave. O pisco gorjeou e deu pulinhos.

— Acho que ele está me dizendo para encontrar o portão do jardim. Aquele que essa chave abre.

Um vento súbito soprou pelo jardim.

— Viu? — disse Mary, maravilhada. — Até o jardim concorda!

O pisco voou e deu algumas voltas antes de pousar em outra estátua.

— Temos que ir atrás dele! — declarou ela.

Dickon deu de ombros, mas deixou a garota assumir a liderança.

O pássaro voou de volta até o muro por onde Mary entrara pela primeira vez.

— Talvez seja melhor procurar a porta pelo outro lado? — sugeriu Mary. Então decidiu: — Sim. Acho que é isso que ele quer.

Dickon parecia feliz em segui-la. Os dois escalaram o muro e começaram a explorar do outro lado. Enquanto caminhavam juntos, com o pisco à frente e o cachorro logo atrás, Mary resolveu contar ao amigo a história de Rama e Sita e o deus-macaco, Hanuman. Dickon ouviu, assentindo de vez em quando.

— E então? — perguntou Mary, no final, ansiosa. — Gostou da história?

— Gostei da ideia de um macaco voador.

A menina sorriu. Foi quando o pisco voou até o muro e se pendurou na cortina de trepadeiras, cantarolando alto. Um sopro de vento levantou as heras, revelando um portão de metal.

— Dickon! — exclamou Mary, afastando o mato que bloqueava a passagem. — É um portão! O portão para o jardim!

Mary começou a afastar as trepadeiras. Dickon se juntou a ela, segurando um dos ramos para o lado de modo que pudessem ver o portão. Mary tirou a chave do bolso e a encaixou na fechadura. Emperrou um pouco, mas logo cedeu e virou com um *clique*. A menina girou a maçaneta, e o portão se abriu. Ela olhou para Dickon, extasiada.

— É assim que se deve entrar. Era isso que o pisco queria que a gente visse.

A ave voou em círculos acima dela, chilreando alegremente.

Mary sentiu a empolgação correndo por suas veias, quando um plano empolgante começou a se formar na sua cabeça. O portão era largo o bastante para passar uma cadeira de rodas... Sim, ela sabia que Colin tinha dito que odiava sair e que era perigoso, mas também tinha certeza de que não era verdade. Se ao menos pudesse levá-lo até o jardim... Talvez o primo começasse a melhorar. Talvez... Talvez a mágica do local ajudasse a curá-lo, assim como ocorrera com o cachorro.

— Ah, Dickon... — falou, os olhos brilhando. — Achar esse portão pode fazer toda a diferença!



CAPÍTULO QUINZE

Correndo riscos

Mary contou o plano ao amigo, e os dois correram para a casa. Entraram de fininho pela porta dos fundos, subiram as escadas e atravessaram os corredores. Mary sabia que era perigoso e não fazia ideia se Colin sequer concordaria, mas precisava tentar.

Quando chegaram à parte da casa em que ficava o quarto de Colin, tomaram ainda mais cuidado. Mary corria até o final de um corredor, espiava, e fazia um sinal para Dickon avançar. O menino passava correndo por ela e se espremia contra mais um batente. Então, espiando o caminho à frente, fazia um sinal para Mary, que assumia o próximo passo. Os dois foram ganhando terreno, corredor após corredor, até se aproximarem do quarto de Colin. Já estavam quase lá quando Mary ouviu uma maçaneta girar. Sacudiu os braços para advertir Dickon, e os dois correram para um quarto vazio, mal ousando respirar. Arriscando uma espiada, Mary viu a sra. Medlock sair de um cômodo, marchando para longe sem notar os dois.

Esperaram mais alguns instantes e dispararam pelo restante do caminho até o quarto do menino. A porta estava trancada.

— Quem está aí? — perguntou o primo, quando Mary sacudiu a maçaneta.
— É a garota, não é?

— Meu nome é Mary, e você sabe muito bem disso! — sibilou ela.

— Não quero você aqui! — exclamou Colin, elevando o tom de voz. — Não quero ver você. Você é cruel.

Mary teve vontade de bater o pé, de tão frustrada.

— Já passamos por isso, Colin. Você vai gritar. Eu vou gritar. Nada de bom vai acontecer.

O garoto começou a gritar. Mary ouviu passos apressados vindo da escada no fim do corredor e puxou Dickon depressa até a porta mais próxima, mas estava trancada.

Achou que os dois finalmente seriam descobertos pela sra. Medlock, mas quem apareceu no alto da escada foi Martha. Ao ver Mary e Dickon, a criada ficou de queixo caído.

— O que estão fazendo aqui? — sibilou.

— Eu sei do Colin — respondeu Mary. — Somos amigos.

Martha piscou, espantada, e olhou para Dickon.

— Se pegarem você aqui, está perdido — disse, preocupada.

— Queremos ajudar ele, Martha. Vale a pena o risco — explicou Mary. Para o seu deleite, seu parceiro concordou com a cabeça.

A criada a encarou, desconfiada.

— Você está arriscando ser enviada para um internato, senhorita. Mas, para nós, o risco é maior. Muito maior. Se Dickon for pego aqui, seremos dispensados, e perderei meu ganha-pão. Vamos morrer de fome!

Ela foi interrompida pelo som de passos.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou a sra. Medlock, que apareceu no outro extremo do corredor instantes depois que Mary e Dickon se esconderam debaixo do batente, imprensados contra a porta pesada.

Martha hesitou um pouco, então foi na direção da governanta, posicionando o corpo de forma a esconder Dickon e Mary.

— Não se preocupe, sra. Medlock. É só o jovem patrão. Eu falo com ele.

— Ele não costuma dar trabalho a essa hora — comentou a sra. Medlock, franzindo o cenho.

— Deixa que eu resolvo — repetiu Martha, enérgica. — Se quiser, pode continuar com as suas tarefas.

— Muito bem. Obrigada, Martha. Tenho muita coisa para fazer.

A sra. Medlock assentiu, parecendo agradecida, antes de dar meia-volta e sair apressada.

Mary finalmente soltou a respiração. Notou os ombros de Martha relaxarem também.

— Preciso ver meu primo, Martha — implorou Mary, sabendo que não havia tempo a perder. A sra. Medlock podia voltar a qualquer momento. — Acho que descobri um jeito de fazer com que ele se sinta melhor.

A criada a encarou, indecisa.

— Por favor, Martha!

A criada hesitou, mas destrancou a porta. Quando viu Mary, Colin abriu a boca para gritar.

— Se fizer isso, nunca mais vai me ver! — decretou Mary, interrompendo-o. — A escolha é sua.

Colin notou como ela estava zangada e fechou a boca.

— Quero que conheça uma pessoa — disse a menina, abrandando a voz. Gesticulou para que Dickon entrasse. O menino se aproximou, relutante. — Este é Dickon.

— Olá — disse Dickon, sem jeito.

Colin o encarou de cima a baixo.

— Ele é bonito.

— Ele sabe assoviar — disse Mary, orgulhosa. — E é amigo de todos os bichos. — Ela se virou para Martha, que assistia à cena com os olhos arregalados. — Que horas alguém passa aqui para ver meu primo de novo?

— Por volta das quatro da tarde — respondeu a criada. Reparou que Mary olhava para a cadeira de rodas e perguntou, aflita: — O que está tramando, senhorita?

Mary não respondeu.

— Ele estará de volta antes disso — afirmou.

— Ah, não! Não vou a lugar algum com você — disse Colin, já balançando a cabeça.

Martha olhou para Dickon.

— Sabe o que você está arriscando?

O rapaz assentiu. Ela mordeu o lábio e, depois de relutar um pouco, saiu.

— Colin, você vem com a gente — informou Mary. — Dickon e eu queremos levar você ao jardim secreto.

O primo pareceu alarmado.

— Quer me levar lá fora? Não, eu não vou! Não vou!

— Quando tentamos curar o cachorro, ele também recusou — comentou Mary, os olhos brilhando. — Dickon, você pega os braços, eu pego as pernas, e carregamos o meu primo até lá embaixo.

Colin gritou, e Mary cobriu sua boca imediatamente, antes de completar:

— Ou então pode nos ajudar a sentar você na cadeira, e descemos todos em segurança. Prometo que não vamos te matar.

— Você não pode me prometer nada do tipo! — vociferou Colin, em pânico.

— Eu já falei: minhas pernas não funcionam, e eu sou alérgico! O pólen, as flores...

— As flores não vão matar ninguém, e, se você não vier com a gente, vai acabar morrendo nessa cama. E tudo que terá visto a vida inteira será esse papel de parede. É isso que quer? — Mary levantou a voz: — É isso?

— Não — murmurou Colin.

Mary abrandou o tom de voz.

— Então vamos ao jardim secreto, Colin. Por favor.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Novos amigos

Tentar tirar Colin de casa na cadeira de rodas foi muito arriscado. Quase deram de cara com a sra. Medlock em um corredor e com o sr. Craven em outro. Até a sra. Pitcher quase os flagrou! No entanto, conseguiram se esconder bem a tempo. Era como se a casa estivesse ajudando. Usaram o elevador para descer até o térreo e empurraram a cadeira por uma das portas dos fundos. Mary empurrou o primo pelo gramado, torcendo para que a sra. Medlock não resolvesse espiar por uma das janelas.

— Ai! Ai! — exclamava Colin, segurando firme nos braços da cadeira, que balançava no terreno esburacado. — Está indo rápido demais, Mary!

Ela o ignorou. Ajudara Colin a vestir um roupão quente, enrolara uma echarpe em volta do pescoço dele e pusera um chapéu em sua cabeça e um cobertor em seu colo. Não acreditava que um passeio ao ar livre pudesse matá-lo, mas não queria que ele pegasse um resfriado.

Quando estavam escondidos sob a segurança das árvores, depois de Mary parar para recuperar o fôlego, Colin começou a tossir e a apertar o peito.

— É o pólen! Eu avisei. Vai me matar! — protestou, arfando.

— Colin! — Mary o encarou, muito séria. — Respire.

O primo obedeceu.

— Ainda está vivo? — perguntou Mary.

Ele assentiu bem de leve.

— O pólen não vai matar você. Pode ser que você tenha mesmo alergia, o que pode dar vontade de espirrar ou fazer você se sentir um pouco sem ar, mas é só. Quando estivermos em um lugar mais seguro, vamos poder entender o que dói e o que não dói. Por enquanto, você precisa tentar não fazer escândalo nem reclamar, assim como eu tento. Parece justo?

O primo a encarou, furioso, mas assentiu.

— Ótimo. Então vamos. Podemos ir mais devagar, agora que estamos mais escondidos.

Avançaram na direção do jardim. Quando se aproximaram, Mary entregou a chave para Dickon, que foi na frente para abrir o portão.

Quando chegaram ao muro coberto de heras, Mary parou e se virou para Colin:

— Preciso que segure firme.

— Por quê? — perguntou Colin, desconfiado.

Mary respondeu empurrando a cadeira mais forte e rápido, mirando diretamente na cortina de heras, ganhando velocidade para passar pela samambaia.

— Mary! — gritou Colin, assustado. — Para! O muro!

Ele deu um berro e cobriu a cabeça com os braços, preparando-se para a colisão... mas o portão se abriu de repente. Passaram depressa pela cortina de heras, então por Dickon, e entraram no jardim.

Mary sorriu e desacelerou. Um grande dossel de flores amarelas brotara acima deles, formando um longo túnel que parecia não ter fim. A luz refletia nas flores, lançando um brilho dourado sobre eles. Colin olhou em volta, maravilhado, e Mary o empurrou pelo túnel florido até o jardim, que se abria à frente — um maravilhoso reino secreto.

— Viu? — disse, animada, enquanto o primo observava espantado. — A magia está do nosso lado.

O pisco voou em volta da cabeça de Colin, cantando alegremente.

— E então? — perguntou Mary.

— É... é... — Colin observava tudo, sem palavras.

Mary sentiu uma onda de felicidade percorrer o corpo diante da incredulidade estampada no rosto do primo.

— Eu sei! — concordou, sem precisar ouvir mais. — Venha ver! Tenho tanta coisa para mostrar!

Mary o guiou pelo jardim, indicando as estátuas e os canteiros, cheios de açafrões vibrantes e narcisos que tinham crescido em meio às ervas daninhas.

Mary e Dickon levaram Colin até o arvoredo das plantas gigantes como guarda-chuvas e às ruínas do templo, com seu brejo cintilante.

— Quero sair dessa cadeira e sentir a grama — pediu o primo.

Mary e Dickon o ajudaram a se sentar na grama macia, apoiando as costas em um dos pilares do templo. Dickon pegou seu ancinho, e Mary usou um sacho para tirar as ervas daninhas dos canteiros. Enquanto os dois trabalhavam, Colin perguntava o nome de todas aquelas flores diferentes.

— Como se chama essa?

— É uma hidrângea — respondeu Dickon.

— E essa? — Colin apontou para uma flor amarela.

— Hipérico.

— Hipérico — repetiu o rapaz, devagar.

Naquele instante, Mary ouviu um farfalhar em um arbusto ali perto.

— Colin. Gostaria que conhecesse um amigo especial — disse, enfiando a mão no bolso e tirando um pouco do presunto. — Segure isso que ele vem.

— Ele está aqui? — indagou Colin, surpreso. — O cachorro?

— Segure isso. Ele quer dizer oi. Eu sei que quer — afirmou Mary.

O primo estendeu o presunto, e o cachorro saiu trotando de trás do arbusto. Colin assistiu, fascinado, enquanto o cão se aproximava. O animal o olhou por um instante, então roubou o presunto da sua mão.

Colin deu um gritinho de surpresa e alegria.

— Ele comeu da minha mão!

— Foi mesmo — concordou Mary, sorrindo.

O cachorro se sentou ao lado de Colin e lambeu seus dedos.

— Agora está me lambendo! — exclamou, alarmado e encantado.

— Ele faz isso mesmo — comentou a menina, olhando para Dickon, que sorria.

— Faz cócegas — constatou Colin. De repente, recolheu a mão e pareceu indeciso. — Ele não tem nenhuma doença, né?

— Não que a gente tenha percebido — disse Dickon.

Colin relaxou e afagou as orelhas do cachorro.

— Como se chama?

— Bem, ele se chamava Jemima... — começou Dickon, com uma olhada irônica para Mary. — Até *ela* descobrir a verdade.

Mary não ligou para a provocação.

— Eu não sabia que era macho — protestou. — Ainda não pensamos em um nome novo, Colin. Por enquanto, ele se chama apenas... cachorro.

— Bom, ele precisa de um nome melhor — retrucou o primo. — Talvez devesse se chamar... — Ele franziu o cenho. — Ah, não sei. Qual era o nome do seu pai, Mary?

— Marcus — respondeu Mary, desconfortável. — Mas não podemos dar esse nome a um cachorro.

— Bom, também não podemos dar o nome do meu pai. Aliás, não acredito que ele tem me mantido trancado em um quarto esse tempo todo, se o ar livre não me faz mal. E você, Dickon? Qual o nome do seu pai?

— Hector — respondeu o rapaz, baixando a cabeça. — Ele era um homem corajoso.

Mary e Colin o fitaram.

— Era... quer dizer que morreu? — perguntou Mary.

O rapaz assentiu.

— Você se importa se dermos o nome dele ao cachorro? — perguntou Mary.

Dickon balançou a cabeça e sorriu.

— Então está resolvido — anunciou Colin.

O cachorro se deitou ao lado de Colin, que pôs a mão em sua cabeça.

— Cachorro, seu nome agora é Hector — anunciou solenemente. — Você já conhece a Mary e o Dickon. Bom, eu sou Colin, seu novo amigo.

O cachorro latiu como se tivesse entendido. Mary, Dickon e Colin riram e latiram de volta. O sol iluminou as borboletas bordadas no vestido de Mary, que por um momento realmente pareceram estar batendo as asas e voando ao redor dela, antes de pousarem de volta no tecido.

Ver a felicidade estampada no rosto do primo fazia o coração de Mary inflar como um balão. *Sim*, pensou, recordando as palavras de Martha, alguns instantes antes. *Isso definitivamente valeu a pena.*

O pisco cantarolou do alto, como se concordasse.



CAPÍTULO DEZESSETE

Descoberta

Mary e Dickon conseguiram levar Colin de volta para casa em segurança antes das quatro da tarde, e Mary resolveu voltar ao jardim. Estava caminhando por um túnel de teixos quando ouviu um galho estalando atrás de si. Olhando para os lados, viu a sra. Medlock se abaixando atrás do tronco de uma árvore. Abriu um sorriso, desviou um pouco o rumo e saiu correndo por entre as árvores. Ouviu a sra. Medlock soltar um grunhido e correu ainda mais rápido. Quando saiu de vista, escalou um pinheiro e se sentou nos galhos, quieta como um ratinho.

Alguns minutos depois, a sra. Medlock reapareceu, ofegante. A mulher parou e olhou em volta, claramente exausta. Assim que ela deu meia-volta, retornando à casa, Mary arremessou uma pinha na sua cabeça. A pinha quicou no cabelo grisalho da governanta, e Mary teve que prender o riso.

Depois que a sra. Medlock foi embora, Mary pulou de volta ao chão e continuou o trajeto alegremente. Tirou a chave do bolso e foi direto até o portão. Mas, instantes antes de chegar lá, a sra. Medlock saiu de uma sombra por entre as árvores e agarrou o seu braço.

— Acha que pode sair de fininho por aí e agir como bem entende, não acha, mocinha? — perguntou, zangada.

— Oo quê? — gaguejou Mary, completamente surpresa.

— Sua selvagem! — sibilou a sra. Medlock. — Eu sabia que você estava escondendo alguma coisa!

A chave, pensou Mary. Consequira guardá-la de volta no bolso.

— Não sei do que está falando...

— Você e seus segredos... Bisbilhotando por aí, saindo escondida... — interrompeu a governanta, apertando o braço de Mary com força.

A menina ficou com medo. A sra. Medlock parecia quase louca.

— Sra. Medlock, seja lá o que acha que estou fazendo, eu juro que...

— Você não passa de uma ladrazinha! — esbravejou a governanta.

Mary ficou tão chocada que não soube responder. Do que a sra. Medlock estava falando? Nunca roubara nada na vida!

— E depois que o patrão teve a bondade de acolher você! É assim que agradece?

A governanta enfiou a mão no bolso do vestido de Mary e pegou o colar de pérolas. O coração de Mary subiu até a boca. O colar! Ia guardá-lo de volta no quarto secreto, mas acabara esquecendo.

— Eu... — Ela hesitou. — Eu não queria ter pegado isso.

A sra. Medlock a fitou, furiosa.

— O patrão está esperando!



Mary foi levada de volta para a grande casa com a cabeça a mil. Precisava convencer o tio de que jamais tivera a intenção de ficar com as pérolas. Ele certamente a escutaria e entenderia. Mas, assim que a sra. Medlock a puxou pelos degraus de pedra e as duas pisaram no hall de entrada, Mary viu o tio parado na escadaria com uma expressão terrível. Os olhos estavam tomados de fúria.

— Encontrou a menina, sra. Medlock?

A governanta assentiu, triunfante.

— Bisbilhotando pelo terreno. Veja só o estado dela!

— Leve essa daí lá para cima — comandou o sr. Craven, subindo a escadaria.

— Tio... senhor. — Mary tentou se soltar do aperto da sra. Medlock, mas a mulher fincara os dedos nela com força. — Eu não quis ficar com o colar. Eu ia devolver...

— Onde foi que o encontrou? — exigiu ele.

Mary hesitou. Tinha a sensação de que, se revelasse que estivera no quarto da tia Grace, estaria ainda mais encrencada.

— Debaixo de uma tábua — mentiu.

— Que tábua?

— Eu... eu não lembro. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu sinto muito...

— Você não entende o tanto que essas pérolas significam para mim? — indagou o tio, aos berros.

Mary assentiu, tristonha.

— A menina se meteu por toda a parte, senhor — interrompeu a sra. Medlock. — E o menino também. Quando passei no quarto dele, hoje de manhã, a cadeira tinha mudado de lugar. Foi isso que levantou minhas suspeitas e me fez ir ao quarto dela e encontrar as pérolas.

— Meu filho? Ela encontrou meu filho? — O tio encarou a sra. Medlock, esquecendo-se de Mary. — Demos o controle da casa a essa menina? — perguntou, incrédulo.

— Eu avisei, senhor. Falei como as jovens podem ser. Eu avisei.

O sr. Craven olhou de volta para Mary.

— Não lhe explicaram que era para ficar longe das partes proibidas da casa?

— Colin é meu amigo... — Mary hesitou. — Eu só achei... Achei que se ele pudesse se animar um pouco... ele...

— Sua criança estúpida! — exclamou o tio. — Ele é fraco! Essa animação poderia matá-lo!

— Eu... eu não sabia. Eu só estava tentando melhorar as coisas.

Mary se deu conta de que estavam caminhando na direção do quarto da tia Grace. Seu coração começou a martelar.

— Para onde estão me levando?

O tio a puxou para dentro do quarto com os murais e a encarou.

— Vou dar uma última chance a você, Mary, e dessa vez é melhor contar a verdade. Onde encontrou — ele endureceu a voz — as pérolas da minha esposa?

Mary não sabia o que dizer.

— Elas só podiam estar em um lugar — continuou o sr. Craven.

Ele abriu a porta secreta, revelando o quarto oculto. Os dois manequins ainda estavam caídos, as roupas espalhadas pelo chão.

— Ah, garota, o que foi que você fez? — sussurrou a sra. Medlock, horrorizada com o caos do lugar.

— Sinto muito! — gritou Mary, a dor estampada nos olhos do tio quando ele notou a bagunça.

Ele entrou no quarto sem dizer nada e levantou um dos manequins, ajeitando o vestido. Tocou o tecido sedoso por um tempo e fechou os olhos, como se sua perda de repente fosse dolorosa demais para suportar.

As lágrimas escorreram pelo rosto de Mary. Não queria ter magoado o tio.

Ele engoliu em seco e se virou, o rosto duro como pedra.

— Sra. Medlock, procure um internato para a minha sobrinha.

Mary foi até ele.

— Não, não foi de propósito! Eu não quis causar nenhum problema! — implorou ela. — Por favor.

O tio a ignorou.

— Encontre um lugar para educá-la e torná-la civilizada — disse, com frieza.

— Enquanto isso, não quero ver nem ouvir essa menina. Fui claro, sra. Medlock?

— Sim, senhor.

Enquanto era puxada de volta, Mary olhou para trás e viu o tio afundar-se em meio aos vestidos no chão. Ele parecia destruído e solitário.



CAPÍTULO DEZOITO

Prisioneira

A sra. Medlock empurrou Mary para dentro do quarto e virou a chave. A menina testou a maçaneta, desesperada, mas a porta estava trancada.

— Abre! — gritou.

— Se tiver vontade de ir ao banheiro à noite, coloquei um penico embaixo da cama — informou a governanta, do outro lado da porta. — Martha vai lhe deixar sair pela manhã.

Mary ouviu os passos dela se afastando pelo corredor.

— Me deixe sair! — bradou, sacudindo a maçaneta. — Eu não quis fazer mal nenhum! Eu só queria ajudar! — A raiva estourou dentro dela. — Sei que você está gostando disso! Sei que está! Mas não serei mandada para longe de novo. Não vou aceitar!

Em um acesso de fúria, Mary correu até o cavalo de balanço e o empurrou com força, lançando-o contra a porta. O brinquedo bateu no batente de madeira e caiu no chão. Uma portinha secreta em sua barriga se abriu, deixando cair alguns papeis.

Mary soltou um murmúrio de surpresa, a raiva se dissipando. Ela se agachou e recolheu os papeis. Eram cartas. Todas com a letra da sua mãe...

Minha cara Grace, começavam.

Mary virou página por página. Passou os olhos depressa pelas palavras e percebeu que as cartas eram da mãe para a tia. Mas por que estavam escondidas? Lendo algumas das passagens, Mary começou a entender. Eram cartas entre duas irmãs que não guardavam segredos uma da outra. Conversavam sobre a vida, os filhos e os maridos de uma maneira que não gostariam que ninguém visse. Mary pulou as partes sobre a vida na Índia e sobre o pai, em busca das passagens em que a mãe falava sobre a doença de Grace e também sobre Colin e Archie... Era estranho imaginar aquele tio tão proibitivo mencionado por um nome tão informal.

O céu escureceu, o sol se pôs, e a lua surgiu. Mary acendeu a lâmpada de cabeceira e continuou lendo as cartas na cama, juntando as peças, começando a entender alguns dos mistérios que a cercavam. Só tirou os olhos dos papéis quando ouviu gritos ao longe. Engoliu em seco, segurando a carta que tinha na mão com mais força. *Colin*. Ele devia estar se perguntando por que a prima não fora visitá-lo, como nos outros dias. Olhou para a porta trancada, desejando poder sair.



Mary caiu no sono ainda vestida. Só acordou na manhã seguinte, quando Martha entrou com uma bandeja. Mary enfiou as cartas embaixo do travesseiro depressa, mas, para o seu alívio, a criada não notou; estava ocupada demais olhando o cavalo de balanço caído no chão.

— O que aconteceu aqui? — perguntou a mulher. Então, sem esperar resposta, levantou o objeto e o empurrou de volta para o lugar habitual. — A sra. Medlock está furiosa com você. Nada de mingau hoje, só pão velho.

— Não me importo — desafiou Mary. — Por quanto tempo ela vai me manter prisioneira?

Martha apertou os lábios.

— Deixa de ser boba. Você não é prisioneira coisa nenhuma. Vou deixar o quarto destrancado, mas, se eu fosse você, ficaria fora do caminho, pelo menos por hoje.

Mary sentiu uma onda de alívio. Poderia sair do quarto e ir para o jardim. Poderia ver Colin e Dickon. Ela se levantou de um pulo e abraçou a criada, que soltou um ruído surpreso.

— Me solte, senhorita. Está quase me esmagando!

Porém, quando se afastou, Mary notou um sorriso no rosto da criada.

— Eu mesma faço minha cama — anunciou, depressa, assim que Martha fez menção de arrumar os lençóis embolados.

— Ah, não, senhorita — protestou.

— Ah, sim. — Mary a empurrou até a porta. — Na verdade, estou *mandando* você deixar assim. — Ela abriu um sorriso. — Agora pode ir.

Balançando a cabeça como se não soubesse o que pensar, Martha saiu.

Mary juntou as cartas e as guardou na bolsa, então se trocou e fez a cama o melhor que pôde, sem querer causar problemas para Martha. Alisou os lençóis e partiu. Precisava ir ao jardim para descobrir se uma das suspeitas que tivera ao ler as cartas era verdadeira. Se fosse, talvez tivesse descoberto de onde vinha a mágica do jardim!



Mary saiu de casa, atravessou o gramado e correu até encontrar o portão. Afastando a cortina de trepadeiras, entrou e foi direto até a parte onde ficavam as estátuas e os canteiros. Dickon já estava lá, sem casaco, cantarolando. Cercado por algumas ferramentas de jardinagem, tirava as ervas daninhas de perto do templo. O pisco estava empoleirado no cabo de um ancinho enfiado na terra, e o cachorro farejava o chão aos pés dele. As plantas ao redor dele eram um tumulto de cores primaveris: vermelho, laranja, rosa, roxo, azul...

O cachorro viu Mary se aproximar e correu para cumprimentá-la.

— Bom dia — disse Dickon.

— Bom dia! — Mary passou correndo.

— Ei, aonde vai?

— Venha comigo!

O pisco gorjeou e voou em círculos acima de Mary, que permitiu que o pássaro a guiasse pelo jardim, confiando que a mágica o ajudaria a saber para onde Mary precisava ir. A ave a levou por entre as samambaias gigantes até o meio de árvores grossas. Os arbustos pareciam se fechar aos pés dela, as videiras serpenteando por seus tornozelos, os galhos bloqueando seu caminho, como se o jardim não quisesse que ela seguisse naquela direção, mas Mary forçou a passagem, seguindo o pisco. O pássaro cantarolou alto, como se a incentivasse a continuar. Mary estava determinada. O jardim tinha ainda mais segredos para revelar, e ela ia desvendá-los.

Saiu numa clareira na qual nunca estivera e parou para observar o carvalho que se erguia bem no meio. Um velho balanço estava pendurado em um galho forte. O pisco pousou no carvalho e cantarolou para Mary, cheio de propósito.

— Ah — murmurou ela, percebendo que encontrara o que estava procurando. Foi lentamente até o balanço e se agachou logo ao lado. Então olhou de volta para Dickon, muito séria. — Foi aqui — sussurrou. — Foi aqui que tudo aconteceu.

Dickon parecia confuso.

— É onde minha tia veio morrer — explicou Mary.

O pisco pousou no seu ombro. Dickon se aproximou hesitante, como se ela fosse um animal selvagem que ele não queria espantar.

— O que quer dizer?

Mary contou o que descobrira lendo as cartas.

— Minha tia estava muito doente, com câncer, e minha mãe veio da Índia para passar seus últimos dias junto dela. E me trouxe junto, mas eu não lembro. Era muito pequena. — Mary olhou para o balanço. — Minha mãe escreveu que queria estar com minha tia quando ela morresse e que sabia que ela queria morrer aqui nesse jardim, junto dessa árvore. Era um lugar especial.

Ela olhou pela clareira.

— Minha tia fez esse jardim inteiro. Cultivou as flores, pôs as estátuas... Ela desenhou o templo. E, depois que morreu, acho que meu tio trancou o jardim, que lhe trazia dor demais. — Ela encarou Dickon nos olhos. — Acho que é *por causa* da minha tia que o jardim é mágico. Acho que ela queria que eu encontrasse a chave para... — Mary respirou fundo. — Para usar a mágica do jardim para curar seu filho.

Mary olhou para Dickon, esperando que ele risse. Mas ele não riu.

— Não tenho muito tempo — continuou. — Vão me mandar para longe para estudar. Preciso ver se o jardim pode curar Colin antes de ir. Mas não consigo fazer isso sozinha, Dickon. Preciso da sua ajuda.

Ele assentiu, solene.

— Me diga o que precisa que eu faça.



CAPÍTULO DEZENOVE

Libertando o passado

*N*ão me importo com o que possa acontecer comigo, se eu conseguir ajudar o Colin a melhorar, pensou Mary, avançando de fininho pelos corredores, ao lado de Dickon. Podem me mandar para o internato e fazer o que bem entenderem.

Para seu alívio, olhou por uma das janelas e viu a sra. Medlock saindo de carro. Menos uma pessoa para evitar!

Colin estava esperando pelos dois.

— Vamos voltar ao jardim? — perguntou, ansioso.

— Sim! — respondeu Mary.

— Por que não veio me ver ontem à noite? — perguntou o primo, em tom de acusação, assim que saíram no corredor. — Esperei por horas, mas você não veio.

— Eu não podia, estava trancada. Querem me mandar embora, Colin, para um internato!

— Mandar você embora?

Ela assentiu, desanimada.

— Seu pai está decidido. A sra. Medlock descobriu que tenho visitado você, o que o deixou muito zangado, e depois descobriram que fui ao quarto da sua mãe... Estava todo bagunçado desde aquela noite.

— Vou dizer ao meu pai que não quero que você vá! — declarou Colin.

Mary suspirou.

— Não sei se vai adiantar. Mas não quero falar disso agora. Vamos só pensar no jardim.

— Nosso jardim! — disse Colin, animado.

Mary hesitou. O jardim não era deles, e sabia disso, mas não sabia se Colin estava pronto para saber.

Pôs o plano em ação assim que chegaram ao local. O riacho tinha curado a pata de Hector. Será que poderia fazer o mesmo por Colin?

A princípio, o primo não gostou da ideia de entrar na água.

— Parece fria — disse, duvidoso, enquanto o ajudavam a se despir. — Acho que vou só ficar sentado aqui na beira.

— Não, você vai entrar — decretou Mary. — Não vai começar a agir feito um bebê agora.

Colin franziu o cenho, mas suspirou e resmungou:

— Ora, está bem.

Mary e Dickon começaram a baixá-lo lentamente dentro da água. Colin arfou.

— Está *mesmo* fria!

As folhas das samambaias em volta do riacho pareciam tremer em solidariedade.

— Muito, muito fria. — Ele arregalou os olhos e apertou o braço de Mary. — Não sei consigo.

— Claro que consegue — retrucou Dickon, animado.

— Não, eu acho que não!

— Estamos aqui com você — argumentou o rapaz.

Colin olhou de Dickon para Mary e respirou fundo.

— Bom — disse, bravamente, quando os dois o mergulharam um pouco mais —, suponho que não esteja tão congelante assim, afinal.

O primo logo estava sentado no riacho, envolvido pela água pura e limpa, com apenas os ombros e a cabeça para fora.

— Consegui! — exclamou, maravilhado. — Eu consegui!

As samambaias foram parando de tremer quando ele sorriu.

— Agora pode aprender a boiar — sugeriu Dickon. — Deite e estique os braços.

Colin hesitou.

— Mary e eu estamos aqui — reforçou o rapaz.

O primo fez o que Dickon pediu, deitando-se de costas e encarando o céu azul. Quando esticou os braços para os lados, uma expressão de felicidade tomou

seu rosto. Dickon assentiu para Mary, e os dois tiraram as mãos de Colin.

— E agora está boiando sozinho — explicou Dickon, enquanto os outros se afastavam lentamente.

Colin começou a rir e a bater com as mãos na água, molhando ainda mais Mary e Dickon. A menina deu um gritinho, e o primo riu ainda mais alto.

Quando estava pronto para sair, Mary e Dickon o ajudaram a se vestir, e os três foram trabalhar perto do templo. Colin estava feliz em ficar sentado na grama, tirando as ervas daninhas de um trecho de botões de flores vibrantes — narcisos, campânulas, jacintos roxos — enquanto Dickon cavava e Mary estava agachada separando um pouco as plantas que estavam crescendo muito juntas. Os três trabalharam em silêncio por um tempo.

— Pronto! — declarou Colin. — Agora, por favor, me levem para lá!

Mary e Dickon o levantaram por baixo dos braços e o carregaram para outro ponto. Colin continuou trabalhando enquanto cantarolava. Dickon e Mary sorriram um para o outro.

O primo levantou a cabeça e reparou.

— O quê? — perguntou, desconfiado.

— Nada. Só estamos desfrutando da felicidade — disse Mary.

— Estamos mesmo felizes, não estamos? — retrucou Colin, satisfeito.

— É verdade — concordou Dickon.

— Somos piratas! — exclamou Mary.

— Somos lordes! — Dickon sorriu.

Colin levantou os braços, em um gesto teatral.

— Somos conquistadores desta terra justa e bela! Este é o nosso jardim, e nós o amamos!

— Não é, não — retrucou Mary, mais que depressa.

Colin franziu o cenho.

— O quê?

— Esse jardim não é nosso. Ele está feliz por estarmos aqui, mas foi feito por outra pessoa e ainda pertence a ela. — Mary mordeu o lábio e decidiu que era agora ou nunca. Precisava contar a Colin o que descobrira. — Venha comigo. Preciso mostrar uma coisa.

Dickon a encarou, preocupado.

— Mary...

— Preciso mostrar, Dickon. Ele precisa ver.

— Ver o quê? — perguntou Colin, hesitante.

— Venha conosco — pediu Mary.

Ela e Dickon empurraram a cadeira de Colin para longe do templo, passando pela estátua quebrada, pelo arvoredo de plantas que pareciam guarda-chuvas enormes e pelas árvores que tinham crescido demais sem a poda. A cadeira pulava e sacudia nas raízes expostas. Colin segurou o descanso de braço com força. Estava mudo. Até que os três finalmente chegaram à beira da clareira onde ficava o carvalho e o balanço.

Quando levaram o menino para a clareira, Mary sentiu o vento parar, como se o jardim estivesse prendendo a respiração.

O primo viu o carvalho e o balanço, a compreensão e o horror se espalharam pelo seu rosto.

— Pare! Estou mandando parar!

Mary parou. Colin encarou o balanço, o rosto mais pálido que nunca.

— Então você sabe o que aconteceu aqui? — perguntou Mary, gentilmente.

Um músculo se contraiu na mandíbula de Colin.

— Dizem que minha mãe morreu em sua clareira preferida, onde tinha um balanço. Foi aqui?

Mary assentiu.

Colin começou a endireitar as costas com dificuldade, usando os braços para tentar se levantar.

— Por que você me trouxe aqui?

— Porque você precisava ver — respondeu Mary, chocada ao notar a mágoa nos olhos dele.

— *Você ia querer ver o lugar onde sua mãe morreu?* — gritou Colin.

— Minha mãe morreu sozinha e com dor na cama de um hospital! Achei que você ia querer ver que sua mãe morreu em um lugar lindo e pacífico, um lugar melhor. Achei que fosse ajudar!

Colin se sentou de volta na cadeira a murmurou:

— Pois achou errado.

Os dois ficaram um tempo em silêncio. Quando Colin voltou a falar, foi com uma voz tensa.

— Dickon, pode me trazer umas flores, por favor? As brancas?

Ele lançou um olhar ansioso para Mary, que assentiu, fazendo o que Colin pedira.

— E pode me levar para casa? — continuou o primo, seco. — Não quero mais ficar aqui.

— Você não entende!? — interveio Mary, sabendo que o plano estava dando terrivelmente errado e desesperada para consertar tudo. — Colin, sua mãe não queria deixar você, mas não tinha escolha. Ela quis morrer aqui porque era um lugar lindo, e acho que, quando ela morreu, tornou o jardim mágico. Este lugar curou a pata de Hector, e... — Ela engoliu em seco. — E acredito que poderia...

— Não! — interrompeu Colin, furioso, as juntas dos dedos brancas, tamanha a força com que agarrava o braço da cadeira. — Eu não queria ver aqueles vestidos e não queria ver isso. Eu quero ir para casa!

Mary ficou quieta, e Dickon entregou as flores brancas a Colin. Sem uma só palavra, o primo deitou as flores na grama, o branco destacando-se contra o verde.

Seus ombros pareceram murchar.

— Por favor, me leve para casa — pediu a Dickon.

— Claro.

Dickon foi embora empurrando Colin. Conforme passavam pelas árvores, as plantas ao redor da cadeira de Colin pareciam murchar. Gúneras e videiras se enroscavam em si mesmas, os galhos pendendo, as folhas ficando marrons de tristeza.

Mary se encheu de decepção. Não sabia o que estava esperando. Talvez que o primo encontrasse um pouco de paz, ao ver o lugar onde a mãe morrera, ao saber que ela ainda estava naquele jardim, de alguma maneira. Não queria que ele sofresse. Olhou pela clareira. O que faria?

— Me diga — sussurrou para o jardim. — Por favor, me mostre como.



Naquela noite, Mary não pregou o olho. Levantou e pegou as cartas da mãe, então sentou-se no chão do quarto e leu tudo mais uma vez, pensando nas informações, tentando descobrir o que seria melhor fazer.

Uma lembrança veio à mente. O pai abraçando-a, secando suas lágrimas. *“Sua mãe está triste agora, minha macaquinha, e a tristeza faz mal a ela. Não fique zangada por ela não querer ver você. Não é culpa dela. Um dia você vai entender.”*

Será que eu entendo agora?, pensou Mary. Achou que estava começando a ver o passado de outra forma.

Ergueu a cabeça e viu a mãe parada junto à janela. Estava com os olhos cheios de tristeza. Mary sabia que era tristeza pela irmã que ela perdera.

Estava chocada demais para falar. Um vento forte soprou pelo quarto, levantando as cartas, que ficaram girando no ar. Mary as pegou de volta.

— Sinto muito, mamãe — sussurrou. — Eu não entendia. Mas acho que agora entendo.

A mãe a fitou e sorriu, desaparecendo logo em seguida. De repente, Mary soube o que precisava fazer.



Assim que amanheceu, levou as cartas direto até o quarto de Colin. Tentou girar a maçaneta, mas estava trancada.

— Sou eu. Pode chamar Martha para ela me deixar entrar?

— Não quero ver você hoje — retrucou Colin, seco. — E não quero ir ao jardim.

— Tenho uma coisa para mostrar. Encontrei umas cartas da minha mãe para a sua. Falam sobre a doença dela, sobre como Archie, seu pai, se preocupa demais com a sua saúde por causa da própria corcunda. Diz que seu pai tem medo de você ficar igual a ele e que está desesperado para protegê-lo. E minha mãe falou sobre como a sua mãe tinha medo que seu pai projetasse os próprios medos em você e o fizesse adoecer, depois que ela morresse. E foi exatamente o que aconteceu. Acho que você iria gostar de ler. Isso poderia mudar o que você sente. Por favor?

Colin ficou em silêncio. Mary esperou, perguntando-se o que o primo responderia, até que a porta se abriu. Mary arregalou os olhos, surpresa. Colin saíra da cama e abrira a porta sozinho. Estava se apoiando nela, em pé, mas trêmulo.

— Preciso ler essas cartas — disse.

Então as pernas vacilaram, e ele caiu no chão com um grito. Mary tentou levantá-lo, mas não teve força, e acabou caindo junto.

— Ai! — exclamou, quando os dois bateram no chão.

Colin saiu de cima dela.

— Me desculpe — disse o menino.

— Você andou, Colin! — exclamou Mary, pouco se importando com a dor. — Você levantou da cama e andou!

Ele olhou para as próprias pernas, confuso.

— Andei, não foi?

Mary abriu um sorriso radiante.

— Agora vai acreditar na mágica?

Ajudou Colin a se sentar na cadeira de rodas e mostrou as cartas.

— Toma. Leia — disse, apoiando-as no colo do primo.

Colin assentiu.

— Vou ler, mas não aqui. No jardim.

Os dois partiram rumo ao jardim. Ao chegarem lá, se depararam com Dickon aparando os arbustos perto das estátuas, debaixo do sol. Os primos explicaram por que estavam ali e se sentaram juntos na clareira florida, ao lado do balanço. Colin e Mary leram as cartas enquanto Dickon ficava ali perto, sentado, afagando Hector.

— Olha só isso, Mary! — disse Colin, lendo uma passagem. — *“É ousada, meio perigosa, e nada consegue abalar sua força de vontade. Tenho tanto orgulho dela...”*

— De quem ela está falando? — perguntou Mary, intrigada.

Dickon deu uma risadinha.

— De você, idiota! — Colin abriu um sorriso largo. — Sua mãe está descrevendo você para a minha mãe. Ela amava você, Mary.

Mary franziu o cenho. Tinha pulado as passagens que não falavam sobre Colin ou os pais dele.

— Não pode ser — duvidou, insegura. Apesar da noite anterior, era difícil mudar algo em que acreditara a vida toda. — Minha mãe não me queria por perto. Certamente também não tinha orgulho de mim.

Mas, pela primeira vez, aquelas palavras soaram quase automáticas — como se fossem coisas que ela repetia porque era o que sempre dissera, em vez do que realmente queria dizer.

Mary mudou de assunto. O importante ali era Colin.

— Olha, tem uma parte sobre você. *Estou tão feliz por Colin fazer você rir tanto. Um dia inteiro fingindo ser cachorro... Que encanto de menino! Archie parece amar esse garoto demais. Eu também me sinto apaixonada por Mary...* — Mary desacelerou ao perceber o que acabara de ler.

— Meu pai não me ama — retrucou Colin, balançando a cabeça. — Se me amasse, não me daria um remédio de que não preciso, não me deixaria preso no meu quarto. E iria me visitar.

Dickon deu de ombros.

— As pessoas agem de um jeito estranho quando estão sofrendo. Como os bichos.

Mary se lembrou de quando Hector se machucou; a dor foi tanta que ele ficou agressivo.

— A dor muda as pessoas — continuou Dickon. — Até a sua mãe, Mary. Está claro pelas cartas que ela amava você, mesmo você achando que não.

— Você não sabe como minha mãe era — disse Mary.

— Não. — Dickon fez uma pausa. — Mas eu sei como é perder alguém.

Os dois ficaram um tempo em silêncio, até que Colin interrompeu o momento para ler mais um trecho em voz alta:

— Escutem só: *Ela me lembra muito você, Grace, tanto na aparência quanto na maneira de agir. Inventava histórias o tempo todo e ama fazer apresentações com marionetes. Fez uma antontem sobre os mitos indianos. Foi bastante elaborada! A pobre aia teve até que fazer cortinas de seda! Adoro assistir e escutar suas histórias.*

Mary mal podia acreditar.

— Ela escreveu que gostava das minhas peças?

O primo assentiu.

— Ainda tem certeza de que sua mãe odiava você, Mary? Certeza mesmo? — desafiou, entregando a carta para ela.

A menina releu as palavras, e uma luz pareceu se acender em sua cabeça. Lembranças se repetiram diante de seus olhos. O passado se retorceu e se reformulou, e de repente começou a ver sua infância de outra maneira, a contar uma história diferente sobre seu passado. A mãe que odiava tanto a filha que não queria nem olhar para ela se tornou a mãe cuja filha a lembrava tanto da irmã falecida que olhar para ela era difícil. A mãe cujo luto pela irmã gêmea era tão insuportável que a fizera se isolar do mundo, como um animal ferido, afastando qualquer pessoa que tentasse se aproximar, até a própria filha.

Então ela me amava, pensou Mary.

— Talvez nenhum de nós conheça nossos pais tão bem como pensávamos — observou Colin.

Mary assentiu, hesitante, e ouviu um som distante de risadas. Virando-se, viu as silhuetas fantasmagóricas da mãe e da tia, andando com ela e Colin ainda pequenos, saltitando entre as estátuas, todos de mãos dadas. Os olhos das mulheres brilhavam de amor, quando encaravam os filhos. Os quatro foram dançando até o templo e se dissolveram em meio à luz.



Mary não conseguia parar de pensar nas cartas o resto do dia. Não apenas nas partes sobre si mesma, mas nos trechos que mencionavam o tio. Se a tia Grace dava a entender que ele amava tanto o filho, por que ele não visitava Colin? E por que o forçava a tomar aquele remédio e o deixava acreditar que era corcunda? Será que a doença de Colin era mesmo só resultado da projeção dos medos do pai, exatamente como Grace temia que acontecesse?

Estava ajeitando o primo de volta na cama quando Martha entrou correndo.

— Senhorita! É a sra. Medlock. Ela está atrás de você. E não pode ver você aqui!

Mary disparou pelos corredores até a escadaria principal, onde viu o tio, que entrava pela porta da frente. Estava prestes a sumir para dentro do quarto quando a sra. Medlock saiu do salão de baile.

— Aí está você, garota! Procurei por toda parte.

— Eu estava lá fora — disse Mary, feliz por ainda estar com as roupas de brincar.

A sra. Medlock sorriu como um gato que acaba de ver uma tigela de leite. Parecia tremendamente satisfeita consigo mesma. Mary sentiu um frio subindo pela espinha.

— Bom, hoje tivemos uma bela surpresa — comentou a sra. Medlock. — Acabamos de receber notícias do Seminário para Moças da Senhorita Clawson. — O sorriso ficou ainda mais largo. — Estão prontos para aceitar você.

— Me aceitar? — repetiu Mary, o coração se enchendo de medo.

— Sim. — O sorriso da sra. Medlock era de triunfo. — Você vai para o internato, mocinha. Já fizemos as suas malas. O carro vai chegar para buscar você amanhã à tarde!



CAPÍTULO VINTE

Uma saída

Mary encarou a sra. Medlock, horrorizada.

— Internato?! Não, não estou pronta! Não posso ir!

— Não é você quem decide isso, garota — respondeu a governanta, com um brilho vitorioso nos olhos. — Já está tudo combinado. É uma escola cheia do tipo certo de gente. E com o tipo certo de disciplina.

Mary viu o tio passar no andar de baixo. Desceu as escadas correndo.

— Tio, não! — apelou.

— Ah, nada disso — bradou a sra. Medlock, correndo atrás dela. — Deixe ele em paz!

— Tio... Sr. Craven... Senhor! Por favor, não me mande embora. Por favor! Preciso ficar aqui! — implorou Mary.

O tio continuou andando sem nem olhar para ela. Mary ficou furiosa. Cega de raiva, puxou o braço dele.

— Colin não tem corcunda nenhuma! — gritou. — Por que fica dizendo que tem?

— Do que você está falando? — esbravejou o tio, sacudindo o braço para se soltar.

— Do Colin! Ele não é corcunda, e você sabe! — Mary notou a surpresa no rosto do tio, e, de repente, percebeu uma coisa. — Mas é claro. Você nem olha

para as costas dele, olha? Sequer visita seu filho o suficiente para saber como são suas costas.

— Quando Colin era mais novo, o médico disse que ele, possivelmente, desenvolveria uma corcunda como a minha, a não ser que tomasse os remédios e seguisse as orientações — defendeu-se o sr. Craven. — Segui as recomendações médicas. Não quero que meu filho sofra como eu sofri. O corpo dele é frágil.

— Mas não porque ele é corcunda! — exclamou Mary. De repente ela viu a chance de melhorar as coisas para Colin. — E sim porque ele fica trancado o tempo todo e porque o fizeram acreditar que é inválido. E por nunca usar as pernas. Isso pode mudar — insistiu, com fervor. — Ele não está morrendo! Por favor! Você precisa acreditar em mim!

A sra. Medlock se aproximou, bufando de raiva, e tentou puxar Mary para longe do tio.

— Pare com esse falatório, só vai piorar ainda mais as coisas.

Mas Mary resistiu e lutou. Precisava que o tio entendesse.

— Tia Grace não iria querer isso para Colin — gritou, tomada pela emoção. — Você não vê, tio? Ela não iria querer isso para vocês dois!

O sr. Craven explodiu:

— Calada, criança! Você não sabe nada sobre a minha esposa!

— Sinto muito, senhor — interveio a governanta. — Vou garantir que ela seja punida.

Mary bateu o pés com força, desesperada para fazê-los entender.

— Eu sei que ela não teria ficado parada do lado de fora do quarto do filho enquanto ele passava a noite chorando! Sei que ela amava a natureza e não iria querer que Colin ficasse trancado dentro de casa, que lhe dissessem que é corcunda, quando na verdade não é! Não vê o que está fazendo? Essa casa se tornou uma prisão. Para vocês dois!

O tio a olhou por um bom tempo, então saiu.

— Sinto muito, senhor. Ela vai embora amanhã mesmo — prometeu a srta. Medlock, desesperada, enquanto ele se afastava.

— Ótimo! — vociferou o sr. Craven, sem nem olhar para trás.



A governanta levou Mary de volta até o quarto e a empurrou com raiva para dentro. Esquecendo a promessa que fizera de nunca mais chorar, a menina se debulhou em lágrimas. Achava que não suportaria ser mandada para um internato, sem seus amigos e o jardim secreto.

Chorou até cair no sono e acordou no meio da noite. Quando abriu os olhos, tudo que havia acontecido voltou como uma enchente, e Mary foi tomada por uma determinação de aço. Podiam tentar mandá-la embora, se quisessem, mas primeiro teriam que encontrá-la!

Saiu da cama e desceu as escadas na ponta dos pés. A porta do escritório do tio estava aberta, e uma luz estava acesa lá dentro. Mary deu uma espiada. O tio estava numa poltrona de couro junto a uma mesa na janela. Uma garrafa de uísque estava na mesa, e ele segurava um copo em uma das mãos e um porta-retratos na outra. Era o mesmo que Mary notara quando fora ao escritório, da outra vez. Tia Grace em primeiro plano, sentada na grama, com Colin olhando por cima do ombro dela, os bracinhos em volta do pescoço da mãe. Os dois sorriam para o fotógrafo.

Mary viu o tio esfregar o rosto.

— O que foi que eu fiz? — murmurou ele. — Ah, Grace, o que foi que eu fiz?

A menina engoliu em seco. Estava prestes a sair dali quando ouviu um chiado, e as luzes se apagaram. Congelou, esperando os olhos se ajustarem. Usando a luz da lua, o tio pegou uma vela e fósforos. Queimou a mão ao tentar acender a vela e soltou uma exclamação de raiva quando o fósforo apagou. Tentou mais uma vez, acendendo mais um fósforo e o largando no chão quando apagou também. Torcendo para não tropeçar nem esbarrar em nada, Mary passou pela porta correndo e desceu a escadaria principal. Pegou as botas e o casaco mais quente que encontrou no cabideiro e saiu correndo pela porta dos fundos. Quando o ar frio da noite bateu em seu rosto, ela se encheu de alívio e medo. Tinha conseguido! Tinha escapado!



Naquela noite, Mary dormiu no templo secreto, com Hector a seu lado. Acordou assim que o sol nasceu, com fome. Dickon passou pelo portão assoviando. Ele parou, surpreso em vê-la tão cedo, sentada nos degraus com Hector, assistindo ao nascer do sol, cujos raios se derramavam sobre o mar perfeito de flores, que desabrochavam em volta do templo e das estátuas. As ervas daninhas tinham sido eliminadas, e as flores se exibiam para o sol. Montinhos de lírios-do-vale brancos e sinos azuis se amontoavam nas áreas de sombra, e dedaleiras cor-de-rosa despontavam logo atrás. Os arbustos de hidrângeas estavam cobertos de flores lilases enormes, e botões rosados como pompons saíam pelas beiradas, junto com nuvens brancas de flores de laranjeira e hipéricos amarelos.

— Mary? O que está fazendo aí? — perguntou Dickon.

— Querem me mandar para um internato hoje mesmo. Mas eu não vou, Dickon. Não vou!

Ele assentiu, compreensivo.

— Colin vai querer saber onde estou — continuou Mary, aflita. — Pode ir até ele? Pode pedir ajuda da Martha para trazê-lo para cá?

Ficou olhando enquanto Dickon saía do jardim. O que todos estariam fazendo? A essa altura, já teriam notado que fugira. O que estariam dizendo? Uma sensação de satisfação por ter enganado a sra. Medlock a aqueceu, fazendo-a esquecer dos dedos gelados. Quando o sol subiu mais alto, Mary sentiu seu calor mergulhando na pele e foi até o riacho beber um pouco de água.

Ao retornar, Mary viu Dickon empurrando a cadeira de Colin. Os meninos pareciam empolgados.

— Quase fomos pegos, Mary! Por pouco a sra. Medlock não flagrou Dickon no meu quarto. Ele teve que se esconder no armário. Quando ela saiu, teve que me empurrar o mais rápido possível. Achei que ia cair da cadeira! — Então notou a expressão no rosto de Mary. — O que está acontecendo? Dickon disse que você fugiu.

Ela correu para Colin.

— Fugi. Não posso ir para um internato, Colin. Não posso! — Mary olhou para o jardim. Tinha bolado um plano durante a noite. — E não preciso. Eu posso ficar aqui! — Ao notar a dúvida no rosto de Colin, prosseguiu: — Serei feliz aqui. Você pode trazer comida e roupas. E cobertores.

Colin balançou a cabeça.

— Sei que você não quer ir embora, e nós não queremos que você vá... — disse, hesitante.

— Isso mesmo. Não queremos — afirmou Dickon.

Mary ficou grata pela amizade sincera nos olhos deles.

— Mas você não pode ficar trancada nesse jardim — falou o primo, levantando-se da cadeira, ficando de pé com as pernas bambas. — É tão ruim quanto eu ficar trancado no meu quarto. A vida é para ser vivida.

— Diz o menino que nunca viu nada dela! — retrucou Mary.

— Diz a menina que tem tanta certeza de que ninguém a ama que se esforce para que ninguém ame mesmo! — exclamou Colin.

Mary o encarou, furiosa.

— Você não entende. No internato, não vão gostar de mim como vocês gostam. Vou voltar a ser sozinha como antes, e acho que não consigo suportar isso. — Ela levantou a voz. — Gosto demais daqui. Gosto disso — ela abriu os braços —, e de vocês dois.

Hector os interrompeu, latindo desesperado. Mary franziu o cenho. O que o cachorro estava fazendo?

As crianças olharam para trás; ao longe, na direção da casa, uma coluna de fumaça subia ao céu.

— Aquela fumaça... — começou Colin, alarmado. — Aquilo é normal?

— Não — respondeu Dickon, aflito.

— Está vindo da casa! Deve estar pegando fogo! — exclamou Mary.

— Pai! — gritou Colin.

— Martha! — exclamou Dickon, assustado.

Mary não hesitou. Disparou na direção do portão, com Dickon logo atrás. Colin deu alguns passos cambaleantes. Mary olhou para trás e viu a frustração e a derrota no rosto dele.

— Eu não consigo! — gritou ele. — Mas vão... VÃO!



CAPÍTULO VINTE E UM

O incêndio

Mary e Dickon correram até a casa. Chamas saíam de todas as janelas, e a fumaça preta encobria o céu azul. A casa inteira estava queimando!

Quando chegaram à porta da frente, Martha saiu tossindo, gaguejando:

— Mary! Dickon! Fiquem para trás! Já acionaram os bombeiros. Não temos mais nada a fazer!

— Todo mundo saiu? — perguntou Mary.

— O patrão não — disse Martha, os olhos se enchendo de lágrimas. — Não sabemos onde está. Ninguém o vê desde que o fogo começou.

Mary correu até a porta, subindo os degraus aos saltos.

— Mary! — gritou Dickon.

— Eu sei onde ele está! — gritou a menina..

Correu pelo saguão de entrada, subindo as escadas. O ar estava sufocante de tão quente, a fumaça fluando escadaria abaixo, fazendo-a lacrimejar. Os estalos do fogo e barulhos de objetos caindo enchiam a casa, conforme as chamas vorazes engoliam tudo. Mary correu para o segundo andar, direto para o quarto de Colin. A porta estava aberta, e o tio estava lá dentro, olhando ao redor, impotente, como se não soubesse o que fazer.

— Eu sabia que você estaria aqui — exclamou Mary, ofegante.

O tio tossiu e estremeceu. Estava com o rosto sujo de fuligem, o cabelo desgrenhado.

— Onde está o Colin?

— Venha, por favor, venha — pediu Mary, puxando-o pelo braço.

— Não vou sair sem meu filho! — bradou o tio, balançando a cabeça. — Não posso abandonar meu filho. Não mais uma vez.

— Seu filho não está mais aqui, senhor — insistiu Mary.

Ele pareceu tomado pela dor.

— Ele morreu?

— Não! Eu estava com ele há cinco minutos. Dou minha palavra, pela alma de Grace Craven. Agora, por favor, venha comigo, e eu mostro onde ele está!

Sabia que precisava tirá-lo logo dali. Puxou-o pelo braço de novo, e, dessa vez, ele permitiu ser levado para fora do quarto enquanto as chamas começavam a engolir o lugar. O sr. Craven parecia tonto.

Mary o puxou pelo corredor já tomado de fumaça, mas, quando chegaram às escadas, ouviram um estalo no alto. Parte do teto tinha despencado, o gesso ardendo em chamas. Mary gritou e deu um pulo para trás. A casa estava desabando com eles dentro.

— Precisamos achar outra saída.

Deu meia-volta e passou pelo quarto de Colin, mas, enquanto corriam no meio da fumaça, o piso à frente cedeu, as chamas subindo.

Estamos presos, pensou, desesperada. Seremos queimados vivos. Olhou para o tio.

— Tio, você conhece a casa. Como podemos sair?

Ele tossiu forte e desabou no chão.

— Não! Por favor, não... Não consigo levantar você. — Mary tentou colocá-lo de pé outra vez, mas ele balançou a cabeça.

— Me deixe. Por favor. Me deixe aqui — pediu, desesperado.

Mary balançou a cabeça com força.

— Não! Colin precisa de você.

— Eu arruinei tudo — gemeu.

Mary ouviu passos e, ao levantar a cabeça, viu as silhuetas fantasmagóricas da mãe e da tia Grace no corredor. Seus olhos fitaram os delas, pedindo, implorando. Em um instante, Grace estava ao seu lado, as mãos ajudando seu tio a se levantar, e logo sumindo novamente, correndo até a irmã, parada na porta que levava ao quarto oculto. As duas olharam para Mary.

A menina teve certeza de que estavam tentando ajudar.

— Por ali! — gritou.

Ajudou o tio a atravessar o corredor, seguindo os fantasmas. A mãe e a tia entraram no quarto com os murais e desapareceram pela parede que dava para o quarto secreto. Mary apertou o trinco escondido e empurrou o tio para dentro do quarto, desesperada, batendo a porta. As irmãs estavam paradas do outro lado do quarto. Trocando um olhar conspiratório, as duas desapareceram.

— Não! — gritou Mary.

Então, notou. Outra porta, exatamente onde as irmãs tinham estado. Era pequena e estreita, disfarçada pelo papel de parede, mas tinha uma pequena maçaneta redonda. Mary a girou, mas estava trancada.

— Tio, me ajuda! — implorou, começando a chutar a porta frágil.

Mary olhou de volta para ele, que estava ajoelhado, olhando para os vestidos ao redor, os olhos cheios de lágrimas.

— Preciso de ajuda! — exclamou Mary.

Ele se levantou e correu até a porta, batendo nela com todo o seu peso. A madeira rachou e quebrou, e os dois caíram em uma escada de serviço. Não estava pegando fogo. Desceram aos tropeços e saíram por uma porta na escadaria principal do saguão. As labaredas já lambiam os degraus. As silhuetas da mãe e da tia reapareceram diante deles, descendo na direção do saguão. Mary pegou a mão do tio e foi atrás dele. Quando alcançaram os últimos degraus, a fumaça já ia até o alto. O sr. Craven pisou em falso e caiu, levando a garota junto. Os dois rolaram até o início da escada, aterrissando, emaranhados, no chão de azulejos do hall de entrada.

Mary ficou desnorreada demais para se mexer. Até que levantou a cabeça e viu a mãe debruçada sobre ela.

— Mãe?

Não sabia se dissera aquilo em voz alta, mas ela sorriu.

— Ah, mãe, eu estraguei tudo — disse Mary, os olhos se enchendo de lágrimas. — Eu só queria melhorar as coisas...

A mãe estendeu a mão e acariciou seu rosto.

O coração da menina quase parou.

— Por favor, fique — implorou.

Viu a mãe balançar a cabeça de leve e dar um beijo na sua testa. Através daquele toque dos lábios espectrais, Mary sentiu seu amor profundo. As duas se olharam uma última vez, até que sua mãe abriu um sorriso terno e sumiu.

— Mary! — gritou Dickon. Martha também veio correndo em meio a fumaça, tossindo. — Mary, você está...

— Levem meu tio! — gritou a menina. — Levem ele primeiro!

Martha e Dickon conduziram o sr. Craven pelos braços. Quando o jovem foi ajudar Mary também, ela já estava se levantando. Ao chegaram à porta, Mary olhou para trás e viu as figuras sorridentes da mãe e da tia na escadaria central. Pareciam felizes e em paz. De mãos dadas, as duas subiram as escadas em meio às chamas, reivindicando seu lar e desaparecendo.

Adeus, pensou Mary.

Tossindo e respirando com dificuldade, Mary cambaleou porta afora rumo ao ar puro.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Acreditar em magia

Martha e Dickon levaram Mary para mais longe da casa. A menina desabou no chão ao lado do tio, inspirando fundo. As roupas e o rosto do tio estavam cobertos de fuligem e cinzas, e ela sabia que não devia estar muito melhor.

— Abram espaço! Deem espaço a eles! — gritou a sra. Medlock, abanando os braços, enquanto as sirenes anunciavam a chegada dos bombeiros.

— No que estava pensando, garota? Foi muita, muita estupidez! — repreendeu a sra. Pitcher, parecendo não saber se ria ou se chorava.

— E muita coragem — acrescentou Martha, ajudando Mary a se sentar.

A menina encarou os olhos preocupados de Dickon e sentiu uma onda de alívio. Consequira. Salvara seu tio.

O sr. Craven se levantou com dificuldade. Parecia quebrado.

— Me mostre — pediu a Mary, rouco. — Mostre onde está meu filho. Preciso ir até ele.

— É por aqui, senhor — disse Mary.

Dickon e ela o guiaram até o portão coberto de heras. O rosto do tio estava tenso.

— Colin está aqui — informou, afastando as trepadeiras e girando a maçaneta.

O tio e a sra. Medlock pisaram no jardim, e o sol brilhou forte através do comprido dossel de flores amarelas. Mary notou o espanto no rosto dos dois

enquanto atravessavam o túnel dourado magnífico e saíam no jardim com seus canteiros arrumados, cheios de botões.

— Ora, mas que lugar lindo! — exclamou a sra. Medlock, maravilhada, olhando para os canteiros, as árvores cuidadas e o caminho de cascalho, já livre das ervas daninhas.

— Ele é nosso — disse Mary.

Observou o tio, que olhava em volta, chocado com o jardim florescendo e aquela desordem de cores.

— Era dela, mas agora acho que ela quer dividir o lugar com a gente.

— E Colin está aqui? — O tio a olhou, quase que implorando. — Cadê meu filho?

— Chame por ele, senhor — sugeriu Mary.

O tio andou apressado pelo jardim.

— Colin? — chamou, afastando as folhas para os lados enquanto o procurava.
— Colin?

Mary, Dickon e a sra. Medlock o seguiam.

— Por favor, senhor, tenha cuidado — disse a governanta, ansiosa, mas o sr. Craven a ignorou.

— Colin! — gritou.

O menino estava sentado na grama junto ao templo, as mangas da camisa arregaçadas.

— Ali! — exclamou Mary, puxando o tio e apontando.

— Pai! — gritou Colin, aliviado. — Você está bem!

O sr. Craven saiu correndo, cambaleante. Mary correu junto dele. O homem parou um pouco longe do filho e o encarou, como se não acreditasse no que estava vendo.

— Achei que tivesse perdido você — sussurrou, os olhos analisando cada traço do rosto do filho. — E, de todos os lugares em que você poderia estar... Aqui. No jardim dela...

O homem mais velho começou a se aproximar, mas Colin balançou a cabeça.

— Não, espera. Por favor, pai.

O menino se ajoelhou com dificuldade, e, usando um cajado que Dickon talhara para ele, pôs-se de pé e abriu um sorriso orgulhoso para o pai.

O sr. Craven empalideceu.

— Colin, você está de pé!

O menino assentiu e deu um passo na direção do pai. Então parou, depois deu mais um e mais outro. O sr. Craven observava, pasmo.

— Como pode ser? — sussurrou.

Colin cambaleou nos últimos passos e caiu nos braços de seu pai.

— Mágica — respondeu, quando ele o segurou. Os dois se encararam. — Segredos. — Colin se virou para o jardim. — *Ela*.

— Ela? — perguntou o pai, confuso.

— A mãe dele — explicou Mary.

A sra. Medlock resolveu se pronunciar:

— Ela está aqui, senhor. Tenho certeza — afirmou a governanta, a voz mais cálida do que Mary jamais ouvira.

O sr. Craven e ela se entreolharam por cima de Colin, e uma lágrima escorreu pelo rosto do tio. Com um grunhido, ele abraçou o filho como se nunca mais fosse soltá-lo.

— Me perdoe, Colin. Eu devia ter visitado mais você e percebido que não precisava do remédio. Mas era... — Ele engoliu em seco. — Difícil demais para mim. Sinto muito, muito mesmo.

— Tudo bem, pai — respondeu Colin, os olhos brilhando com as lágrimas. — Eu entendo. Você tem vivido numa prisão tanto quanto eu.

O pai o olhou cheio de admiração.

— Desde quando somos nós que aprendemos com as crianças?

Mary trocou olhares com Dickon. *Todos nós ensinamos uns aos outros*, pensou. *E o jardim foi quem mais nos ensinou.*

— Chega disso — disse o menino, apressado. — Diga, pai. Gostou do jardim? Quer uma excursão especial?

O rosto do pai se iluminou com um sorriso.

— Sim, Colin — respondeu. Depois pigarreou e completou: — Eu adoraria.

Com um sorriso, o jovem saiu mancando pelo jardim, mostrando as plantas ao pai e à sra. Medlock. Mary sorriu para Dickon, que ia com ela logo atrás, seguidos de perto por Hector.





CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Quatro meses depois...

Mary, Colin e Dickon estavam sentados à beira do riacho, balançando as pernas dentro da água límpida enquanto Hector farejava os arbustos ao lado. A primavera passara, e o jardim estava lotado de flores de verão — malvas altíssimas, campânulas, roseiras desordenadas, ervilhas de cheiro, madressilvas entrelaçadas, canteiros de lavandas lilás, gerânios cor-de-rosa e alegres dalias amarelas e vermelhas. O portão ficava aberto o tempo todo, e a casa se tornara um lugar muito diferente. O tio de Mary estava determinado a reconstruí-la, abrindo os velhos cômodos, supervisionando os pedreiros e decoradores, sua alma voltando a ganhar vida enquanto construía um novo lar das cinzas daquela prisão. O plano de mandar Mary para o internato ficara para trás no dia do incêndio, e o sr. Craven usava os livros da biblioteca para ensinar o filho e a sobrinha sobre o mundo.

Contratara mais funcionários para a sra. Medlock, Martha e a sra. Pitcher não ficarem tão sobrecarregadas, e a casa voltara a ser um lugar agitado e alegre. Dickon era o jardineiro oficial. Ainda conseguia transitar pela neblina como uma sombra, mas era visto com mais frequência pela propriedade, assoviando, com Hector em seu encalço.

Depois de terminarem as aulas matinais, Colin e Mary pegavam o almoço com a sra. Pitcher — com presunto de sobra para Hector — e encontravam Dickon e o cachorro no jardim secreto. Passavam as tardes juntos, cuidando do lugar, tirando as ervas daninhas, separando as plantas que cresciam muito juntas. Também

brincavam, e Mary contava todas as suas histórias. A risada das crianças parecia fazer as plantas crescerem, e Colin ficava mais forte e saudável a cada dia. Já podia correr, nadar e mergulhar.

— Conte uma história, Mary — pediu ele, espirrando água com os pés.

— Muito bem. — Mary olhou para os dois melhores amigos e sentiu que era lavada por uma onda de felicidade. — Era uma vez três pessoas que se amavam muito...

— Quatro — interrompeu Colin, abraçando o cachorro. — E o Hector?

— Talvez eu estivesse contando com ele, não com você — provocou Mary.

O primo atirou um punhado de grama nela.

— Quero que essa história tenha cinco pessoas. Ou melhor, seis: também tem que incluir Hector, meu pai e Martha.

Dickon assentiu.

— Sim, coloque Martha nessa.

— Se os dois não pararem de opinar, não vou conseguir contar história alguma! — reclamou a menina.

Os garotos se olharam.

— Desculpe, Mary — entoaram, em coro.

— Obrigada. — Ela se sentou mais confortavelmente. — Agora, caso estejam prontos e calados, posso tentar mais uma vez. — Ela abriu um sorriso travesso. — Era uma vez *algumas* pessoas que moravam juntas numa velha casa deserta. E tinham um jardim só delas, um jardim secreto.

O pisco se empoleirou em uma pedra ali perto e cantarolou para Mary, encorajando-a. A menina sorriu.

— O jardim tinha pássaros simpáticos e outros animais, um riacho que curava e fantasmas amáveis que tomavam conta dele. No começo, as pessoas que viviam ali não sabiam, mas o jardim era mágico. E, quanto mais o visitavam, mais forte e saudáveis elas ficavam.

Colin assentiu, satisfeito.

— Elas eram muito felizes juntas. Muito felizes.

Mary olhou em volta. O jardim parecia reluzir com segredos que um dia estiveram presos, mas que tinham sido revelados. Ela estava transbordando de alegria.

— As pessoas salvaram o jardim, assim como ele as salvou — continuou, a voz doce. — Porque acreditaram na mágica do lugar.

Um vento agitou as flores e as árvores.

— *Mágica* — sussurrou o jardim de volta.



LINDA CHAPMAN é uma escritora britânica com cerca de duzentos livros publicados. Conhecida por suas séries infantis sobre unicórnios, sereias e magia, ela ama chocolate e animais. Atualmente, vive em Leicestershire com o marido e os três filhos.

SARAH
DESSSEN

AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES

O resto
da
história

Harper
Collins

O resto da história

Dessen, Sarah

9788595086180

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Emma Saylor perdeu a mãe ainda criança. Quando seu pai decide se casar de novo e seus planos para o verão dão errado, sua única alternativa é passar a estação na casa de sua distante família materna. Assim, Emma parte em uma jornada de autoconhecimento para entender suas origens, encontrar respostas de dúvidas que nem sabia ter e descobrir o valor de fazer parte de duas famílias. Ao confrontar uma nova realidade e ouvir os segredos sempre sussurrados sobre a mãe, Emma vai contar com a ajuda de seu antigo amigo de infância, Roo, que, além de ser a pessoa com a chave para desvendar os segredos do passado de Emma, faz o coração da garota palpitar. Estas, com certeza, serão férias que Emma Saylor lembrará para sempre.

[Compre agora e leia](#)

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

Ø Pequeno Príncipe

Com aquarelas do autor



Tradução
original
de 1952

Harper
Collins

O pequeno príncipe (original)

Saint-Exupéry, Antoine de

9788522014743

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Livro de criança? Com certeza.

Livro de adulto também, pois todo homem traz dentro de si o menino que foi.

Como explicar a adoção deste livro por povos tão variados, em tantos países de todos os continentes? Como explicar que ele seja lido sempre por tantos milhões e milhões de pessoas? Como explicar a atualidade deste livro traduzido em oitenta línguas diferentes? Como compreender que uma história aparentemente tão ingênua seja comovente para tantas pessoas?

O pequeno príncipe devolve a cada um o mistério da infância. De repente retornam os sonhos. Reaparece a lembrança de questionamentos, desvelam-se incoerências acomodadas, quase já imperceptíveis na pressa do dia a dia. Voltam ao coração escondidas recordações. O reencontro, o homem-menino.

[Compre agora e leia](#)

CHEGOU A HORA DE SE TORNAR UMA HERÓINA

UMA DOBRA NO TEMPO

MADELEINE
L'ENGLE

 Harper
Collins

Uma dobra no tempo

L'Engle, Madeleine

9788595082205

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um clássico da fantasia e da ficção científica emerge!

Após uma noite de forte tempestade, uma visita estranha chega à casa da família Murry e convoca Meg, seu irmão Charles Wallace e o amigo deles, Calvin O'Keefe para uma aventura muito perigosa e extraordinária – uma viagem que ameaçará suas vidas e o nosso universo.

Uma dobra no tempo é o primeiro da aclamada série em cinco volumes de Madeleine L'Engle. Sua adaptação cinematográfica chega às telas em uma megaprodução Disney em março de 2018.

[Compre agora e leia](#)



O LIVRO DE OURO DA

MITOLOGIA

Histórias de deuses e heróis

Thomas Bulfinch

O livro de ouro da mitologia

Bulfinch, Thomas

9788595082755

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

Altaires ruíram e templos se perderam nas areias do tempo, mas as religiões da Grécia e da Roma Antigas nunca desapareceram por completo. Seu legado de mitos e heróis continua presente até hoje, e é o pilar da cultura ocidental. As histórias passadas de geração a geração há milênios, que hoje são peças-chave das mais populares e consagradas obras de diversas formas de arte estão reunidas aqui, sob as bênçãos de Zeus.

As mais cativantes narrativas que a mente humana já criou transportam o leitor para terras onde fatos incríveis acontecem - onde belas ninfas e corajosos heróis veem seus destinos nas mãos de caprichosos deuses e criaturas fantásticas ganham vida.

[Compre agora e leia](#)



Cordialmente Cruel

Johnson, Maureen

9788595085978

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Instituto Ellingham é um famoso colégio privado em Vermont. Fundado por Albert Ellingham, um magnata do início do século XX, é um local maravilhoso, repleto de charadas, caminhos mirabolantes e jardins. "Um lugar", nas palavras de seu criador, "onde aprender é um jogo."

Porém, em 1936, logo após a abertura da escola, a esposa e a filha de Ellingham são sequestradas. A única pista digna de ser seguida é uma debochada carta listando métodos para cometer um assassinato, assinada com o pseudônimo "Cordialmente, Cruel". A polícia não consegue resolver o crime, que se torna um dos grandes enigmas da história dos Estados Unidos. Algo como aquilo jamais poderia acontecer novamente, é claro.

Anos depois, Stevie Bell, aluna e detetive amadora, está pronta para começar seu primeiro ano no Instituto Ellingham, e tem um plano ambicioso: solucionar esse antigo caso. Isto é, depois de lidar com sua exigente vida escolar, seus deveres de casa e seus excêntricos colegas de classe. Mas algo estranho acontece. Cordialmente Cruel faz um retorno surpresa e a morte revisita a escola. O passado ressurge das cinzas. Alguém que se safou de um assassinato ainda está vivo. Será que Stevie e seus amigos vão conseguir desvendar a identidade do dono da assinatura?

Primeiro livro de uma trilogia, Cordialmente Cruel mostra todo o talento e o amor que a escritora Maureen Johnson tem pela literatura policial, mas sem esquecer do seu público fiel, o que torna este livro uma obra rara, que mistura dois gêneros de maneira inesquecível.

[Compre agora e leia](#)